



O MAGO

A FILHA DO IMPÉRIO

RAYMOND E. FEIST
& JANNY WURTS

Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Este livro é dedicado a Harold Matson com um profundo
agradecimento, respeito e amizade*

AGRADECIMENTOS

Estamos em dívida para com muitas pessoas por muitas das coisas que fazem parte deste livro. Gostaríamos de deixar publicamente os nossos sinceros agradecimentos pelos respetivos contributos, intencionais ou não:

Aos «Friday Nighters», cujo carinho pelos jogos valeu ao Raymond várias ideias maravilhosas que foram utilizadas em dois mundos, e aos muitos criadores desses jogos, muito especialmente à *Midkemia Press*.

A Kyung e Jon Conning, que levaram a Janny numa visita guiada pela sua terra natal, a Coreia, que muito contribuiu para o colorido deste livro.

A Virgina Kidd, por ajudar a Janny a dizer sim, e por muitos anos de conselhos sensatos e amizade.

Aos nossos editores, Adrian Zackheim, que nos acompanhou no princípio, e Jim Moser, que esteve presente no fim.

A Richard C. Freese, por se preocupar mais do que lhe era exigido.

A Elaine Chubb, por nos fazer ficar bem na fotografia.

A Daniel P. Mannix IV por ser um exemplo daquilo que é um escritor, e por nos proporcionar um lugar extraordinário para trabalhar (não obstante os patos).

E a Barbara A. Feist por aturar um de nós.

Raymond E. Feist
Janny Wurts
Frazer, PA, junho, 1986







SENHORA

O sacerdote fez soar o gongo. O som retumbou pelas abóbadas do templo, esplêndidas com as suas belíssimas esculturas coloridas. A nota solitária ecoou de um lado para o outro, diminuindo de intensidade até ser apenas uma recordação, um espectro de som.

Mara ajoelhou-se, e as lajes frias do chão do templo absorveram o calor do seu corpo. Estremeceu, embora não de frio, depois olhou de relance para a esquerda, onde outra noviça se ajoelhava numa posição idêntica à sua, imitando os movimentos de Mara ao erguer o toucado branco das noviças da Ordem de Lashima, Deusa da Luz Interior. Desajeitadamente ajoelhada com o pano amarrado como uma tenda à volta da cabeça, Mara aguardava impacientemente o momento em que seria permitido baixar e amarrar o toucado. Mal tinha acabado de levantar o pano e aquela coisa já lhe roçava os braços, pesando como pedras! O gongo soou outra vez. Recordando a presença eterna da deusa, Mara sobressaltou-se com a irreverência dos seus pensamentos. Agora, mais do que em qualquer outro momento, não podia desconcentrar-se. Pediu perdão à deusa em silêncio, escusando-se com os nervos — cansaço e excitação, combinados com apreensão. Mara rezou para que a Senhora a guiasse até à paz interior que tanto almejava.

O gongo soou outra vez, o terceiro repique de vinte e dois, vinte para os deuses, um para a Luz do Céu e um para as crianças imperfeitas que aguardavam agora para se juntarem ao serviço da Deusa da Sabedoria do Céu Superior. Aos dezassete anos, Mara preparava-se para renunciar ao mundo temporal, tal como a rapariga ao seu lado que — dentro de mais dezanove toques do gongo — seria considerada sua irmã, embora se tivessem conhecido há apenas duas semanas.

Mara avaliou a sua futura irmã: Ura era uma rapariga taciturna oriunda de uma família sem clã, mas abastada, da Província de Lash enquanto Mara descendia de uma família antiga e poderosa, os Acoma. Ura fora enviada para o templo como uma demonstração pública de devoção por parte da família, ordenada pelo tio, o questionável senhor da família, que procurava admissão em qualquer clã que aceitasse a sua família. Quando as raparigas tinham contado as suas histórias no primeiro encontro, Ura mostrara-se incrédula, depois quase irada, ao saber que a filha de um poderoso senhor procurava abrigo eterno entre as paredes da Ordem. A linhagem de

Mara era sinónimo de uma posição num clã, de poderosos aliados, de um manancial de pretendentes abastados e de garantia de um bom casamento com o filho de outra casa poderosa. Segundo as palavras de Ura, o seu próprio sacrifício era feito para que as gerações vindouras de raparigas da sua família pudessem ter as coisas a que Mara decidira renunciar. Mais de uma vez, Mara cogitara se Ura seria uma boa irmã para a Ordem. Depois, e também mais de uma vez, Mara questionara a sua própria valia para a Irmandade.

O gongo soou, penetrante e harmonioso. Mara fechou os olhos por instantes, suplicando orientação e conforto. Porque é que continuava pejada de dúvidas? Após mais dezoito batidas, perderia para sempre familiares e amigos, e tudo o que lhe era familiar. Toda a sua vida passada seria deixada para trás, desde as brincadeiras de criança até às preocupações de uma filha de nobre em relação ao papel da família no Jogo do Conselho, aquela interminável luta pelo domínio que orientava a vida dos Tsurani. Ura tornar-se-ia sua irmã, não obstante as diferenças das suas origens, pois na Ordem de Lashima ninguém reconhecia a honra pessoal ou o nome de família. Restaria somente o serviço à deusa, através da castidade e da obediência.

O gongo voltou a soar, a quinta batida. Mara espreitou para cima até ao altar sobre o tablado. Emoldurados por debaixo de arcos esculpados, seis sacerdotes e sacerdotisas ajoelhavam-se diante da estátua de Lashima, cuja frente se encontrava desvelada para a iniciação. A aurora entrava pelas janelas de arco ogival no alto das abóbadas, e um ténue brilho estendia-se como dedos pelo templo semiobsuro. O toque do nascer do Sol parecia acariciar a deusa, suavizando as velas cerimoniais que, como pedras preciosas, a rodeavam. Mara achava que a Senhora parecia imensamente benévola sob a luz da manhã. A Senhora da Sabedoria olhava absortamente para baixo com um ténue sorriso nos lábios cinzelados, como se todos os que estavam sob os seus cuidados fossem amados e protegidos, encontrando a paz interior. Mara rezou para que isso fosse verdade. O único sacerdote que não estava ajoelhado voltou a bater no gongo. O metal refletiu a luz do Sol, e uma esplêndida explosão de dourado atacou a negra cortina que envolvia a entrada para o templo interior. Depois, quando o brilho ofuscante começou a diminuir, o gongo soou outra vez.

Ainda soaria mais quinze vezes. Mara mordeu o lábio, convicta de que a clemente deusa perdoaria um lapso momentâneo. Os seus pensamentos eram como luzes rutilantes de cristais partidos, adejando de um lado para o outro, nunca se delongando no mesmo sítio. *Eu não sou feita de uma índole apropriada para a Irmandade*, confessou Mara, fitando a estátua. *Por vossa graça, tende paciência comigo, Senhora da Luz Interior*. Olhou outra

vez para a sua companheira; Ura permanecia imóvel e em silêncio, com os olhos fechados. Mara decidiu imitar o comportamento exterior da companheira, ainda que não conseguisse encontrar a calma adequada no interior. O gongo fez-se ouvir uma vez mais.

Mara procurou aquele âmagô oculto do seu ser e tentou tranquilizar a mente. Durante alguns minutos conseguiu. Depois, o bater do gongo despertou-a de novo para a realidade. Mara mudou de posição em silêncio rejeitando a irritação enquanto tentava aliviar a dor nos braços. Sentiu vontade de bocejar. A paz interior ensinada pelas irmãs fugiu-lhe outra vez, embora se tivesse azafamado no convento durante seis meses antes de os sacerdotes do Templo Elevado a considerarem merecedora de um teste na Cidade Sagrada.

Mais uma vez, o gongo soou, um chamamento tão intrépido quanto a trompa que convocara os guerreiros acoma para a formação. Como pareciam valentes com as suas armaduras verdes lacadas, sobretudo os oficiais com as suas galantes plumas, no dia em que haviam partido para combater com as forças do Senhor da Guerra. Mara preocupava-se com a evolução da guerra no mundo bárbaro, onde o seu pai e irmão combatiam. Muitas das forças da família estavam ali empenhadas. A lealdade do clã estava dividida no seio do Conselho Supremo, e como não havia uma família inequivocamente dominadora, as políticas de linhagem não foram brandas para com os Acoma. As famílias do Clã Hadama estavam unidas apenas no papel, e uma traição aos Acoma por parte de primos distantes que procuravam os favores dos Minwanabi era uma forte possibilidade. Se Mara tivesse assento no conselho do seu pai, teria incitado uma separação face à Fação Bélica, e até mesmo uma aliança com a Fação da Roda Azul, que fingia interesse apenas no comércio, enquanto se dedicava sub-repticiamente a malograr o poder do Senhor da Guerra...

Mara franziu o cenho. A sua mente fora novamente seduzida por preocupações terrenas. Pediu desculpa à deusa, depois afastou os pensamentos do mundo que ia deixar para trás.

Mara espreitou quando se ouviu de novo o gongo. As feições pétreas da deusa pareciam agora assumir contornos de delicada repreensão; a virtude começava no indivíduo, recordou. A ajuda só seria dada àqueles que procuram verdadeiramente o esclarecimento. Mara baixou o olhar.

O gongo ressoou e, por entre os estilhaços da harmonia moribunda, outro som se intrometeu, uma perturbação completamente deslocada. Sandálias roçagavam nas lajes da antecâmara, som que era acompanhado pelo sombrio estrépito de armas e armaduras. Do outro lado da cortina, um sacerdote que estava a assistir desafiou num murmúrio dissonante: —

Parai, guerreiro! Não podeis entrar para o templo interior neste momento! É proibido!

Mara empertigou-se. Foi percorrida por uma arrepiante presciência. Por debaixo da proteção do toucado em forma de tenda, vislumbrou os sacerdotes que estavam no tablado a levantarem-se sobressaltados. Voltaram-se de modo a encarar o intruso, e o gongo não soou, permaneceu em silêncio.

O Sacerdote Superior dirigiu-se determinado para a cortina, com o sobrolho franzido de receio. Mara fechou os olhos com força. Se ao menos conseguisse mergulhar o mundo exterior na penumbra com a mesma facilidade, ninguém conseguiria encontrá-la. Porém, o ruído dos passos parou, dando lugar à voz do Sacerdote Superior. — Que motivos tendes para esta atrocidade, guerreiro? Estais a violar o ritual mais sagrado.

— Procuramos a Senhora dos Acoma! — troou uma voz.

A *Senhora dos Acoma*. Como o gume frio de um punhal varando-lhe o ventre, as palavras trespassaram o espírito de Mara. Aquela simples frase mudou a sua vida para sempre. A sua mente insurgiu-se, recusando-se a aceitar a realidade, mas conseguiu manter-se tranquila. Nunca envergonharia os seus antepassados revelando publicamente a sua amargura. Controlou a voz enquanto se levantava lentamente. — Estou aqui, Keyoke.

Como uma só pessoa, os sacerdotes e sacerdotisas observaram o Sacerdote Superior atravessar o templo e colocar-se ao lado de Mara. As insígnias bordadas das suas vestes oficiais reluziram caprichosamente quando fez sinal para que uma sacerdotisa se aproximasse, ao que ela se apressou a obedecer. Depois, perscrutou os olhos de Mara e leu a mágoa contida que eles revelavam. — Filha, é evidente que a nossa Senhora da Sabedoria ordenou que segússeis outro caminho. Ide com o seu amor e graça, Senhora dos Acoma. — Fez uma ligeira vénia.

Mara respondeu com outra, depois devolveu o toucado à sacerdotisa. Sem se aperceber do suspiro de inveja de Ura, voltou-se finalmente para encarar o arauto das notícias que vinham mudar o rumo da sua vida.

Do outro lado das cortinas, Keyoke, Comandante das Forças Armadas dos Acoma, contemplou a sua senhora com um olhar extenuado. Era um velho guerreiro com cicatrizes de guerra, altivo e brioso não obstante os quarenta anos de serviço leal. Manteve-se atento para se colocar ao lado da rapariga, oferecer-lhe um braço firme, e talvez até protegê-la dos olhares do público caso a tensão se revelasse demasiada para ela.

Pobre e sempre leal Keyoke, pensou Mara. Este anúncio também não fora fácil para ele. Ela não o desiludiria envergonhando a família. Perante uma tragédia, ela manteve os modos e a dignidade que se exigiam a uma senhora de uma grande casa.

Keyoke fez uma vénia quando a sua senhora se aproximou. Por detrás dele, estava o taciturno e alto Papewaio, e o seu semblante, como sempre, era uma máscara impenetrável. Era o guerreiro mais forte do séquito dos Acoma e servia como companheiro e criado de Keyoke. Fez uma vénia e desviou a cortina para ceder passagem a Mara.

Mara ouviu os seus passos a seguirem-na, um de cada lado, Papewaio um passo atrás, seguindo à risca as convenções. Sem proferir uma palavra, conduziu-os para fora do templo interior, para debaixo do toldo que protegia o jardim; este separava o templo interior do exterior. Acederam ao exterior, passando por entre gigantescas colunas de arenito que chegavam ao teto. Percorreram um comprido corredor, passando por magníficas pinturas que retratavam histórias da deusa Lashima. Tentando desesperadamente afastar a dor que ameaçava dominá-la, Mara recordava a história que cada imagem representava: como a deusa excedera em astúcia Turakamu, o Deus Vermelho, para salvar a vida de uma criança; como aplacara a ira do Imperador Inchonlonganbula, salvando a cidade de Migran da destruição; como ensinou ao primeiro homem de estudos o segredo da escrita. Mara fechou os olhos ao passarem defronte da sua favorita: como, disfarçada de velha, Lashima resolveu uma altercação entre um agricultor e a sua mulher. Mara desviou o olhar das imagens, pois pertenciam a uma vida que agora lhe era negada.

Não tardou a chegar às portas que davam para o exterior. Fez uma breve pausa no topo da escadaria de mármore desgastada. No pátio ao fundo estava meia companhia de guardas envergando a armadura verde e brilhante dos Acoma. Vários ostentavam ferimentos com ligaduras acabadas de colocar, mas puseram-se todos em sentido e fizeram continência assim que avistaram a sua senhora. Mara tentou ignorar o medo: se estavam soldados feridos a fazer serviço de escolta, era porque a batalha fora efetivamente brutal. Muitos bravos guerreiros tinham perdido a vida. O facto de os Acoma terem de revelar tamanho sinal de fraqueza fazia as maçãs do rosto de Mara arder de raiva. Grata pelo manto do templo que ocultava o tremor das suas pernas, desceu os degraus. Lá em baixo, aguardava-a uma liteira. Uma dúzia de escravos permaneceram em silêncio enquanto a Senhora dos Acoma se instalava no interior. Depois, Papewaio e Keyoke ocuparam as suas posições, um de cada lado. À ordem de Keyoke, os escravos agarraram as varas e ergueram a liteira sobre os ombros transpirados. Protegida da luz por uma cortina de cada lado da liteira, Mara permaneceu sentada rigidamente enquanto os soldados entravam em formação atrás e à frente da sua senhora.

A liteira balançou ligeiramente quando os escravos começaram a caminhar na direção do rio, percorrendo um trajeto eficiente por entre a tur-

ba que percorria as artérias da Cidade Sagrada. Seguiram por entre carroças puxadas por indolentes *needra* de seis patas e foram ultrapassados por mensageiros a correr e bagageiros a trote com trouxas ao ombro ou à cabeça, numa azáfama com as cargas de clientes que pagavam uma recompensa pela rapidez da entrega.

O burburinho e o afã do comércio para lá dos portões despertou Mara para a realidade; sob a proteção do templo, não registara completamente o choque do aparecimento de Keyoke. Agora esforçava-se para não derramar lágrimas sobre os coxins da liteira ao tomar consciência do que estava a acontecer. Queria não ter de falar, como se o silêncio pudesse velar a verdade. Mas ela era uma *tsurani*, e uma *acoma*. A cobardia não mudaria o passado, nem afastaria o futuro para sempre. Respirou fundo. Então, afastando uma cortina de modo a conseguir ver Keyoke, proferiu as palavras de que nunca duvidara.

— Morreram os dois.

Keyoke acenou laconicamente uma vez com a cabeça. — O vosso pai e irmão foram ambos enviados para um inútil assalto contra uma fortificação bárbara. Foi um assassinio. — Manteve as feições inalteradas, mas a sua voz transpareceu a amargura enquanto caminhava energicamente ao lado da sua senhora.

A liteira deu um solavanco quando os escravos se desviaram de um vagão apinhado de frutos *jomach*. Desceram a rua na direção da doca do rio enquanto Mara fitava as mãos entrelaçadas. Com uma concentração intensa, deu ordens aos dedos para que se abrissem e relaxassem.

— Contai-me o que aconteceu, Keyoke — disse, após um longo silêncio.

— Quando as neves do mundo bárbaro derreteram, recebemos ordens de retirada, prevendo-se um possível assalto dos bárbaros. — A armadura rangeu quando o velho guerreiro compôs os ombros, esforçando-se por afastar a recordação do cansaço e da perda, mas mantendo um tom de voz imperturbável. — Os soldados das cidades bárbaras de Zün e LaMut já estavam no terreno, mais cedo do que era esperado. Os nossos batedores foram enviados ao Senhor da Guerra, que estava aquartelado no vale das montanhas a que os bárbaros chamam Cordilheira das Torres Cinzentas. Como o Senhor da Guerra estava ausente, o seu subcomandante deu ordens para o vosso pai atacar o reduto dos bárbaros. Nós...

Mara interrompeu-o. — Esse subcomandante pertence aos Minwanabi, não pertence?

O semblante curtido de Keyoke deixou transparecer um trejeito de aprovação, como que a dizer *mantendes o discernimento apesar do luto*.

— Pertence. É o sobrinho do Senhor Jingu dos Minwanabi, o único fi-

lho do falecido irmão, Tasaio. — Mara cerrou os olhos enquanto ele prosseguia a narrativa. — Eles eram muito mais numerosos. O vosso pai sabia-o, todos nós o sabíamos, mas o vosso pai manteve a honra. Cumpriu as ordens sem as questionar. Atacámos. O subcomandante prometeu proteger o flanco direito, mas as suas tropas não chegaram a aparecer. Em vez de um ataque coordenado com o nosso, os guerreiros dos Minwanabi mantiveram-se na retranca, como que a preparar-se para um contra-ataque. Seguiram as ordens de Tasaio.

»Todavia, no preciso instante em que estávamos a ser assoberbados por um contra-ataque, chegou ajuda vinda do vale, de elementos das forças sob a insígnia de Omechkel e Chimiriko. Eles não faziam ideia da traição e combateram corajosamente para nos tirarem debaixo dos cascos dos cavalos dos bárbaros. Foi então que os Minwanabi lançaram um ataque, como que para repelirem o contra-ataque. Chegaram no preciso instante em que os bárbaros batiam em retirada. Para quem tivesse assistido às manobras desde o início, aquilo não passou de um fraco encontro com o inimigo bárbaro. Mas os Acoma sabem que foi uma traição por parte dos Minwanabi.

Mara estreitou os olhos e franziu os lábios; por um instante, a expressão de Keyoke transpareceu o receio de que a rapariga pudesse envergonhar a memória do pai chorando antes que a tradição o permitisse. Porém, em vez disso, falou tranquilamente, num tom de fúria controlada: — Portanto, o Senhor dos Minwanabi aproveitou a oportunidade e tratou da morte do meu pai, não obstante a nossa aliança na Fação Bélica?

Keyoke endireitou o elmo. — Assim foi, minha senhora. O Jingu dos Minwanabi deve ter dado ordens para que Tasaio alterasse as instruções do Senhor da Guerra. O Jingu foi audaz; teria merecido a ira do Tasaio e do Senhor da Guerra e uma morte ignominiosa se o nosso exército tivesse perdido a posição para os bárbaros. Mas o Almecho precisa do apoio dos Minwanabi na conquista, e embora esteja zangado com o sobrinho do Jingu, mantém o silêncio. Não se perdeu nada. Aparentemente, tratou-se apenas de um empate, sem vencedor. Mas no Jogo do Conselho, os Minwanabi triunfaram sobre os Acoma.

Pela primeira vez na vida, Mara escutou um vestígio de emoção na voz de Keyoke. — Eu e o Papewaio fomos poupados por ordens do vosso pai — disse ele, quase amarguradamente. — Ordenou que nos mantivéssemos afastados com esta pequena companhia, e incumbiu-nos da tarefa de vos proteger caso os acontecimentos seguissem o rumo que seguiram.

»O meu Senhor Sezu sabia que ele e o vosso irmão provavelmente não sobreviveriam àquele dia — acrescentou, obrigando-se a falar com o seu habitual tom de voz enérgico.

Mara afundou-se nos coxins com um nó no estômago. Doía-lhe a ca-

beça e sentia um aperto no peito. Inspirou longa e lentamente e olhou de relance para o outro lado da liteira, para Papewaio, que marchava com uma ausência de expressão estudada. — E o que dizeis vós, meu valente Pape? — perguntou ela. — Como devemos responder a este assassínio que assombrou a nossa casa?

Papewaio coçou absortamente a cicatriz do queixo com o polegar esquerdo, como era frequente fazer em momentos de tensão. — A vossa vontade, minha senhora.

Os modos do Primeiro Líder de Ataques dos Acoma eram aparentemente tranquilos, mas Mara percebeu que ele queria empunhar a lança e desembainhar o sabre. Por um tresloucado e irado instante, Mara considerou a possibilidade de uma vingança imediata. Por sua ordem, Papewaio atacaria o Senhor dos Minwanabi nos seus próprios aposentos, no seio do seu exército. Embora o guerreiro considerasse uma honra morrer nessa tentativa, ela afastou o insensato impulso. Nem Papewaio nem qualquer outro soldado que envergasse o verde dos Acoma conseguiria acercar-se a meio dia de marcha do Senhor dos Minwanabi. Além disso, uma lealdade como a dele era de proteger zelosamente, nunca de desperdiçar.

Longe do olhar dos sacerdotes, Keyoke perscrutou Mara atentamente. Os seus olhares cruzaram-se e ela fitou-o. Ela sabia que tinha uma expressão soturna e o semblante contraído e pálido, mas também sabia que suportara bem as notícias. Keyoke olhou em frente enquanto aguardava a seguinte pergunta ou ordem da sua senhora.

A atenção de um homem, ainda que fosse um velho servidor da família, fazia Mara ponderar, sem ilusões, e não ser crítica nem lisonjeadora. Ela era uma jovem atraente, não que fosse bonita, principalmente quando franzia o cenho a ponderar ou fazia uma carranca quando estava preocupada. Porém, o seu sorriso podia torná-la admirável, pelo menos assim lhe dissera um rapaz certa vez, e possuía uma certa qualidade atraente, uma energia vital, que a tornava quase vivaz em certas ocasiões. Era esguia e tinha movimentos graciosos, e aquele corpo bem definido chamara a atenção de mais do que um rapaz das casas vizinhas. Agora, era provável que um desses rapazes viesse a ser necessário para refrear a maré de desdita política que ameaçava destruir os Acoma. Com os olhos castanhos semicerrados, ponderou sobre a imensa responsabilidade que lhe caíra sobre os ombros. Percebeu, com um sentimento de descoroçoamento, que as riquezas femininas — a beleza, a argúcia, o charme, a sedução — tinham agora de ser utilizadas pela causa dos Acoma, juntamente com qualquer inteligência nata com que os deuses a tivessem beneficiado. Afastou a custo a sensação de que os seus dons não fossem suficientes para a tarefa; depois, sem dar por isso, estava a

recordar os rostos do pai e do irmão. A dor enfiou-se no seu âmago, mas obrigou-a a minguar. O pesar teria de esperar.

— Temos muito que conversar, Keyoke, mas não aqui — disse, brandamente.

Sob a intensidade do tráfego da cidade, os inimigos poderiam acercar-se de qualquer lado, espiões, assassinos, ou informadores disfarçados. Mara fechou os olhos para afastar os terrores da imaginação e também o mundo real. — Conversaremos quando apenas ouvidos leais aos Acoma nos puderem escutar.

Keyoke resmungou em acordo. Mara agradeceu em silêncio aos deuses o facto de ele ter sido poupado. Ele era inabalável, e ela precisaria de alguém assim ao seu lado.

Exausta, Mara recostou-se nos coxins. Tinha de ultrapassar a dor para raciocinar. O inimigo mais poderoso do seu pai, o Senhor Jingu dos Minwanabi, quase conseguira atingir uma das ambições da sua vida: a destruição dos Acoma. A contenda entre os Acoma e os Minwanabi remontava a várias gerações, e embora nenhuma das casas tivesse conseguido uma supremacia, de tempos a tempos uma ou a outra tinha de lutar para se proteger. Mas agora os Acoma tinham sofrido um rude golpe, e os Minwanabi estavam no auge do seu poder, rivalizando mesmo com a família do Senhor da Guerra em termos de poderio. Jingu já era servido por vassallos, sendo o primeiro de entre eles o Senhor dos Kehotara, cujo poder era idêntico ao do pai de Mara. E à medida que a notabilidade dos Minwanabi crescia, era provável que outros se lhes juntassem.

Durante bastante tempo, Mara permaneceu por detrás das cortinas esvoaçantes, aparentemente a dormir. A situação em que se encontrava era tenebrosamente evidente. Tudo o que se interpunha entre o Senhor dos Minwanabi e o seu objetivo era ela, uma jovem rapariga que estivera a dez toques do gongo de se tornar uma irmã de Lashima. Ao perceber isto, veio-lhe à boca um sabor a cinzas. Agora, se conseguisse sobreviver o suficiente para recuperar a honra da família, tinha de considerar os seus recursos e engendrar um plano, e entrar para o Jogo do Conselho; e tinha de arranjar maneira de frustrar a vontade do senhor de uma das Cinco Grandes Famílias do Império dos Tsuranuanni.

Mara pestanejou e fez um esforço para despertar. Dormitara intermitentemente enquanto a liteira percorria as agitadas ruas de Kentosani, a Cidade Sagrada, e a sua mente procurava um alívio da tensão a que fora sujeita. Agora, a liteira balançava suavemente enquanto era baixada para a doca.

Mara espreitou pelas cortinas, demasiado entorpecida para encontrar prazer na azáfama da turba junto à doca. Quando chegara pela primeira vez

à Cidade Sagrada, ficara fascinada com a diversidade multicolorida da multidão, com pessoas de todos os cantos do Império a pulular por todo o lado. Deslumbrara-se com o simples avistamento das embarcações de casas senhoriais a jusante e a montante do rio Gagajin. Ornamentadas com faixas, balanceavam nos ancoradouros como aves de plumas altivas no meio das aves de capoeira enquanto as barças comerciais e as barcas de comerciantes fervilhavam à sua volta. Tudo, desde as vistas aos sons e aos odores, era tão diferente das terras do seu pai — as terras que agora eram suas, melhor dizendo. Dilacerada por este pensamento, Mara mal reparou nos escravos que labutavam debaixo do sol intenso, na sua transpiração, nos seus corpos seminus sujos de fuligem enquanto carregavam mercadorias para as barças do rio. Desta vez, não ficou ruborizada como ficara quando passara pela primeira vez por este lugar com as irmãs de Lashima. A nudez masculina não era novidade para ela; quando era criança, brincara perto dos alojamentos dos soldados enquanto eles tomavam banho e durante anos nadara com o irmão e os amigos no lago sobranceiro ao prado das *needra*. Todavia, avistar homens despidos depois de ter renunciado ao mundo da carne parecia, de algum modo, ter feito diferença. Receber ordens da irmã de Lashima que as chefiava para desviarem o olhar aumentara a sua vontade de espreitar. Naquele dia, fizera um esforço para não fitar os corpos esbeltos e musculados.

Mas, agora, os corpos dos escravos não conseguiam deslumbrá-la, nem os gritos dos pedintes que clamavam a bênção dos deuses a quem acedesse a partilhar uma moeda com os menos aventureiros. Mara ignorou os pescadores, que perambulavam com o caminhar emproado de quem passara a vida na água, desdenhando secretamente dos que andavam em terra, com os seus vozeares carregados de humor grosseiro. Tudo lhe parecia menos colorido, menos alegre, menos cativante, enquanto contemplava através de uns olhos subitamente envelhecidos, menos dados a apreciar com pasmo e admiração. Agora, cada fachada iluminada pelo sol emanava uma sombra escura. E nessas sombras, havia um inimigo a maquirar.

Mara desceu rapidamente da liteira. Não obstante o traje branco das noviças de Lashima, comportou-se com a dignidade da Senhora dos Acoma. Manteve o olhar em frente ao caminhar para a barça que a levaria rio abaixo até Sulan-Qu. Papewaio abriu caminho para ela passar, afastando rudemente para os lados os trabalhadores. Outros soldados perambulavam por perto, guardiões de vestes de cores vivas que conduziam os seus senhores desde as barças até à cidade. Keyoke mantinha-se atento aos seus movimentos enquanto seguia ao lado de Mara ao atravessarem a doca.

Quando os seus oficiais a apressavam a atravessar a prancha de desembarque, Mara procurou um lugar escuro e tranquilo onde confrontar a sua

dor. Porém, assim que assentou um pé no tombadilho, o mestre da barçaça apressou-se a ir ao seu encontro. A sua túnica vermelha e roxa pareceu-lhe chocante pois estava habituada às vestes sombrias dos sacerdotes e sacerdotisas do convento. Berloques de jade tilintavam nos seus pulsos enquanto fazia uma vénia obsequiosa e oferecia à sua ilustre passageira a melhor acomodação que a sua humilde barçaça permitia, um monte de almofadas debaixo de um dossel ao centro, ladeado a toda a volta por cortinas diáfanas. Mara permitiu que a adulação continuasse até estar sentada, pois a cortesia assim obrigava, não fosse o homem levar a mal. Depois de se acomodar, deixou que o silêncio mostrasse ao mestre da embarcação que a sua presença já não era necessária. Ao perceber a indiferença da sua interlocutora, o homem fechou a fina cortina, permitindo finalmente um pouco de privacidade a Mara. Keyoke e Papewaio sentaram-se defronte, enquanto os guardas da casa real rodeavam o dossel, com o seu habitual estado de alerta sublinhado por uma implacável atitude de tensão pronta para o combate.

— Keyoke, onde está a embarcação do meu pai... a minha embarcação? E as minhas criadas? — indagou, aparentemente a fitar os redemoinhos que se formavam na água.

— A embarcação dos Acoma está na doca de Sulan-Qu, minha senhora — respondeu o velho guerreiro. — Achei que haveria menos probabilidades de um encontro noturno com os soldados dos Minwanabi se usássemos uma embarcação pública. A possibilidade de eventuais testemunhas sobreviventes poderia ajudar a desencorajar um ataque de inimigos disfarçados de bandidos. E caso nos deparássemos com dificuldades, receei que as vossas criadas se tornassem um estorvo. — Os olhos de Keyoke perscrutaram as docas enquanto falava. — De noite, esta embarcação atracará junto a outras barçaças, por isso nunca estaremos sozinhos no rio.

Mara acenou com a cabeça e fechou os olhos por um longo instante. — Muito bem — disse brandamente. Ela desejava privacidade, algo impossível de encontrar naquela embarcação pública, mas as preocupações de Keyoke eram bem fundamentadas.

O Senhor Jingu não se importaria de sacrificar uma companhia de soldados inteira para destruir os últimos acoma, com a certeza de que conseguiria lançar homens suficientes contra os guardas de Mara para os levarem de vencidos. Contudo, só o faria se estivesse certo de que seria bem-sucedido, e depois fingiria desconhecimento perante os outros Senhores do Conselho Supremo. Todos os que jogavam o Jogo do Conselho infeririam quem fora o autor de tal chacina, porém era obrigatório cumprir sempre as formalidades. Um viajante que conseguisse escapar, um guarda dos Minwanabi que fosse reconhecido, uma frase ocasional que fosse escutada por um barqueiro, e Jingu seria desmascarado.

A revelação pública da participação dos seus homens numa emboscada tão venal faria com que perdesse muito prestígio no Conselho, talvez até transparecendo a um dos seus «fiéis» aliados que estava a perder o controlo. Nesse caso, teria tanto a temer dos amigos como dos inimigos. Assim ditavam as regras do Jogo do Conselho. O meio de transporte escolhido por Keyoke poderia ser uma medida dissuasora de traição tão eficaz quanto mais uma centena de homens armados.

A voz do mestre da embarcação rompeu a atmosfera quando gritou para que os escravos largassem as amarras das docas. Um baque surdo e um solavanco e, subitamente, a barça estava em movimento, afastando-se da doca na direção do lento redemoinhar da corrente. Mara recostou-se, considerando que agora era aceitável dar ar de quem relaxava. Os escravos remavam e a barça avançava, e os seus corpos esguios e tismados do sol moviam-se em uníssono, coordenados por um simples cântico.

— Mantende-a ao centro — gritou o homem do leme.

— Não embateis na margem — respondeu o barqueiro.

O cântico tornou-se cadenciado e o homem do leme começou a juntar uma letra simples e ritmada. — Conheço uma mulher muito feia! — gritou.

— Não embateis na margem!

— Ela não para de falar!

— Não embateis na margem!

— Bebi de mais na aldeia!

— Não embateis na margem!

— E levei-a ao altar!

Aquela cantilena tranquilizou Mara e deixou a mente vagar. O seu pai opusera-se terminantemente ao facto de ela seguir a vida religiosa. Agora, que já não era possível pedir desculpas, Mara arrependia-se amarguradamente de o ter desafiado de modo tão declarado; o pai só cedera por força de o amor que sentia pela única filha ter sido maior do que o seu desejo de um casamento por interesse político apropriado. As despedidas haviam sido tempestuosas. O Senhor Sezu dos Acoma podia ser como um *harulth* — o gigante predador que os pastores e caçadores mais temiam — durante o delírio da batalha ao enfrentar o inimigo, mas nunca conseguira dizer não à filha, por muito irrazoáveis que fossem as suas exigências. Embora nunca se sentisse tão confortável com ela como se sentia na companhia do irmão, toda a vida fora indulgente com ela, e apenas a sua ama, Nacoya, a mantivera sob rédea curta durante a infância.

Mara fechou os olhos. A embarcação proporcionava uma relativa medida de segurança, e podia agora esconder-se no sombrio refúgio do sono; aqueles que se encontravam do outro lado das cortinas da pequena embarcação pensariam que estava apenas a refugiar-se do aborrecimento de uma

longa viagem pelo rio. Porém, o repouso revelou-se falaz pois foi assaltada por memórias do irmão que amara como o ar para os pulmões, Lanokota dos cintilantes olhos negros e sorriso fácil para a sua adorada irmãzinha. Lano, que corria mais depressa do que os guerreiros da casa do seu pai, e que fora o vencedor dos jogos de verão de Sulan-Qu três anos consecutivos, feito que nunca mais fora igualado. Lano, que tivera sempre tempo para Mara, até a ensinara a lutar — facto que originara a indignação de Nacoya por envolver uma rapariga num passatempo tão pouco feminino. E Lano, que tinha sempre uma piada estúpida — geralmente obscena — para contar à irmãzinha, que a fazia rir e corar. Se não tivesse escolhido o caminho da vida contemplativa, Mara sabia que qualquer pretendente seria parecido com o irmão... Lano, cujo riso jovial não mais se ouviria ecoar na noite quando partilhavam o jantar no salão. Até o seu pai, austero em todos os aspetos, sorria, sem conseguir resistir ao humor contagioso do filho. Embora Mara tivesse respeitado e admirado o pai, amara o irmão, e agora o pesar desabava sobre ela.

Mara tentou afogar as emoções. Não estava no lugar certo; apenas mais tarde poderia fazer o luto.

— Os corpos do meu pai e do meu irmão foram recuperados? — indagou a Keyoke, optando por um sentido mais prático.

— Não, minha senhora, não foram — respondeu Keyoke num tom amargo.

Mara mordeu o lábio. Não haveria cinzas para enterrar no bosque sagrado. Em vez disso, teria de escolher uma relíquia do pai e do irmão, um objeto pessoal preferido de cada um deles, para sepultar ao lado do *natami* sagrado — o rochedo que guardava a alma dos Acoma — para que os seus espíritos conseguissem encontrar o caminho de regresso para as terras dos Acoma, e dessem com a paz no interior dos seus ancestrais até que a Roda da Vida rodasse outra vez. Mara voltou a fechar os olhos, em parte devido a cansaço emocional, em parte para negar as lágrimas. As recordações jorravam às catadupas para o seu consciente enquanto, sem sucesso, tentava descansar. Depois, ao fim de algumas horas, o balancear da barça, o cantar do homem do leme e os cânticos dos escravos tornaram-se familiares. A sua mente e corpo entraram num ritmo consentâneo e ela relaxou. A tepidez do dia e a quietude do rio finalmente conjuraram para embalar Mara até um sono profundo.

Abarça atracou em Sulan-Qu debaixo da luminosidade de topázio da alvorada. A neblina erguia-se do rio em espirais, enquanto as lojas e as bancas na margem abriam gelosias nos preparativos para o mercado. Keyoke foi rápido a desembarcar a liteira de Mara enquanto as ruas ainda

não estavam apinhadas de gente em azáfama mercantil; não tardaria que carretas e carregadores, clientes e mendigos enchessem as avenidas comerciais. Em poucos segundos os escravos estavam prontos. Ainda envergando as vestes alvas da irmandade de Lashima — amarrotadas ao fim de seis dias de uso —, Mara subiu penosamente para a liteira. Recostou-se nos coxins embelezados com a insígnia da família, a ave *shatra*, bordada no material, e percebeu o quanto temia regressar a casa. Não conseguia imaginar os espaços airosos da casa sem a voz arrebatada de Lano, ou as tapeçarias do estúdio sem os rolos de pergaminho deixados pelo pai ao analisar relatórios. Mara esboçou um ténue sorriso ao recordar como o pai detestava os negócios, não obstante o facto de ter muito jeito para eles. Preferia assuntos relacionados com a guerra, jogos e política, mas ela lembrava-se de o ouvir dizer que para tudo era preciso dinheiro, e que nunca era de se negligenciar os negócios.

Mara permitiu-se um suspiro quase audível quando baixaram a liteira. Gostaria que as cortinas lhe permitissem mais privacidade ao suportar os olhares dos aldeões e dos trabalhadores que calcorreavam as ruas ao romper da aurora. Em cima de carretas de legumes e por detrás de tendas onde se dispunham mercadorias, contemplavam a ilustre senhora e o seu séquito a passar. Fatigada por estar constantemente a manter as aparências, Mara suportou os solavancos da viagem por entre ruas que depressa ficavam apinhadas. Seguiu sorumbática, aparentemente alerta, mas, no seu âmago, indiferente ao panorama citadino que normalmente a distrairia.

As proteções das galerias suspensas eram removidas à medida que os comerciantes expunham utensílios por cima dos compradores. Depois de regatearem o preço, o valor acordado era puxado para cima em cestos, sendo depois as mercadorias baixadas. As prostitutas que beneficiavam de licenças ainda estavam a dormir, por isso, a cada cinco ou seis galerias, havia uma que permanecia encerrada.

Mara esboçou um sorriso ao lembrar-se da primeira vez que vira as mulheres do bordel Boa Vida. As mulheres exibiam-se nas galerias suspensas, conforme faziam há gerações, deixando as túnicas em desalinho provocatório enquanto se abanavam com leques sob o omnipresente calor da cidade. Todas as mulheres eram belas, com os rostos pintados de cores adoráveis e os cabelos apanhados ao estilo real. Até as túnicas reduzidas eram do tecido mais caro, com delicados bordados. Mara, então com seis anos, ficara deliciada ao contemplá-las. Anunciara então, a todos os que a ouviram, que, quando fosse crescida, seria exatamente como as senhoras das galerias. Fora a única vez em toda a vida que vira o seu pai ficar sem palavras. Lano não parara de acirrar por causa do incidente até à manhã

em que ela partira para o templo. Agora, as brincadeiras dele não mais a deixariam embaraçada.

Triste e prestes a desfazer-se em lágrimas, Mara afastou a recordação. Procurou com que se distrair no exterior da liteira, onde engenhosos vendilhões vendiam, às esquinas, utensílios em carrinhos de mão, mendigos abordavam os transeuntes com relatos de miséria, saltimbancos faziam cabriolas, e comerciantes apresentavam sedas raras e belas à sua passagem. Porém, nenhum conseguiu proteger a sua mente do sofrimento.

O mercado ficou para trás e saíram da cidade. Para lá das muralhas de Sulan-Qu, espriavam-se campos cultivados na direção de uma fileira de montanhas azuladas no horizonte; a cordilheira de Kyamaka não era tão acidentada nem tão alta quanto a grande Cordilheira Elevada que ficava a norte, mas os vales eram suficientemente inóspitos para abrigarem bandidos e fora-da-lei.

A estrada que conduzia às propriedades de Mara atravessava um pântano que resistira a todas as tentativas de drenagem. Ao atravessá-lo, os carregadores murmuraram queixumes ao serem atacados por insetos. Uma palavra de Keyoke repôs o silêncio.

Depois, a estrada seguiu por um bosque de *ngaggi*, cujos enormes galhos mais baixos formavam um dossel de sombra verde-azulado. Os viajantes avançaram para terras com mais colinas, atravessando pontes pintadas com cores vivas, pois os cursos de água que alimentavam ininterruptamente o pântano cruzavam todas as estradas construídas pelo homem. Chegaram a um pórtico de orações, um arco de cor viva mandado erigir por algum homem abastado como agradecimento aos deuses por alguma graça concedida. Ao passar por debaixo do arco, cada viajante fazia uma oração de agradecimento em silêncio e recebia uma pequena bênção em resposta. À medida que o arco de orações ficava para trás, Mara percebeu que precisaria de toda a bênção que os deuses estivessem dispostos a conceder-lhe nos próximos tempos, isto se queria que os Acoma sobrevivessem.

O séquito abandonou a estrada principal, virando para o seu destino final. Aves *shatra* refugiavam-se nos campos de *thyza*, alimentando-se de insetos e lagartas, agachadas como anciãos. Visto que os bandos ajudavam a garantir uma boa colheita, aquelas criaturas de aspeto cómico eram consideradas um sinal de ventura. E era assim que os Acoma as encaravam, pelo que tinham tornado as *shatra* o símbolo da peça central do brasão da casa. Mara não encontrou comprazer no familiar avistamento das aves *shatra*, com as suas patas compridas e as orelhas afiladas em constante movimento, sentindo, isso sim, uma profunda apreensão, pois as aves e os trabalhadores indicavam que tinha chegado às terras dos Acoma.

Os transportadores estugaram o passo. Oh, como Mara desejava que fossem mais devagar, ou que mudassem de rumo e a levassem para outro sítio. Porém, a sua chegada fora constatada pelos trabalhadores que recolhiam feixes de paus nos bosques entre os campos e o prado junto à casa principal. Alguns gritaram ou acenaram enquanto caminhavam reclinados sob os fardos de madeira pousados sobre as costas e presos com uma tarja nas testas. As suas saudações eram calorosas, e não obstante a causa do seu regresso, mereciam mais do que indiferença da sua nova senhora.

Mara endireitou-se, sorrindo tenuemente e acenando. À sua volta, estendiam-se as suas propriedades, avistadas da última vez com a esperança de nunca regressar. As sebes, os campos desbastados e os aprumados edifícios exteriores que albergavam os trabalhadores não tinham mudado. Mas também, pensou, apenas estivera ausente menos de um ano.

A liteira passou pelos prados das *needra*. O ar do meio-dia foi inundado pelo ruído monótono e lamentoso da manada e pelos chamamentos dos tratadores, enquanto brandiam agulhões e encaminhavam os animais para os currais onde seriam examinados para deteção de parasitas. Mara observou as fêmeas a pastar, enquanto o sol conferia uma aparência acastanhada aos seus quadris brancos. Algumas levantavam os focinhos rudes quando as corpulentas crias fingiam investidas, e depois fugiam precipitadamente sobre as seis patas atarracadas para se refugiarem atrás das progenitoras. A Mara, pareceu-lhe que algumas perguntavam quando é que Lano regressaria para fazer judiarias aos irascíveis machos de criação. A dor das suas perdas aumentava à medida que se aproximava de casa. Mara tentou transparecer coragem quando os transportadores da liteira viraram para a longa azinhaga cingida de árvores que conduzia ao centro da propriedade.

Adiante ficava a enorme casa central, construída com traves e telas finas como o papel, que podiam ser puxadas para trás para deixar entrar quaisquer brisas no calor do dia. Mara sentiu um nó na garganta. Não havia nenhum cão deitado sobre as flores *akasi* com a língua de fora e a cauda a abanar à espera do regresso do Senhor dos Acoma. Quando estava ausente, permaneciam no canil; agora, essa ausência era permanente. Porém, a casa, por muito desolada e vazia que parecesse sem a presença dos entes queridos, era sinónimo de privacidade. Não tardaria a que Mara pudesse recolher-se ao bosque sagrado e deitar cá para fora o pesar que a dominara durante sete cansativos dias.

Quando a liteira e a comitiva passaram diante de uma caserna, os soldados da guarnição puseram-se em formação seguindo a linha de deslocação do grupo. Tinham as armaduras polidas, as armas e ornamentos imaculados; todavia, além das de Keyoke e de Papewaio, apenas se avistava uma pluma de oficial. Mara sentiu uma punhalada fria no coração e olhou

de relance para Keyoke. — Porque são tão poucos guerreiros, Comandante das Forças Armadas? Onde estão os outros?

Keyoke manteve o olhar em frente, ignorando a poeira que lhe cobria a armadura lacada e a transpiração que lhe escorria debaixo do elmo. — Os que conseguiram, regressaram, minha senhora — respondeu, inflexivelmente.

Mara fechou os olhos, incapaz de disfarçar o choque. A simples afirmação de Keyoke revelava que quase dois mil homens tinham perdido a vida ao lado do pai e do irmão. Muitos deles serviam-nos fielmente há anos, e alguns tinham montado guarda ao lado do berço de Mara. A maioria seguira as passadas de pais e avós ao serviço dos Acoma.

Entorpecida e estupefacta, Mara contou os soldados que estavam na formação e adicionou o número dos que a tinham escoltado. Continuavam ao seu serviço trinta e sete soldados, uma deplorável fracção da guarnição que o seu pai em tempos comandara. Dos dois mil e quinhentos guerreiros que envergavam o verde dos Acoma, quinhentos dedicavam-se à guarda de distantes posses dos Acoma em longínquas cidades e províncias. Já tinham perdido trezentos na Brecha durante a guerra contra os bárbaros antes desta última campanha. Agora, onde tinham servido dois mil soldados no apogeu do poder dos Acoma, o sustentáculo do património era protegido por menos de cinquenta homens. Mara abanou a cabeça com pesar. Muitas mulheres além dela tinham perdas a lamentar na Brecha. A angústia apoderou-se dela ao compreender que as forças dos Acoma eram insuficientes para enfrentar qualquer assalto, mesmo um ataque perpetrado por bandidos, caso um grupo audaz decidisse descer as montanhas. Porém, Mara também sabia por que motivo Keyoke pusera a propriedade em risco ao levar uma percentagem tão elevada — vinte e quatro dos trinta e sete — dos guerreiros sobreviventes para a escoltar. Eventuais espões dos Minwanabi não deveriam ficar a saber o grau de fragilidade em que os Acoma se encontravam. A impotência desabou sobre ela como um manto sufocante.

— Porque não me informastes antes, Keyoke? — Mas não houve qualquer resposta. Foi então que Mara compreendeu. O seu fiel Comandante das Forças Armadas recebera que tais notícias pudessem despedaçá-la, caso fossem dadas de uma só vez. E tal cenário não podia ser permitido. Haviam perdido a vida demasiados soldados acoma para que ela simplesmente cedesse ao desespero. Caso fosse subjugada pelo sentimento de impotência, o seu sacrifício em nome da honra dos Acoma tornar-se-ia motivo de chacota, e a sua morte um desperdício. Lançada de cabeça para o Jogo do Conselho, Mara precisava de todos os fragmentos de engenho e astúcia para

evitar os ardis da intriga que esperavam os seus inexperientes passos. A traição que assombrava a sua casa só terminaria quando, inexperiente e só, ela derrotasse o Senhor dos Minwanabi e os seus sabujos.

Os escravos pararam defronte da entrada. Mara inspirou tremulamente. De cabeça erguida, obrigou-se a sair da liteira e a transpor os arcos espiralados do pórtico que confinava o perímetro da casa. Mara aguardou enquanto Keyoke dispensava a liteira e dava ordens à companhia que a escoltara. Depois, quando o último soldado fez continência, Mara virou-se e deu de caras com a vénia do *hadonra*, o mordomo da propriedade. O homem ocupava o cargo há pouco tempo e Mara não conhecia aquele semblante desconfiado. Mas ao lado dele encontrava-se a presença minúscula e mirrada de Nacoya, a ama que criara Mara desde a infância. Estavam outros criados à espera por detrás dela.

Mara foi novamente acometida pelo impacto da mudança. Pela primeira vez na vida, não podia lançar-se ao conforto dos braços da anciã. Na qualidade de Senhora dos Acoma, tinha de acenar formalmente e passar por eles, deixando Nacoya e o *hadonra* segui-la pelos degraus de madeira até à obscuridade toldada da grande casa. Na verdade, tinha de aguentar e fingir que não reparava no reflexo do seu próprio pesar nos olhos de Nacoya. Mara mordeu ligeiramente o lábio, depois parou. Aquele tique nervoso levava Nacoya a repreendê-la por diversas vezes. Em vez disso, respirou fundo, e entrou para a casa do pai. A ausência dos ecos das suas passadas sobre o chão de madeira polida encheu-a de solidão.

— Minha senhora?

Mara parou, com as mãos apertadas escondidas debaixo da alvura da túnica amarrotada. — O que foi?

O *hadonra* voltou a falar. — Bem-vinda a casa, senhora — acrescentou numa saudação formal. — O meu nome é Jican, senhora.

— O que aconteceu ao Sotamu? — indagou Mara, brandamente.

Jican baixou os olhos. — Perdeu-se de desgosto, minha senhora, e seguiu o seu amo até à morte.

Mara limitou-se a acenar com a cabeça uma vez e seguiu caminho para os seus aposentos. Não ficou surpreendida ao saber que o antigo *hadonra* se recusara a comer e a beber após a morte do Senhor Sezu. Visto tratar-se de um ancião, deveriam ter sido necessários apenas alguns dias para morrer. Pensou distraidamente em quem teria decidido nomear Jican *hadonra*. Quando dobrou uma esquina para seguir por um dos enormes corredores que flanqueavam um jardim central, Nacoya disse:

— Minha senhora, os vossos aposentos ficam do outro lado do jardim.

Mara mal conseguiu esboçar outro aceno. Os seus pertences pessoais

deveriam ter sido transportados para os aposentos do seu pai, os maiores do edifício.

Avançou inexpressivamente, atravessando o jardim quadrado ao centro da grande casa tsurani. A madeira trabalhada que cercava a varanda suspensa, os leitos de flores e o fontanário por debaixo das árvores no pátio pareciam-lhe familiares e inexplicavelmente estranhos de tão habituada que estava à arquitetura de alvenaria dos templos. Mara prosseguiu até se deparar com a porta dos aposentos do pai. A tela ostentava uma pintura que retratava um campo de batalha, uma batalha lendária na qual os Acoma haviam vencido um inimigo há muito esquecido. Jican, o *hadonra*, abriu a porta fazendo-a deslizar para um dos lados.

Mara deteve-se por instantes. O choque de ver os seus próprios pertences no quarto do pai quase a fez perder o controlo, como se o próprio quarto de algum modo a tivesse traído. Depois, associada a uma estranha angústia, veio a recordação: a última vez que transpusera esta soleira fora na noite em que discutira com o pai. Embora habitualmente fosse uma criança tranquila e obediente, daquela vez o seu temperamento estivera à altura do dele.

Mara avançou impassivelmente. Subiu para o estrado ligeiramente elevado, deixou-se afundar nos coxins e fez sinal para que as criadas que aguardavam ordens fossem embora. De seguida, Keyoke, Nacoya e Jican entraram e fizeram uma reverência formal diante dela. Papewaio permaneceu à porta, guardando a entrada do jardim.

— Desejo descansar — disse Mara num tom roufenho. — A viagem foi cansativa. Ide agora. — As criadas abandonaram o quarto imediatamente, mas os três servidores hesitaram. — O que foi? — indagou Mara.

— Há muito que fazer, e que não pode esperar, Mara-anni — respondeu Nacoya.

A utilização do diminutivo do seu nome pretendia ser simpático, mas para Mara tornara-se um símbolo de tudo quanto perdera. Mordeu o lábio quando o *hadonra* disse:

— Minha senhora, muitas coisas foram descuradas desde... a morte do vosso pai. Urge tomar várias decisões.

Keyoke acenou. — Minha senhora, a vossa instrução carece de ensinamentos para quem tem de governar uma grande casa. Tendes de aprender as coisas que ensinámos a Lanokota.

Angustuada com a recordação da fúria com que altercara com o pai na noite que antecederia a sua partida, Mara foi assaltada pela lembrança de que o seu irmão já não era herdeiro. Quase numa súplica, disse:

— Agora não, ainda não.

— Menina, não deveis desapontar os vossos antepassados — interveio Nacoya. — Vós...

A voz de Mara subiu de tom, pejada de emoções há demasiado tempo reprimidas. — Eu disse que ainda não! Não fiz o luto! Ouvirei o que têm a dizer depois de ir ao bosque sagrado. — Estas últimas palavras foram proferidas num exaurir de cólera, como se aquele pequeno chamejar fosse toda a energia que conseguira reunir. — Por favor — acrescentou brandamente.

Pronto para se retirar, Jican recuou um passo, remexendo absortamente no uniforme. Olhou de relance para Keyoke e Nacoya, mas ambos se mantiveram inflexíveis. — Senhora, deveis escutar-nos — disse o Comandante das Forças Armadas. — Não tardará a que os nossos inimigos se movimentem para nos destruir. O Senhor dos Minwanabi e o Senhor dos Anasati consideram que a Casa dos Acoma foi derrotada. Nenhum deles deverá saber que vós não fizestes os votos finais durante mais alguns dias, mas não podemos ter a certeza disso. Espiões podem já ter informado sobre a vossa chegada; nesse caso, os vossos inimigos podem estar neste preciso momento a planear a destruição definitiva desta casa. Não podeis menosprezar as vossas responsabilidades. Urge que domineis muitas artes num curto período de tempo se queremos que haja alguma esperança para a sobrevivência dos Acoma. O nome e a honra da vossa família dependem agora de vós.

Mara inclinou a cabeça como quando era criança. — Deixai-me só — murmurou.

Nacoya subiu para o estrado. — Filha, escutai o Keyoke. Os nossos inimigos sentem-se audazes com a nossa perda, e não tendes tempo para autocomiseração. A educação que em tempo recebestes para vos tornardes a mulher do filho de outro senhor não é apropriada para uma Governatriz.

A voz de Mara subiu de tom, e a tensão fez o sangue retinir-lhe nos ouvidos. — Eu não pedi para ser Governatriz! — Perigosamente à beira de um ataque de choro, recorreu à raiva para não lhe ceder. — Há uma semana, eu era uma irmã de Lashima, e era tudo quanto desejava nesta vida! Se a honra dos Acoma depende de mim para se vingar dos Minwanabi, se eu preciso de aconselhamento e de formação, tudo isso terá de esperar até eu visitar o bosque sagrado e prestar homenagem à memória dos que foram chacinados!

Keyoke olhou de relance para Nacoya, que acenou com a cabeça. A jovem Senhora dos Acoma estava na iminência de ceder, e precisava de tempo, mas a velha ama estava preparada para lidar mesmo com essa possibilidade. — Está tudo preparado para a vossa visita ao bosque. Tomei a liberdade de escolher o sabre de cerimónias do vosso pai para lembrar o seu espírito, e a túnica de adulto de Lanokota para lembrar o seu. — Keyoke indicou o local onde os dois objetos se encontravam pousados em cima de uma almofada ricamente bordada.

Ver o sabre que o pai usava nos festivais e a túnica que fora ofertada

ao irmão na cerimónia em que se tornara adulto foi mais do que a exausta e combalida rapariga conseguiu suportar. Sentindo as lágrimas a afluir-lhe aos olhos, disse:

— Deixai-me!

Os três hesitaram, embora a desobediência a uma ordem da Senhora dos Acoma fosse punida com uma pena que poderia até ser de morte. O *hadonra* foi o primeiro a virar-lhe costas e a abandonar os aposentos da sua senhora. Keyoke seguiu-o, mas quando Nacoya se voltou para ir embora, repetiu:

— Filha, está tudo pronto no bosque.

Depois, lentamente, fechou a porta de correr.

Finalmente só, Mara permitiu que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto. Porém, suportou os soluços enquanto se levantava e pegava na almofada onde estavam o sabre e a túnica.

A cerimónia de luto era algo privado; apenas a família podia entrar na clareira da contemplação. Mas em circunstâncias mais normais, uma procissão solene de criados e servidores teria acompanhado os familiares até à sebe que delimitava a entrada. Em vez disso, uma única silhueta assomou à porta das traseiras dos seus aposentos. Mara transportou a almofada com delicadeza, com a sua túnica branca amarrotada e encardida com a bainha a roçar pelo chão.

Ainda que desprovida dos sentidos da audição e da visão, ter-se-ia lembrado do caminho. Os seus pés conheciam o caminho, até à última laje encaixada na retorcida raiz da árvore *ulo* que ladeava o portão cerimonial. A frondosa sebe que rodeava o bosque protegia-o dos olhares indiscretos. Apenas os Acoma estavam autorizados a entrar ali, à exceção de um sacerdote de Chochocan para consagrar o bosque e o jardineiro que tratava dos arbustos e das flores. Havia uma sebe de proteção defronte do portão, que impedia que quem estivesse do lado de fora conseguisse espreitar para dentro.

Mara entrou e apressou-se até ao centro do bosque. Ali, por entre o ajuntamento de árvores de fruto em flor, um minúsculo córrego fluía até à lagoa sagrada. A superfície enrugada refletia o azul-esverdeado do céu através de cortinas de ramos suspensos. Na margem da água, havia uma enorme rocha que submergia do chão, delicadamente desgastada por eras de exposição aos elementos; a ave *shatra* dos Acoma fora em tempos esculpida na sua superfície, mas agora mal se conseguia distinguir a sua crista. Era este o *natami* da família, o rochedo sagrado que encarnava o espírito dos Acoma. Caso chegasse o dia em que os Acoma fossem obrigados a abandonar estas terras, este venerado património seria levado com eles e todos os que ostentavam o nome dariam a vida para o proteger. Pois se o *natami*

caísse nas mãos de estranhos, a família cessaria de existir. Mara olhou de relance para a sebe oposta. Os três *natami* conquistados pelos Acoma estavam enterrados debaixo de uma laje com os pináculos virados para baixo para que nunca mais vissem a luz do dia. Os antepassados de Mara tinham vencido três famílias no Jogo do Conselho. Agora, a sua própria família corria o risco de lhe acontecer o mesmo.

Junto à rocha tinham escavado um buraco, e a terra húmida jazia ao seu lado. Mara colocou lá dentro a almofada com o sabre do pai e a túnica do irmão. Com as mãos despidas, empurrou a terra para dentro do buraco, e depois assentou-a, sem se importar de sujar a túnica branca.

Depois, sentou-se sobre os calcanhares, tomada por uma súbita vontade de rir. Uma estranha e desconexa vertigem percorreu-a e sentiu-se preocupada. Apesar de este ser o lugar consagrado para o fazer, as lágrimas e a dor reprimidas pareciam não irromper.

Respirou fundo e sufocou o riso. Na sua mente brotaram imagens e sentiu um ardor no peito, na garganta e nas faces. A cerimónia devia prosseguir, não obstante as estranhas sensações.

Ao lado da lagoa estava um pequeno frasco, um braseiro do qual emanava algum fumo, um pequeno punhal e uma túnica branca lavada. Mara pegou no frasco e tirou a tampa. Verteu óleos aromáticos na lagoa, lançando efémeros brilhos de luz fragmentada pela superfície. — Descansai, meu pai — disse, delicadamente. — Descansai, meu irmão. Regressai à vossa terra e descansai com os nossos antepassados.

Pousou o frasco e, com um repelão, rasgou o corpete da túnica. Não obstante o calor, choques de frio enrijeceram-lhe os pequenos seios quando a brisa entrou subitamente em contacto com a pele humedecida exposta. Esticou a mão e fez outro rasgão na túnica, conforme mandavam as ancestrais tradições. Ao fazer o segundo rasgão, soltou um grito, um som irresoluto, pouco mais do que uma lamúria. Exigia a tradição uma demonstração de dor diante dos antepassados.

Fez outro rasgão na túnica, dilacerando-a desde o ombro esquerdo, pendendo metade até à cintura. Mas o grito que se seguiu transparecia mais raiva pela perda do que pesar. Levou a mão esquerda ao ombro direito e rasgou a túnica. Desta vez, o soluço foi profundo, quando a dor emanou do fundo do ventre.

As tradições cujas origens se haviam perdido no tempo tinham espoletado uma libertação. Toda a dor reprimida veio ao de cima, irrompendo-lhe da virilha, atravessando-lhe o ventre e o peito, até jorrar pela boca na forma de um grito. O som de um animal ferido ecoou na clareira quando Mara deu liberdade total à sua fúria, revulsão, tormento e perda.

Soluçando de mágoa, praticamente cega pelas lágrimas, enfiou a mão

no braseiro quase extinto. Ignorando a dor causada pelas poucas cinzas que subsistiam, espalhou-as nos seios e no estômago despido. Esta prática simbolizava o facto de o seu coração estar em cinza, e o seu corpo foi uma vez mais acometido de soluços enquanto a sua mente procurava a libertação final do horror deixado pela morte do pai, do irmão e de centenas de guerreiros leais. Esticou a mão esquerda e agarrou um punhado de terra ao lado do *natami*. Espalhou a terra húmida no cabelo e bateu na cabeça com o punho. Ela era una com a terra dos Acoma, e a essa terra regressaria, tal como os espíritos dos que haviam sido chacinados.

Depois, bateu na anca com o punho, entoando as palavras do luto, quase ininteligíveis por entre o choro. Balanceando para trás e para a frente sobre os joelhos, gemeu de dor.

De seguida, agarrou a pequena adaga de metal, uma herança de família de valor incalculável, e que era utilizada apenas nesta cerimónia havia séculos. Desembainhou a lâmina e fez um corte no braço esquerdo, cuja dor lancinante foi um contraponto ao aperto terrível que sentia no peito.

Manteve a pequena laceração por cima da lagoa, deixando que gotas de sangue caíssem e se misturassem com a água, como mandava a tradição. Fez outro rasgão na túnica, da qual não restaram mais do que uns farrapos a cobrir-lhe o corpo. Coberta apenas por uma tanga, arremessou para longe os trapos com um grito abafado. Puxando pelos cabelos, forçando a dor para limpar a mágoa, entoou palavras antigas, invocando os antepassados para testemunharem a sua desolação. Depois, lançou-se sobre a terra fresca onde fizera o enterro e pousou a cabeça sobre o *natami* da família.

Terminada a cerimónia, a mágoa de Mara escoou como a água que escorria da lagoa, levando as suas lágrimas e sangue para o rio, depois para o mar distante. Tal como o luto aplacava a sua dor, a cerimónia acabaria por aliviar, mas agora era um momento de pesar pessoal, em que as lágrimas e o carpir não eram um ato vergonhoso. E Mara desceu às profundezas da mágoa, à medida que onda após onda de tristeza emanava do mais profundo da sua alma.

Um ruído intrometeu-se, um roçar de folhas como se alguém andasse pelos ramos das árvores por cima dela. Tomada de dor, Mara mal reparou, mesmo quando uma silhueta escura saltou para a terra ao seu lado. Antes que conseguisse abrir os olhos, dedos possantes puxaram-lhe o cabelo. A cabeça de Mara tombou para trás. Sacudida por uma terrível corrente de pavor, debateu-se, vislumbrando pelo canto do olho um homem de negro atrás dela. Depois, uma pancada na cara deixou-a aturdida. Soltaram-lhe o cabelo e passaram-lhe uma corda pela cabeça. Agarrou-a instintivamente. Os seus dedos emaranharam-se na corda que a deveria ter matado em segundos, mas à medida que o homem apertava o garrote,

a palma da sua mão impedia que o nó ao centro lhe esmagasse a traqueia. Mas não conseguia respirar. A sua tentativa de gritar a pedir ajuda foi sufocada. Tentou rodar para se afastar, mas o agressor deu um puxão à corda e manteve-a cingida com firmeza. Um pontapé de defesa que o irmão lhe ensinara valeu-lhe uma risada trocista. Apesar da sua habilidade, Mara não conseguia fazer frente ao assassino.

A corda apertou mais, cortando dolorosamente a sua mão e o pescoço. Mara tentou respirar, mas não entrou nenhum ar e sentiu um ardor nos pulmões. Debatendo-se como um peixe apanhado na rede, sentiu o homem levantá-la do chão. Apenas a sua mão desajeitadamente entreposta entre a corda e o seu pescoço impedia que este quebrasse. Mara sentia o sangue a bater nos ouvidos. Esbracejou inutilmente com a mão livre, mas os dedos ficaram presos no tecido. Deu um puxão, mas não tinha força suficiente para desequilibrar o homem. Num troar que parecia o marulhar das ondas, escutou a respiração custosa do homem enquanto este a erguia do chão. Então, derrotada pela falta de ar, a sua consciência desabou nas trevas.

AVALIAÇÕES

Mara sentiu a cara molhada.

Por entre a confusão associada à recuperação dos sentidos, percebeu que Papewaio estava a embalar delicadamente a sua cabeça no braço enquanto lhe humedecia o rosto com um trapo húmido. Mara abriu a boca para falar, mas a garganta contraiu-se. Tossiu, depois contorceu-se com a dor nos músculos do pescoço. Pestanejou e fez um esforço para organizar os pensamentos; mas só sabia que sentia uma dor terrível no pescoço e na garganta e que o céu por cima dela era maravilhosamente belo, com os seus tons azuis-esverdeados parecendo desaparecer no infinito. Depois mexeu a mão direita; sentiu uma dor na palma, e lembrou-se.

— O assassino? — indagou, quase impercetivelmente.

Papewaio indicou com a cabeça um vulto caído junto à lagoa. — Está morto.

Mara virou-se para ver, ignorando o desconforto das lesões. O cadáver do assassino estava deitado de lado e os dedos de uma mão dentro de água, tingindo-a de sangue. Era baixo, magro como palha, de constituição quase delicada, e envergava apenas uma túnica negra e calças até ao meio da barriga das pernas. O capuz fora puxado para trás, revelando um rosto delicado e infantil marcado por uma tatuagem azul na face esquerda, uma flor *hamoi* formada por seis círculos concêntricos de linhas ondulantes. Tinha as duas mãos tingidas de vermelho até aos pulsos. Mara estremeceu, ainda combalida da violência daquelas mãos na sua carne.

Papewaio ajudou-a a levantar-se. Deitou fora o trapo que rasgara das vestes dilaceradas e entregou-lhe a túnica destinada à parte final da cerimónia. Mara vestiu-se, ignorando as manchas que as suas mãos feridas deixavam sobre o material delicadamente bordado. A um aceno seu, Papewaio acompanhou-a para o exterior do bosque.

Mara percorreu o caminho, mas a familiaridade que este transmitia já não era reconfortante. A cruel ferroadada da corda do desconhecido fizera-a compreender que os inimigos conseguiam chegar mesmo ao centro das propriedades dos Acoma. A segurança da sua infância desaparecera para sempre. As sebes negras que rodeavam o bosque assemelhavam-se agora a um refúgio de assassinos, e a sombra por debaixo dos largos ramos da árvore *ulo* provocou-lhe um arrepio. Esfregando a carne contundida e ensanguentada da mão direita, Mara refreou o impulso de entrar em pânico.

Embora estivesse aterrorizada como uma *thyza* ao avistar a sombra de um *killwing* dourado a sobrevoá-la, transpôs o portão cerimonial com algum sinal do decoro que seria de esperar da Governatriz de uma grande casa.

Nacoya e Keyoke aguardavam do lado de fora na companhia do jardineiro da propriedade e de dois ajudantes. Ninguém falou, a não ser Keyoke que disse:

— O que aconteceu?

Papewaio respondeu laconicamente. — Tal como pensastes, havia um assassino à espera. Da Seita dos Hamoi.

Nacoya estendeu os braços, recebendo Mara numas mãos que tinham serenado as suas dores desde a infância, porém, pela primeira vez, Mara não as achou tranquilizadoras. Com a voz ainda rouca do estrangulamento, perguntou:

— Seita dos Hamoi, Keyoke?

— Os Mãos Vermelhas da Irmandade da Flor, minha senhora. Assassinos a soldo sem clã, fanáticos que acreditam que matar ou ser morto é ser santificado por Turakamu, que a morte é a única oração a que deus dará ouvidos. Quando aceitam uma missão, juram matar as vítimas ou morrer a tentar. — Fez uma pausa enquanto o jardineiro fez instintivamente um sinal de proteção: o Deus Vermelho era temido. Com um tom de cinismo, Keyoke disse:

— Porém, muitos poderosos compreendem que a Irmandade ministrará a sua singular oração apenas depois de a seita receber uma soma avultada. — Depois, acrescentou quase num murmúrio:

— E os Hamoi estão sempre dispostos a ajudar as almas que oferecem tal oração a Turakamu.

— Porque não me informaram antes sobre isto?

— Eles não fazem parte do normal culto a Turakamu, minha senhora. Não é o tipo de coisas que os pais conversam com as filhas que não são herdeiras. — A voz de Nacoya transparecia repreensão.

Embora já fosse demasiado tarde para recriminações, Mara afirmou:

— Começo a compreender o que queriam dizer sobre a necessidade de tratar de muitos assuntos imediatamente.

Esperando que a fossem conduzir para outro lugar, Mara começou a dirigir-se para os seus aposentos. Porém, a anciã deteve-a; demasiado abalada para a interrogar, Mara obedeceu à indicação para permanecer ali.

Papewaio afastou-se dos restantes, depois pousou um joelho na relva. A sombra do pórtico cerimonial toldava-lhe o semblante, encobrindo-lhe totalmente a expressão quando desembainhou a espada e a voltou ao contrário, oferecendo o punho da arma a Mara. — Senhora, peço licença para terminar com a minha vida com a lâmina.

Durante um longo instante, Mara fitou-o sem compreender. — O que estais a pedir-me?

— Violei as fronteiras do bosque de contemplação dos Acoma, minha senhora.

Ensombrada pela tentativa de assassinio, a gravidade do ato de Papewaio só atingiu Mara nesse instante. Ele transpusera a fronteira do bosque para a salvar, apesar de saber que essa transgressão lhe valeria a pena de morte sem direito de recurso.

Como Mara parecia incapaz de responder, Keyoke tentou delicadamente elaborar o recurso de Papewaio. — Vós ordenastes que Jican, Nacoya e eu não vos acompanhássemos até ao bosque. Não referistes o nome de Papewaio. Ele escondeu-se perto do pórtico cerimonial; quando ouviu sinais de luta, mandou um jardineiro chamar-nos e depois entrou.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma conferia ao companheiro uma rara demonstração de afeto; por um instante, os cantos da sua boca reviraram-se para cima, como que a reconhecer a vitória após uma difícil batalha. Depois, aquele trejeito de sorriso desvaneceu-se. — Todos nós sabíamos que tal tentativa contra a vossa pessoa seria apenas uma questão de tempo. Foi lamentável que o assassino tenha escolhido este lugar; o Papewaio sabia qual o preço a pagar por entrar para o bosque.

A mensagem de Keyoke para Mara era evidente: Papewaio insultara os antepassados de Mara ao entrar para o bosque, o que lhe valeria uma sentença de morte. Porém, se não entrasse, o desfecho seria ainda pior. Se a última dos Acoma perdesse a vida, todos os homens e mulheres que Papewaio considerava amigos tornar-se-iam sem-abrigo, pouco mais do que escravos ou fora-da-lei. Nenhum guerreiro agiria de maneira diferente de Papewaio; a sua vida fora dedicada à honra dos Acoma. Keyoke estava a dizer a Mara que Papewaio merecera uma morte de guerreiro, sob o jugo da lâmina, por ter escolhido a vida da sua senhora e de todos aqueles que amava, em detrimento da sua própria vida. Todavia, a ideia da morte do fiel guerreiro em consequência da sua própria ingenuidade era algo que Mara não conseguia suportar.

— Não — disse, instintivamente.

Partindo do princípio de que lhe estavam a negar o direito de morrer com honradez, Papewaio baixou a cabeça. Cabelos negros cobriram-lhe os olhos enquanto virava a espada, sem hesitações, sem qualquer tremura nas mãos, e enterrava a lâmina na terra aos pés da sua senhora. Francamente pesaroso, o jardineiro fez sinal aos dois ajudantes. Com uma corda na mão, apressaram-se a acercar-se de Papewaio. Um começou a amarrar as mãos de Papewaio atrás das costas enquanto o outro passava uma corda comprida por cima de um ramo robusto.

Por instantes, Mara não compreendeu o que se estava a passar, mas por fim lá entendeu: estavam a preparar Papewaio para a morte mais funesta, por enforcamento, uma forma de execução reservada aos criminosos e bandidos. Mara abanou a cabeça e levantou a voz. — Parai!

Todos pararam o que estavam a fazer. Os ajudantes do jardineiro estacaram com as mãos semierguidas, e olharam primeiro para o seu mestre jardineiro, depois para Nacoya e Keyoke, por fim para a sua senhora. Era óbvio que estavam relutantes em realizar tal tarefa e a confusão que sentiam em relação aos desejos da sua senhora aumentava bastante o seu desconforto.

— Filha, a lei assim o dita — disse Nacoya.

Acometida por uma vontade de desatar a gritar com toda a gente, Mara fechou os olhos. A tensão, o luto, o ataque, e agora este turbilhão para executar Papewaio por um ato causado pelo seu comportamento irresponsável quase a venceram. Com cuidado para não desatar a chorar, Mara respondeu resolutamente: — Não... eu não decidi. — Olhou de rosto para rosto impassível. — Terão de esperar até eu decidir — acrescentou. — Papewaio, pegai na vossa espada.

A sua ordem foi um clamoroso insulto à tradição; Papewaio obedeceu em silêncio. — Retirai o cadáver do assassino do bosque — disse, dirigindo-se ao jardineiro, que permanecia de pé irrequieto. Com uma súbita e perversa vontade de bater em alguma coisa, acrescentou:

— Desnudai-o e dependurai-o numa árvore na berma da estrada para que sirva de aviso para todos os espíões que andem por perto. Depois, limpai o *natami* e esvaziai a lagoa; foram ambos profanados. Quando tudo estiver tratado, informai os sacerdotes de Chochocan que devem vir consagrar o bosque.

Embora todos a observassem com olhares transtornados, Mara virou-lhes as costas. Nacoya foi a primeira a levantar-se. Com um vigoroso estalido da língua, acompanhou a jovem senhora até à frescura da casa. Papewaio e Keyoke entreolharam-se perturbados, enquanto o jardineiro foi cumprir as ordens da sua senhora.

Os dois ajudantes do jardineiro enrolaram as cordas, trocando olhares. Aparentemente, a má sorte dos Acoma não terminara com a morte do pai e do filho. Efetivamente, o reinado de Mara como Senhora dos Acoma poderia ser efêmero, pois os seus inimigos não descansariam enquanto aprendesse as complexas subtilidades do Jogo do Conselho. No entanto, os ajudantes do jardineiro pareciam concordar em silêncio que tais assuntos estavam nas mãos dos deuses, e que os que levavam vidas humildes eram sempre transportados pelas correntes dos poderosos enquanto estes ascendiam e definhavam. Ninguém podia dizer que tal destino era cruel ou injusto. Simplesmente, era assim.

...

No instante em que a Senhora dos Ácoma chegou à solidão dos seus aposentos, Nacoya assumiu as rédeas das operações. Deu ordens a criadas que se azafamaram com uma eficiência moderada para velarem pelo conforto da sua senhora. Prepararam um banho aromático enquanto Mara repousava nas almofadas, remexendo distraidamente nas aves *shatra* requintadamente bordadas que simbolizavam a sua casa. Quem não a conhecesse pensaria que a sua imobilidade era consequência do trauma e do luto; mas Nacoya observou a intensidade da concentração dos olhos negros da rapariga e não se deixou enganar. Tensa, enraivecida e determinada, Mara já tentava avaliar as extensas implicações políticas do ataque à sua pessoa. Suportou os serviços das criadas sem a habitual impaciência, mantendo-se em silêncio enquanto elas lhe davam banho e lhe ligavam as feridas. Aplicaram-lhe uma compressa de ervas na mão direita contundida e lacerada. Nacoya andava impacientemente de um lado para o outro enquanto duas anciãs massajavam vigorosamente Mara, tal como faziam ao Senhor Sezu. Os seus velhos dedos eram surpreendentemente fortes; procuravam nódulos de tensão muscular e eliminavam-nos gradualmente. Depois, envergando roupa lavada, Mara continuava a sentir-se cansada, mas os cuidados das anciãs tinham eliminado a exaustão nervosa.

Nacoya levou-lhe *chocha* quente, cujos eflúvios emanavam de uma chávena de porcelana fina. Mara sentou-se defronte de uma mesa de pedra baixa e sorveu a bebida amarga, estremecendo ligeiramente quando o líquido lhe fazia doer a garganta irritada. No bosque, ficara demasiado combatida com o ataque para sentir mais do que uma pequena deflagração de pânico e temor. Surpreendeu-se ao perceber que estava demasiado extenuada para registar qualquer tipo de reação. A luminosidade oblíqua da tarde iluminava as telas de papel que tapavam as janelas, tal como acontecera em toda a sua meninice. Ao longe, conseguia ouvir os assobios dos tratadores nos prados das *needra*, e, mais perto, a voz de Jican a repreender um escravo da casa por ser um desastrado. Mara fechou os olhos, e quase conseguiu distinguir o suave rascar da pena que o pai utilizara para delinear instruções para distantes subordinados; mas a traição dos Minwanabi acabara com essas recordações para sempre. Com relutância, Mara reconheceu a presença alongada de Nacoya.

A velha ama sentou-se do lado oposto da mesa. Tinha os movimentos lentos e o semblante ansioso. Os delicados ornamentos de conchas que lhe prendiam o cabelo com tranças estavam ligeiramente tortos, pois a idade já não lhe permitia os movimentos dos braços de outrora. Embora não passasse de uma criada, Nacoya tinha amplos conhecimentos sobre as artes e as subtilezas do Jogo do Conselho. Fora o braço-direito da esposa do Se-

nhor Sezu durante anos, depois criara a sua filha após a morte da mulher ao dar à luz. A velha ama fora como uma mãe para Mara. Consciente de que a anciã esperava que ela dissesse alguma coisa, atalhou:

— Cometi alguns erros graves, Nacoya.

A ama respondeu-lhe com um breve aceno. — Sim, minha filha. Se tivésseis concedido tempo para os preparativos, o jardineiro teria inspecionado o bosque antes de entrardes. Poderia ter encontrado o assassino, ou morrido, mas o seu desaparecimento teria alertado o Keyoke, que mandaria guardas montar o cerco ao bosque. O assassino ver-se-ia forçado a sair ou a morrer à fome. Se o assassino hanoi conseguisse escapar à abordagem do jardineiro e estivesse à espreita no interior, os vossos soldados teriam encontrado o seu esconderijo. — A ama apertou as mãos no regaço e o seu tom de voz tornou-se dissonante. — Efetivamente, o vosso inimigo esperava que cometêsseis erros... e foi o que aconteceu.

Mara aceitou a repreensão, enquanto os seus olhos seguiam os langozinhos anéis de vapor que subiam da chávena de *chocha*. — Porém, o mandante do assassino errou tanto quanto eu.

— É verdade. — Nacoya olhou de soslaio, obrigando o olhar perspicaz a focar-se mais na sua senhora. — Optou por conferir aos Acoma uma tripla desonra ao matar-vos no bosque sagrado do vosso pai, e não honradamente sob o golpe de uma lâmina, mas por estrangulamento, como se fôsseis uma criminosa ou uma escrava que merecesse morrer em desonra!

— Mas enquanto mulher... — começou Mara.

— Sois a Governatriz — explodiu Nacoya. Ouviu-se o estrépito de pulseiras envernizadas quando bateu com os punhos nos joelhos num antigo gesto de censura. — Desde o momento que assumistes a supremacia desta casa, minha menina, tornastes-vos um homem, com todos os direitos e privilégios da governação. Exerceis os mesmos poderes que o vosso pai enquanto Senhor dos Acoma. E por esse motivo, com a vossa morte sob a corda do estrangulador, ter-se-ia abatido sobre a vossa família a mesma desonra como se fosse o vosso pai ou irmão a perder a vida desse modo.

Mara mordeu o lábio, assentiu com a cabeça e arriscou dar outro trago de *chocha*. — Qual era a terceira desonra?

— Aquele cão do hanoi pretendia certamente furtar o *natami* dos Acoma, terminando assim para sempre com o nome da vossa família. Sem clã e sem honra, os vossos soldados tornar-se-iam guerreiros cinzentos, proscritos a viver no meio da selva. Todos os vossos criados terminariam as suas vidas como escravos. — Nacoya mudou de tom. — O nosso Senhor dos Minwanabi é um arrogante.

Mara pousou a chávena de *chocha* delicadamente no centro da mesa. — Então achais que o responsável é o Jingu?

— O sujeito está embriagado com o seu próprio poder. Atualmente, apenas o Senhor da Guerra e o Conselho Supremo têm mais poder do que ele. Se o destino afastasse o Almecho do seu trono de branco e dourado, seguir-se-ia certamente um sucessor minwanabi. O único outro inimigo do vosso pai que desejaria a vossa decadência é o Senhor dos Anasati. Mas esse é demasiadamente inteligente para almejar um ataque tão indigno, tão mal perpetrado. Se fosse ele a enviar o assassino hamoi, as suas instruções teriam sido simples: a vossa morte por qualquer meio. Seríeis atingida por um dardo envenenado, ou por um sabre entre as costelas, e o assassino apressar-se-ia a dar a notícia da vossa morte.

Nacoya acenou a cabeça com determinação, como se aquela conversa tivesse confirmado as suas convicções. — Não, o nosso Senhor dos Minwanabi pode ser o homem mais poderoso do Conselho Supremo, mas é como um *harulth* enraivecido a derrubar árvores para esmagar uma *gazen*. — Ergueu os dedos afastados, indicando o tamanho do animalzinho tímido que evocara. — Herdou o seu cargo de um pai poderoso, e tem fortes aliados. O Senhor dos Minwanabi é astuto, mas não inteligente.

»O Senhor dos Anasati é astuto e inteligente, um homem a temer. — Nacoya fez um movimento suave com a mão. — Desliza como um *relli* pelo pântano, silencioso, furtivo, e ataca sem aviso. Esta tentativa de assassinio foi marcada como se o Senhor dos Minwanabi tivesse conferido ao assassino uma concessão pela vossa morte com a chancela da sua família na parte inferior. — Nacoya estreitou os olhos pensativamente. — O facto de ter conhecimento de que haveis regressado é um sinal inequívoco de que tem espões. Pensámos que ele apenas descobriria que sois a Governatriz dentro de alguns dias. A presença de um hamoi tão cedo revela que ele soube que vós não tínheis feito os votos no preciso instante em que o Keyoke vos foi buscar ao templo. — Abanou a cabeça autorrecriminando-se. — Deveríamos ter previsto essa possibilidade.

Mara considerou o conselho de Nacoya, enquanto a sua chávana de *chocha* arrefecia lentamente sobre a mesa. Consciente como nunca das suas responsabilidades, aceitou o facto de não ser possível adiar mais os assuntos desagradáveis. Embora os cabelos negros se encaracolassem infantilmente diante das maçãs do rosto, e a túnica com o colarinho adornado parecesse demasiado grande para ela, aprumou-se com a determinação de um governante. — Posso parecer-me com uma *gazen* aos olhos do Senhor dos Minwanabi, mas agora ele ensinou ao herbívoro que tem dentes para comer carne. Mandai chamar o Keyoke e o Papewaio.

Às suas ordens, agiu o mensageiro, um jovem escravo de sandálias que fora escolhido pela sua agilidade; levantou-se de um pulo do seu posto junto à porta para levar a mensagem. Os guerreiros não tardaram; já previam a

convocatória. Keyoke trazia o elmo cerimonial, com as plumas que patenteavam o seu cargo a roçar o lintel da porta ao entrar. De cabeça descoberta, mas quase da mesma altura, Papewaio seguiu o comandante até ao interior. Movia-se com a mesma elegância e robustez que lhe tinham permitido abater um assassino poucas horas antes; os seus modos não transpareciam qualquer vestígio de apreensão com o seu destino ainda por resolver. Impressionada com a sua altivez, e com o seu semblante ainda mais impassível do que era habitual, Mara sentiu subitamente que o julgamento que tinha de fazer ultrapassava as suas capacidades.

A sua perturbação não era de modo algum evidente quando os guerreiros se ajoelharam formalmente diante da mesa onde se encontrava. As plumas verdes do elmo de Keyoke tremiam no ar e Mara quase lhes conseguia tocar. Reprimiu um estremecimento e fez sinal para que os homens se sentassem. A criada ofereceu-lhes *chocha* quente do bule, mas apenas Keyoke aceitou. Papewaio abanou a cabeça uma vez, como se confiasse mais na sua atitude do que na sua voz.

— Cometi um erro — disse Mara. — Tentarei não errar outra vez... — Fez uma pausa abrupta, franziu o cenho e fez um gesto nervoso que as irmãs de Lashima se tinham esforçado por eliminar. — Não — disse Mara —, tenho de fazer melhor do que isso, pois aprendi no templo que a minha impaciência por vezes me impede de fazer um julgamento acertado. Keyoke, temos de arranjar um aviso gestual que deverá ser utilizado sempre que a minha vida ou a existência dos Acoma possa estar ameaçada de uma maneira que eu não consiga compreender. Talvez assim a leviandade com que encarei os eventos de hoje nunca mais se repita.

Keyoke aquiesceu, com o rosto marcado impassível, mas com modos que transpareciam aprovação. Após alguns momentos de reflexão, passou o nó do dedo indicador por uma antiga cicatriz que lhe vincava o queixo. — Minha senhora, reconheceríeis este gesto como um sinal de alerta, mesmo num lugar público ou cheio de gente?

Mara quase sorriu. Keyoke escolhera um hábito nervoso de Papewaio, o único sinal de ansiedade que evidenciava. Keyoke nunca ficava inquieto; em caso de perigo ou tensão, e mesmo em plena batalha, pensou ela, o seu Comandante das Forças Armadas nunca perdia o controlo. Se coçasse uma cicatriz na sua presença, ela repararia e tomaria cautela. — Muito bem. Assim seja, Keyoke.

Fez-se sentir um silêncio tenso quando Mara passou o olhar para o outro guerreiro diante dela. — Meu bravo Papewaio, por força de um erro que cometi, poderia estar agora morta e as nossas propriedades e servidores sem quem os governasse. — Desejando adiar o momento da sentença, acrescentou:

— Se eu não tivesse dado ordens para que ninguém me seguisse até ao arvoredo... — Não terminou a frase. Todos sabiam que as suas ordens teriam sido obedecidas à risca; as obrigações teriam impellido Papewaio a permanecer na herdade, deixando a sua senhora ao sabor do destino.

— Agora, um dos meus mais valiosos servidores tem de pagar com a vida o facto de ter prestado a esta casa um serviço leal e honroso — disse a rapariga.

— Assim dita a lei — atalhou Keyoke, não transparecendo qualquer indício de mágoa ou raiva. Aliviado por Mara ter a coragem de cumprir a sua obrigação, as plumas da sua patente estavam imóveis, por cima das suas impassíveis feições.

Mara suspirou. — Presumo que não haja alternativa.

— Não há, minha filha — disse Nacoya. — Deveis indicar o meio e a hora da morte de Papewaio. Podeis permitir-lhe que se deixe cair sobre a própria espada, concedendo-lhe desse modo uma honra de guerreiro, morrendo pelo gume da lâmina. No mínimo, ele merece isso, minha senhora.

Os olhos negros de Mara faiscaram; enraivecida por ter de desperdiçar um servidor tão valente, franziu o cenho, pensativa. Durante algum tempo ninguém proferiu palavra, e depois, subitamente anunciou:

— Não me parece.

Keyoke pareceu prestes a intervir, depois limitou-se a assentir com a cabeça, enquanto Papewaio esfregava o queixo com um polegar, o conhecido indício de perturbação. Sentindo-se abalada com o gesto, Mara apressou-se a continuar. — A minha sentença é esta: leal Papewaio, ireis morrer, quanto a isso não há dúvidas. Porém, eu decidirei o local e as circunstâncias dessa morte a meu bel-prazer. Até lá, servireis como sempre o fizestes. Usai à volta da cabeça a tarja negra dos condenados, para que todos saibam que vos condenei à morte.

Papewaio acenou uma vez com a cabeça. — A vossa vontade será cumprida, minha senhora.

— E caso queira o destino que eu morra antes de vós — acrescentou Mara —, podeis deixar-vos cair sobre a vossa própria lâmina... ou procurar vingar a minha morte, o que achardes mais correto. — Tinha a certeza quanto à escolha que Papewaio faria. Agora, até que escolhesse a hora e o meio de execução, Papewaio permaneceria ao seu serviço.

Mara contemplou os seus três mais leais seguidores, receosa de que a sua sentença pouco convencional levantasse celeuma. Todavia, a obrigação e os costumes obrigavam a uma obediência cega, e nenhum deles deteve o seu olhar. Esperançosa de que tivesse agido com honradez, Mara disse:

— Agora ide, tratai das vossas obrigações.

Keyoke e Papewaio levantaram-se imediatamente. Fizeram uma re-

verência rígida, voltaram-lhe as costas, e saíram. Velha e de movimentos lentos, Nacoya executou a cortesia com menos graciosidade. Endireitou-se deixando transparecer um sinal de aprovação no olhar sábio. — Muito bem, filha de Sezu — murmurou. — Assegurais a honra do Papewaio e preservais um servidor muito leal. Ele ostentará a tarja negra da desonra como se fosse um emblema de dignidade. — Depois, como se embaraçada pela sua ousadia, a velha ama apressou-se a afastar-se.

A servidora da casa que estava à porta teve de falar duas vezes para que Mara reparasse nela. — A minha senhora precisa de algo?

Extenuada pelas emoções e tensões da tarde, a Senhora dos Acoma levantou a cabeça. A julgar pelo olhar expectante da serva, percebeu que a tarde já passara. Sombras azuis mosqueavam as telas das portas, conferindo um aspeto melancólico e soturno às pinturas decorativas de caçadores. Saudosa da simplicidade da sua meninice, Mara decidiu ignorar as formalidades da refeição da noite. No dia seguinte enfrentaria a realidade de ter de se sentar no lugar que fora do seu pai à cabeceira da mesa. — Deixai entrar a brisa da noite, depois podeis ir — disse, para a criada.

A serva apressou-se a obedecer às suas ordens e abriu os enormes anteparos de correr virados para ocidente. O Sol cor de laranja já ia baixo, roçando a orla púrpura do horizonte. Uma luminosidade vermelha e dourada flamejava sobre os pântanos onde as aves *shatra* se juntavam em bando ao entardecer. Enquanto Mara observava, as desajeitadas criaturas levantaram voo. Em poucos minutos, o céu cobriu-se de silhuetas graciosas e elegantes, revolteando por entre as nuvens afogueadas de tons escarlate, rosa e anil perante a aproximação da noite. Ninguém compreendia os motivos daquela esplêndida dança esvoaçante em grupo, mas proporcionava um espetáculo majestoso. Embora Mara já tivesse contemplado aquele prodígio centenas de vezes na sua infância, as aves continuavam a deixá-la maravilhada. Não reparou na partida em bicos de pés da serva, mas durante quase uma hora ficou sentada a observar as centenas de aves que se juntavam ao bando para rodopiarem e virarem, inclinarem e planarem, enquanto a luz se esvaía lentamente. As aves pousaram quando o Sol desapareceu. No crepúsculo prateado, reuniram-se nos pântanos, muito juntinhas para gorar as tentativas dos predadores durante o sono.

Os servidores da casa regressaram na tépida e doce hora do lusco-fusco, trazendo-lhe óleo para as lamparinas e chá quente de ervas. Porém, a exaustão havia levado finalmente a melhor sobre Mara. Foram encontrá-la a dormir por entre os coxins, embalada pelos sons familiares dos tratadores que conduziam as *needra* para os abrigos. Ao longe, a triste cantilena de um escravo da cozinha a amassar o pão de *thyza* para a refeição da manhã era um delicado contrapeso para os longínquos chamamentos das sentinelas

de Keyoke enquanto patrulhavam o recinto para assim garantirem a segurança da nova Senhora dos Acoma.

Habituada à disciplina do templo, Mara despertou cedo. Pestanejou, ao princípio confusa com o que a rodeava; depois, ao ver a requintada colcha que cobria a sua esteira, lembrou-se: estava no quarto do seu pai na qualidade de Governatriz dos Acoma. Repousada, mas ainda combalida das contusões deixadas pelo assassino enviado pelos Minwanabi, virou-se de lado. Exuberantes mechas de cabelo emaranharam-se-lhe nas pestanas; afastou-as impacientemente.

A aurora iluminava os biombos voltados a oriente. O assobio de um tratador a levar as *needra* para os pastos rompeu o coro matutino dos chamamentos das aves. Mara despertou por entre memórias inquietantes.

As criadas não deram pelo seu despertar. Descalça, e deleitando-se com a solidão, a rapariga atravessou o quarto e destrancou o anteparo. Puxou-o para o lado quase sem fazer barulho. O ar fresco acariciou-lhe a pele atravessando as pregas da túnica. Mara inspirou a fragrância do orvalho e da terra húmida, e o delicado perfume das flores *akasi*. A neblina erguia-se dos pântanos, conferindo às árvores e às sebes tons de carvão, e por entre ela viam-se as solitárias silhuetas dos tratadores conduzindo as indolentes *needra*.

O soldado que estava no seu posto à entrada virou-se e percebeu que a rapariga de camisa de dormir branca e cabelo desgrenhado era a sua Governatriz. Fez uma reverência circunspecta. Mara acenou com a cabeça absortamente enquanto ele regressava aos seus afazeres. A rapariga contemplou a vasta amplitude das propriedades da família, numa manhã ainda não perturbada pelo ruído e o bulício do dia. Não tardaria a que todos os que trabalhavam na propriedade estivessem afadigados nas suas tarefas, e só restavam alguns minutos a Mara para apreciar a serenidade daquilo que tinha agora de proteger. Franziu o cenho de preocupação ao perceber o que lhe faltava aprender para gerir aquele património. Na realidade, nem sequer sabia a magnitude do que herdara. Tinha uma vaga ideia de que possuía propriedades noutras províncias, mas nada sabia sobre a sua disposição e valor. O seu pai não apreciara as particularidades da agricultura e da criação de gado, e embora tenha gerido os seus ativos e o bem-estar dos seus súbditos com sabedoria, as suas conversas com Mara haviam sempre seguido o rumo das coisas que apreciava, e de natureza mais ligeira.

Quando a criada chamou delicadamente da soleira da porta do quarto, Mara fechou o biombo. — Vestir-me-ei e desjejuarei imediatamente — disse. — Depois reunirei com o novo *hadonra*, Jican, no seu estúdio.

A criada fez uma vénia e dirigiu-se para o guarda-fatos, enquanto Mara

desemaranhava o cabelo. Habituada que estava à ausência do conforto dos criados no templo, Mara pegou mecanicamente na escova.

— Minha senhora, não sou do vosso agrado? — A conduta da jovem criada evidenciava perturbação.

Mara enrugou a testa, irritada com o seu lapso irrefletido. — É evidente que sois do meu agrado. — Passou-lhe a escova e sentou-se imóvel enquanto a criada começava a tratar-lhe do cabelo. Enquanto a criada trabalhava, Mara refletiu que a decisão que tomara de ir ao encontro de Jican visava tanto evitar Nacoya como obter mais informações sobre as suas propriedades. A velha ama tinha uma tendência natural para estar rabugenta às primeiras horas da manhã, e, além do mau feitio, Nacoya teria imensas coisas a dizer à jovem sobre as suas responsabilidades de Governatriz.

Mara suspirou, e a criada fez uma pausa, aguardando instruções da sua senhora e receando haver algum problema. Como Mara não disse nada, a rapariga continuou, com cuidado, como se receasse a censura da sua senhora. Mara matutou nas perguntas que iria fazer a Jican, sabendo que eventualmente teria de enfrentar os modos rabugentos de Nacoya. Voltou a suspirar, como fizera quando tivera de enfrentar um dos castigos de Nacoya por alguma brincadeira infantil, e a criada fez outra pausa para se asseverar de que a sua senhora estava satisfeita. Após uma pequena pausa, a rapariga retomou a tarefa de pentear o cabelo da sua senhora, e Mara voltou a pensar nos assuntos da gestão das propriedades.

Mais tarde, vestida e aprumada, Mara estava sentada com o cotovelo apoiado sobre um monte de almofadas. Tinha o lábio trilhado entre os dentes em sinal de concentração enquanto revia o último de um enorme volume de rolos de pergaminho. Pequeno, tisonado do sol e nervoso como uma *thyza*, o *hadonra*, Jican, espreitava por cima do ombro dela. Estendeu um dedo hesitante.

— Os lucros estão indicados aqui, minha senhora. Conforme podeis constatar, são consideráveis.

— Estou a ver, Jican. — Mara estendeu o pergaminho sobre os joelhos no momento em que Nacoya enfiava a cabeça pela porta. — Estou ocupada, Nacoya. Irei brevemente ao vosso encontro, talvez ao meio-dia.

A velha ama abanou a cabeça, com os ganchos tortos como sempre. — Com o devido respeito, minha senhora, mas já passa uma hora do meio-dia.

Mara ergueu as sobrancelhas, estupefacta. Compreendia a impaciência do seu pai relativamente à gestão das suas longínquas propriedades. A tarefa era mais complexa do que pensara. Todavia, ao contrário do pai, considerava a sinuosidade das finanças algo fascinante. Com um sorriso pesaroso perante a impaciência de Nacoya, a Senhora dos Acoma disse:

— Perdi a noção do tempo. Mas o Jican está quase a terminar. Podeis esperar se assim desejardes.

Nacoya deu um repelão com a cabeça em negativa. — Tenho muitos afazeres, senhora. Mandai o vosso mensageiro chamar-me quando estiverdes pronta. Mas não demoreis muito mais. Há decisões a tomar e amanhã já será tarde de mais para as considerar.

A ama deixou-os. Mara ouviu-a fazer uma pausa para dizer algo a Keyoke, que montava guarda no corredor. Depois, dedicando novamente a sua atenção a Jican e à lição de comércio, Mara pegou noutro rolo de pergaminho. Desta vez, fez um comentário sobre o saldo sem que o *hadonra* tivesse de chamar a sua atenção. — Podemos ter um défice de guerreiros, Jican, mas temos propriedades abundantes, seremos mesmo prósperos.

— Não é difícil, minha senhora. O Sotamu deixou registos inequívocos referentes aos anos que serviu o vosso pai. Eu limito-me a seguir os seus passos. As colheitas de *thyza* foram abundantes nos últimos três anos, enquanto a praga do *hwaet* nas províncias das planícies fez disparar os preços de todos os cereais: *thyza*, *ryge*, *maza*, até de *milat*. Dada a escassez de *hwaet*, apenas um gestor preguiçoso transporta a sua *thyza* até Sulan-Qu para a vender lá. É preciso apenas mais um pequeno esforço para negociar com um feitor de um consórcio de comerciantes de cereais na Cidade das Planícies. — O homenzinho suspirou pouco à-vontade. — Minha senhora, não quero faltar ao respeito a nenhum membro da vossa altiva classe, mas conheci muitos senhores poderosos que não se interessam pelos detalhes dos negócios. Porém, ao mesmo tempo, recusam aos seus *hadonras* e feitores a autoridade para atuarem de forma independente. Por isso, temos negociado com grandes casas e comerciantes da cidade sempre que podemos. Por força disso, na maior parte das vezes, conseguimos enormes lucros.

O *hadonra* fez uma pausa com as mãos timidamente abertas à sua frente. Depois, encorajado pelo facto de Mara não o ter interrompido, prosseguiu. — E os criadores... é complicado entendê-los. Mais uma vez, não quero faltar ao respeito, mas os senhores do Norte parecem especialmente insensatos no que diz respeito à escolha de machos reprodutores. — Mais confiante, o homenzinho encolheu os ombros de perplexidade. — Um macho temperamental e difícil de controlar, mas musculoso e que esgaravata o chão numa demonstração de impetuosidade, ou com um grande... — baixou o olhar, envergonhado — ah... um grande membro masculino, vende-se melhor do que um gordo que procriará bons animais para carne, ou um dócil que gerará gado robusto para animais de carga. Por isso, os animais que um homem mais astuto possa ter castrado ou matado rendem mais dinheiro, enquanto os melhores permanecem aqui, e as pessoas admiram-se com a qualidade das manadas. Dizem «como é que a carne

dos Acoma tem um sabor tão bom, se eles têm machos tão fracos?» Eu não compreendo este raciocínio.

Mara esboçou um sorriso, a primeira expressão relaxada que mostrava desde que saíra do templo. — Aqueles nobres senhores procuram animais que sejam o espelho da sua própria virilidade. Eu não tenho tais necessidades. E como não desejo ser confundida com o gado de criação, podeis continuar a selecionar que machos e fêmeas são vendidos sem vos preocupardes se as suas feições são parecidas com as minhas. — Jican esbugalhou os olhos até compreender que a rapariga estava a fazer um gracejo. Riu ligeiramente com ela. — Fizestes um bom trabalho — acrescentou Mara.

O *hadonra* agradeceu com um sorriso, como se lhe tivessem tirado dos ombros um enorme peso. Era evidente que gostava do seu novo trabalho e receara que a nova senhora pudesse despedi-lo. Ficou duplamente agrada-do ao saber que continuaria a ser o *hadonra* e que a sua senhora reconhecia o seu valor.

Mas Mara herdara o instinto do pai para a governação, ainda que só agora estivesse a vir ao de cima, e sabia que tinha ao seu lado um gestor competente, quiçá dotado. — A vossa diligência nos negócios honra o nome dos Acoma tanto quanto a valentia dos nossos soldados — acrescentou. — Podeis ir agora tratar dos vossos afazeres.

O *hadonra* fez uma vénia sobre os joelhos até tocar com a testa no chão, uma mesura mais servil do que era exigido a um homem na sua posição. — Acalento-me ao sol do elogio da minha senhora.

Jican levantou-se e foi embora enquanto um servidor da casa recolhia os rolos de pergaminho que estavam no chão. Nacoya transpôs apressadamente a soleira da porta quando o *hadonra* ia a sair. Seguiram-na outros servos com tabuleiros com uma refeição ligeira e, com um suspiro, Mara desejou que o seu excessivo pessoal doméstico pudesse ser transformado em soldados.

Nacoya fez uma vénia, depois sentou-se antes que Mara tivesse oportunidade de lhe dar licença para se ausentar. Por entre o delicado tilintar das loiças e o corrúpio dos servos a pôr a mesa, disse:

— A minha senhora acha que deve trabalhar a manhã inteira sem fazer qualquer refeição? — Os seus velhos olhos negros assumiram um ar crítico. — Perdestes peso desde que deixastes o templo. Há homens que vos considerariam magricela.

Ainda preocupada com a conversa que tivera com Jican, Mara falou como se não a tivesse ouvido. — Dediquei tempo a obter informações sobre os meus bens e propriedades. Fizestes uma boa escolha em relação ao Jican, Nacoya. Embora lembre o Sotamu com afeição, este homem parece ser um mestre nos negócios.

Os modos de Nacoya temperaram-se. — Foi o que pensei, minha senhora, mas tratou-se de uma decisão urgente.

— Foi uma boa escolha. — Mara observou o suprimento de alimentos, e o cheiro do pão de *thyza* acabado de cozer despertou a sua consciência para a fome. Pegou num pedaço de pão, franziu o cenho, e acrescentou:

— Eu não sou magricela. As nossas refeições no templo não eram tão profícuas quanto possais pensar. — Deu uma trinca, e mastigou pensativa. Perscrutou a sua inabalável ama. — Agora, o que urge fazer?

Nacoya franziu os lábios, um sinal inequívoco de que iria entabular um assunto que considerava delicado. — Urge reforçar a vossa casa, minha senhora. Na ausência de familiares diretos, sois um alvo tentador para muitos. Mesmo aqueles que nunca tiveram motivos de discórdia com os Acoma podem encarar as vossas posses numa perspectiva de inveja e ambição. As terras e as manadas poderiam não ser uma tentação para que um pequeno senhor atacasse o vosso pai, mas agora uma jovem rapariga sem qualquer formação? «Há uma mão por detrás de cada cortina» — citou.

— «E um punhal em cada mão» — concluiu Mara. Pousou o pão. — Eu compreendo, Nacoya. Acho que devemos recrutar homens.

Nacoya abanou a cabeça com tal convicção que o cabelo debilmente preso ameaçou soltar-se. — Trata-se de uma possibilidade difícil e perigosa neste momento.

— Porquê? — Com a irritação, Mara esquecera-se da comida. — Aca-bei de analisar os meus bens com o Jican. Os Acoma dispõem de fundos mais do que suficientes para suportar dois mil e quinhentos soldados. Até temos fundos suficientes para pagar taxas de recrutamento.

Mas Nacoya não se referira ao facto de um novo senhor ter de reembolsar o antigo pela formação de cada recruta. Delicadamente, lembrou:

— Muitos perderam a vida, Mara-anni. Os laços familiares que restam são muito fracos para terem relevância. — A tradição tsurani exigia que apenas familiares de um soldado que já prestasse serviço pudessem integrar a guarnição de uma casa senhorial. Como os primogénitos costumavam assumir a mesma fidelidade dos pais, recrutas com essas características limitavam-se agora aos segundos filhos ou posteriores. Considerando tais factos, Nacoya acrescentou:

— Tendo em conta o intenso recrutamento que o vosso pai levou a cabo antes da invasão ao mundo bárbaro, a maioria dos homens aptos já foram chamados. Todos os que estão disponíveis agora são jovens e inexperientes. O Senhor dos Minwanabi agirá antes que esses homens se tornem úteis.

— Já pensei sobre o assunto. — Mara tirou de debaixo da escrivaninha uma caixa delicadamente entalhada em madeiras caras. — Mandei cha-

mar a Guilda dos Transportadores hoje de manhã. O representante que vier receberá instruções para entregar esta caixa em mão ao Senhor dos Minwanabi com cautela e sem mensagem. — Com um ar inflexível, Mara entregou a caixa a Nacoya.

Nacoya abriu o requintado trinco e ergueu uma sobrancelha ao ver o conteúdo. Apenas uma corda enegrecida com sangue da mão de Mara estava enrolada ao lado de uma pena de *shatra*. Fechando a caixa como se contivesse uma *dhas* escarlate, a mais venenosa de todas as serpentes, Nacoya disse:

— Declarais guerra aberta à Casa dos Minwanabi.

— Apenas reconheço que uma guerra aberta começou há séculos! — ripostou Mara, ainda demasiado sentida com o assassinio do pai e do irmão para ser moderada. — Estou apenas a informar o Jingu de que outra geração dos Acoma está preparada para o defrontar. — Subitamente embaraçada pelas suas emoções, a rapariga desviou o olhar para o tabuleiro com os alimentos. — Mãe do meu coração, eu não tenho experiência no Jogo do Conselho, mas recordo-me de muitas noites em que o pai debatia com o Lano os seus estratagemas, ensinando ao filho cada movimentação, e o motivo inerente. A filha também o ouvia.

Nacoya pousou a caixa e anuiu. Mara ergueu o olhar, ligeiramente transpirada do calor, mas composta. — Os nossos inimigos Minwanabi pensarão que isto representa algo mais subtil do que efetivamente é. Vão tentar deter qualquer ato que pensem que engendramos, o que nos dará tempo para planear. Tudo o que posso fazer agora é esperar conseguir ganhar tempo.

Nacoya permaneceu em silêncio, depois disse:

— Filha do meu coração, a vossa audácia é admirável, porém, embora possais ganhar um dia, uma semana, ou talvez até mais com este gesto, no fim o Senhor dos Minwanabi avançará para destruir tudo o que pertence aos Acoma. — A velha ama inclinou-se para a frente, insistente. — Deveis encontrar aliados, e, para isso, apenas podeis seguir um caminho. Deveis casar. Depressa.

Mara levantou-se tão abruptamente que bateu com o joelho na perna da escrivãzinha. — Não! — Fez-se um silêncio tenso, enquanto um pergaminho flutuava dentro do prato da sopa.

Nacoya apressou-se a ignorar a irritação da sua senhora. — Não tendes outra opção, filha. Enquanto Governatriz, deveis procurar um consorte entre os filhos mais jovens de certas casas do Império. Um casamento com um filho dos Shinzawai, dos Tukareg ou dos Chochopan surtiria numa aliança com uma casa capaz de nos proteger. — Manteve-se silenciosa por instantes, depois prosseguiu:

— Durante o tempo possível. Mesmo assim, o tempo poderá destruir o equilíbrio.

Mara tinha as maçãs do rosto afogueadas e os olhos arregalados. — Nunca vi nenhum dos rapazes que mencionastes. Não casarei com um desconhecido!

Nacoya levantou-se. — Falais agora com irritação, e é o coração que comanda a vossa mente. Se nunca tivésseis entrado para o templo, o vosso marido teria sido escolhido pelo vosso pai ou pelo vosso irmão. Enquanto Senhora dos Acoma, deveis fazer esse sacrifício a bem da vossa casa. Deixo-vos para que pondereis sobre estas palavras.

A ama agarrou a caixa que a Guilda dos Transportadores deveria entregar ao Senhor dos Minwanabi. Fez uma vénia rígida e saiu.

Mara permaneceu sentada com uma fúria silenciosa e os olhos fixos no pergaminho encharcado, que se afundava lentamente nas profundezas da tigela de sopa. A ideia do casamento evocava inúmeros temores, enraizados de algum modo na sua mágoa. Estremeceu, apesar de estar um dia quente, e estalou os dedos para que os servos levassem os tabuleiros com os alimentos. Iria descansar e refletir sozinha sobre as instruções da velha ama.

De acordo com a recomendação de Keyoke, Mara passou a tarde no interior da casa senhorial. Embora tivesse preferido continuar a inspecionar, na sua liteira, as propriedades dos Acoma, os seus guerreiros estavam demasiado depauperados; seria necessário um séquito para garantir a sua segurança em terreno desprotegido, o que deixaria poucos guardas disponíveis para as patrulhas de rotina. Demasiado escrupulosa para ficar parada, a rapariga dedicou-se à análise de documentos, para se familiarizar mais com as propriedades mais distantes da família. Fez uma pausa para uma refeição ligeira. As sombras alongaram-se e o calor da tarde redundou em quietude.

Durante as suas leituras, a Senhora dos Acoma viera a compreender um subtil mas importante facto da vida tsurani, um facto que o pai enfatizara por diversas vezes, mas que apenas agora compreendia: a honra e a tradição eram apenas dois dos pilares de uma grande casa; o poder e a abastança eram os outros dois. E destes quatro, eram os dois últimos que impediam que o teto desabasse. Mara apertou a mão à volta da pega do pergaminho. Se conseguisse de algum modo manter ao longe os inimigos que queriam a sua morte até conseguir reunir forças para entrar no Jogo do Conselho, então... Abandonou o pensamento sem o concluir. Manter os Senhores dos Minwanabi e dos Anasati à distância era a sua prioridade. A vingança era um sonho improficuo a menos que conseguisse garantir a sobrevivência da sua família.

Perdida nos pensamentos, Mara não ouviu Nacoya chamá-la delicadamente à porta. — Minha senhora? — repetiu a ama.

Mara levantou o olhar, sobressaltada, e fez sinal para que a anciã entrasse. Aguardou, preocupada e distante, enquanto a anciã fazia a vénia, e depois se ajoelhava diante dela.

— Minha senhora, ponderei sobre a nossa conversa desta tarde e suplico a vossa tolerância para o meu conselho.

Mara estreitou os olhos. Não tinha qualquer desejo de retomar o assunto do casamento, mas a dor persistente dos ferimentos provocados pelo assassino lembraram-na da necessidade de ser prudente. Pousou os pergaminhos e fez sinal para que Nacoya prosseguisse. — Enquanto Governatriz dos Acoma, o vosso estatuto não mudaria com o casamento. Um consorte poderia sentar-se ao vosso lado direito, mas não teria qualquer poder nos assuntos da casa, exceto aqueles que vós permitísseis. Ele...

Mara acenou com a mão. — Estou ao corrente desses factos.

A velha ama sentou-se mais confortavelmente no tapete defronte da sua senhora. — O vosso perdão, minha senhora. Quando vos abordei há pouco, tinha esquecido que para uma serva de Lashima os assuntos mundanos além das paredes do templo caem no esquecimento. Os assuntos entre rapazes e raparigas, os encontros com os filhos de casas senhoriais, os beijos e os jogos de sedução, essas coisas foram-vos negadas durante mais de um ano. A ideia de um homem... — Desencorajada pela crescente intensidade da impassibilidade de Mara, Nacoya vacilou, mas forçou-se a concluir. — Perdoai o titubear de uma velha. Vós éreis uma donzela, e continuais a sê-lo.

Esta afirmação fez o sangue afluir ao rosto de Mara. Durante o tempo que passara no templo, recebera instruções para ignorar os assuntos da carne. A preocupação de Nacoya de que a rapariga não conseguisse lidar com o assunto tinha razão de ser, pois no âmago de Mara a luta para esquecer não fora fácil. Dera por si amiúde a fantasiar com rapazes que conhecera na infância.

Mara esfregou nervosamente a ligadura que lhe cobria a palma da mão lacerada. — Mãe do meu coração, continuo a ser uma donzela. Mas compreendo o que se passa entre um homem e uma mulher. — Abruptamente, como que se melindrada, formou um círculo com o polegar e o indicador da mão esquerda e introduziu o indicador direito com um movimento impetuoso. Os pastores, agricultores e soldados utilizavam aquele gesto para aludirem à fornicação. Embora não fosse algo obsceno — o sexo era um facto genuíno da vida dos Tsurani —, aquele gesto era vulgar e não assentava bem a uma senhora de uma grande casa.

Demasiado sagaz para responder àquela provocação, Nacoya afirmou:

— Minha senhora, sei que brincastes com o vosso irmão entre soldados e pastores. Sei que vistes os machos a montar as fêmeas. E outras coisas. — Considerando a proximidade íntima da vida dos Tsurani, por diversas vezes ao longo dos anos Mara e o irmão tinham podido ouvir os ruídos da paixão, ou ocasionalmente dado de caras com um encontro entre escravos ou servos.

Ela encolheu os ombros, como se fosse um assunto insignificante.

— Minha filha, sabeis o que se passa entre um homem e uma mulher aqui. — A ama levou o indicador à cabeça. Depois apontou para o coração. — Mas não compreendeis aqui — e a seguir para entre as pernas —, nem aqui. Posso ser velha, mas lembro-me.

»Mara-anni, uma Governatriz também é uma guerreira. Deveis dominar o vosso corpo. A dor deve ser vencida. — A ama ficou meditabunda. — E por vezes a paixão causa mais dor do que qualquer ferimento de sabre. — A luz do Sol, que ia baixo e atravessava a tela, vincava-lhe a firmeza das feições à medida que se concentrava mais em Mara. — Enquanto não conhecerdes o vosso corpo e dominardes todas as suas necessidades, sois vulnerável. A vossa valentia, ou as vossas fraquezas, são as da Casa dos Acoma. Um jovem garboso que vos murmure delicadamente ao ouvido, cujo toque deixe a vossa virilha em fogo, pode destruir-vos tão depressa quanto um assassino hamoi.

Mara corou profusamente e o seu olhar faiscou. — O que estais a sugerir?

— Uma Governatriz não deve ter dúvidas — disse Nacoya. — Após a morte da vossa mãe, o Senhor Sezu envidou medidas para garantir que os desejos da carne não o tentariam insensatamente. A luxúria em relação a uma filha da casa errada poderia ter destruído os Acoma com a mesma eficácia que uma derrota em batalha.

»Durante a vossa permanência no templo, esta casa foi frequentada por mulheres do Boa Vida...

— Nacoya, essas mulheres já frequentavam esta casa quando eu era mais jovem. Eu lembro-me. — Mara inspirou impacientemente e, a julgar pelo cheiro intenso a *akasi*, percebeu que os escravos estavam a cuidar dos jardins do outro lado das telas.

Porém, aparentemente, aquele ar farto não surtiu qualquer efeito sobre Nacoya. — O Senhor Sezu nem sempre agia em proveito próprio, Mara-anni. Por vezes, as mulheres eram chamadas para Lanokota, para que ele aprendesse as relações entre um homem e uma mulher, e para que não caísse nas garras dos ambiciosos estratagemas de filhas matreiras e seus pais.

Subitamente, imaginar o seu irmão com mulheres dessa laia deixou

Mara ressentida; todavia, a proximidade dos escravos obrigava a que mantivesse o decoro. — Por isso, volto a perguntar, o que sugeris?

— Mandarei vir um homem do Boa Vida, experiente nos...

— Não! — Mara interrompeu-a. — Nem quero ouvir falar nisso!

Nacoya ignorou a sua senhora. — ...prazeres da carne. Ele pode ensinar-vos...

— Eu disse que não, Nacoya!

— ...tudo o que precisais de saber, para que os toques delicados e as palavras doces murmuradas no escuro não vos iludam.

Mara mostrou-se furibunda. — Ordeno-vos que não proferis outra palavra!

Nacoya engoliu o que ia dizer a seguir. Os olhares das duas mulheres cruzaram-se e, durante um longo e silencioso minuto, nenhuma se mexeu. Por fim, a idosa baixou a cabeça até que a sua testa tocou as tapeçarias sobre as quais estava ajoelhada, o sinal de súplica dos escravos. — Estou envergonhada. Ofendi a minha senhora.

— Ide! Deixai-me!

A anciã levantou-se, com o roçar das suas vestes e a rigidez das suas costas a refletirem a sua desaprovação. Com um gesto, Mara mandou embora o servo que se aproximara para indagar sobre as suas necessidades. Sozinha, rodeada pelos requintados e meticulosamente redigidos pergaminhos que honradamente ocultavam aquilo que efetivamente constituía uma cruel e mortífera malha de intriga, Mara tentou racionalizar a confusão deixada pela sugestão de Nacoya. Não sabia como descrever o pavor que se enfunava para a envolver.

Tentando controlar-se, Mara soluçou em silêncio. Destituída do aconchego do irmão, rodeada de conspiração, ameaça e da presença invisível de inimigos, a Senhora dos Acoma baixou a cabeça, enquanto as lágrimas lhe enchavam a ligadura da mão, fazendo arder as feridas por debaixo.

Ouviu-se um sino ao longe. Mara reconheceu o sinal que chamava os escravos a recolher aos seus aposentos para a refeição da noite. Os trabalhadores que tratavam dos jardins de *akasi* levantaram-se e pousaram as ferramentas, enquanto, por detrás dos finos biombos de papel, a sua senhora afastava os pergaminhos. Esfregou os olhos inchados das lágrimas e chamou baixinho os criados para que abrissem o estúdio para deixar entrar o ar do exterior.

Levantou-se então, sentindo-se despojada e esgotada; mas aquele ar resolutivo regressara-lhe ao semblante. Mordendo o lábio pensativa, a rapariga recostou-se à moldura polida do biombo. Tinha de existir outra solução além de um casamento. Ponderou, mas não encontrou resposta, enquanto o Sol se punha, denso e dourado, no céu ocidental. A névoa do calor pai-

rava sobre campos distantes, e, por cima, a abóbada verde-azulada do céu não era cruzada por quaisquer aves. As folhas de *akasi* desbastadas pelos trabalhadores murchavam sobre o passeio de pedra branca, juntando fragrância ao indolente silêncio que rodeava a casa senhorial. Mara bocejou, desgastada pela mágoa e pelas preocupações.

Subitamente, ouviu gritos. Sobressaltada e alerta, endireitou-se. Viam-se silhuetas a correr pela estrada na direção das casernas dos guardas. Consciente de que tamanha perturbação seria mau presságio, a rapariga afastou-se do biombo, no preciso instante em que uma criada entrou de rompante no estúdio.

Seguiu-a um guerreiro, empoeirado, transpirado e ofegante após uma longa corrida com a armadura de batalha envergada. Baixou a cabeça respeitosa. — Minha senhora, com a vossa licença.

Mara sentiu um nó frio apertar-se-lhe no estômago. *Já começa*, pensou. Porém, o seu rosto manchado de lágrimas revelou firmeza quando disse:

— Falai.

O soldado bateu com o punho no peito em jeito de continência. — Minha senhora, o Comandante das Forças Armadas manda informar que o rebanho foi atacado por um grupo de fora-da-lei.

— Mandai buscar a minha liteira, depressa. — A criada que precedera o soldado transpôs a soleira da porta a toda a brida.

— Reuni uma escolta — disse Mara dirigindo-se ao soldado, que fez uma vénia e saiu.

Mara abriu a túnica curta e leve que as mulheres tsurani da nobreza preferiam usar na privacidade dos seus lares. Arremessou a peça para as mãos de uma criada que aguardava, enquanto outra se aproximou apressadamente com uma túnica de viagem, mais comprida e de corte mais modesto. Juntando um lenço fino para ocultar as marcas não cicatrizadas do pescoço, Mara saiu para o exterior.

Os transportadores da liteira aguardavam em silêncio, totalmente despidos à exceção das tangas e a transpirar debaixo do calor. Quatro guerreiros aguardavam junto a eles, afivelando apressadamente os capacetes e ajustando as armas nos cinturões. O soldado que fora enviado para informar Mara ofereceu-lhe atenciosamente a mão e ajudou a sua senhora a subir para o assento almofadado. Depois, fez sinal aos transportadores e à escolta. A liteira balançou e avançou para a frente quando os transportadores obedeceram às ordens de marcha de urgência e seguiram na direção dos pastos mais afastados.

A viagem terminou muito antes do que Mara esperara, a milhas das fronteiras da propriedade. Tratava-se de um sinal desencorajador, pois os bandidos nunca se atreveriam a percorrer os campos interiores se as pa-

trulhas tivessem capacidade para os deter. Com um movimento enérgico de cólera, a rapariga afastou as cortinas diáfanas. — O que aconteceu aqui?

Keyoke afastou-se de dois soldados que estavam a analisar o chão em busca de vestígios que pudessem indicar o número e o poderio dos renegados. Se reparou nas manchas das lágrimas no rosto dela, as suas próprias feições coriáceas não transpareceram qualquer reação. Com o elmo emplumado a baloiçar pendurado no cinturão e destacando-se da armadura lacada, o guerreiro fez sinal na direção de um enfiamento de vedação derubada, que os escravos de tanga se azafamavam a reparar. — Fora-da-lei, minha senhora. Dez, ou talvez uma dúzia. Mataram um jovem pastor e fugiram com algumas *needra*.

— Quantas? — Mara gesticulou e o Comandante das Forças Armadas ajudou-a a descer da liteira. A relva parecia-lhe estranha debaixo das sandálias depois da clausura no templo e de meses a pisar pavimentos de pedra; também inesperados foram os odores da terra profícua e das vinhas de *khala*, que se enroscavam nas vergas da vedação. Mara ignorou aquela distração momentânea e cumprimentou Jican de sobrolho carregado, uma expressão que fazia lembrar o pai quando os assuntos domésticos não corriam bem.

Ainda que o *hadonra* não tivesse privado muito com o anterior Senhor dos Acoma, aquela expressão era lendária. Transpirado, com os dedos nervosamente entrelaçados na ardósia, fez uma vénia. — Minha senhora, no máximo, perdestes três ou quatro fêmeas. Só posso ter a certeza depois de fazer a contagem das tresmalhadas.

Mara levantou a voz acima do balido dos animais agitados por entre os assobios dos tratadores, com as compridas varas e os chicotes a estalar no ar enquanto conduziam a manada para um curral seguro. — Tresmalhadas?

Contrariado com a hesitação de Jican, Keyoke respondeu, e a sua voz era mais apropriada para o campo de batalha no mundo dos bárbaros do que para a terra batida do prado das *needra*: — Os animais deste pasto estavam prontos para procriação. O cheiro do sangue assustou-os e debandaram, o que alertou os pastores. — Fez uma pausa com os olhos a percorrerem a linha distante dos bosques.

A tensão da sua voz aumentou a preocupação de Mara. — O que vos apoquentou, Keyoke? Certamente não foi a perda de algumas fêmeas, ou a morte de um escravo?

— Não, minha senhora. — Sem tirar os olhos dos bosques, o velho soldado abanou a cabeça. — Detesto ver boas propriedades arruinadas, mas não é isso, as fêmeas e o rapaz são a menor das minhas preocupações. — Fez uma pausa enquanto um supervisor gritava; o grupo de escravos baixou-se para erguer uma viga nova, enquanto o Comandante

das Forças Armadas relatava o pior. — Temos estado atentos desde que aquele animal dos Hamoi atentou contra a vossa vida, minha senhora. Estes não eram bandidos de segunda. Atacaram, e partiram, em plena luz do dia, o que é sinal de planeamento e de um conhecimento profundo sobre as patrulhas.

Mara sentiu o pavor como uma lasca de gelo. — Espiões? — indagou, inabalável. O Senhor dos Anasati não se coibiria de orquestrar um ataque falso perpetrado por bandidos apenas para aquilatar do poderio das forças dos Acoma.

Keyoke tateou a espada. — Não creio, minha senhora. — Proferiu estas palavras com a sua habitual percepção quase sobrenatural. — Os Minwanabi nunca são assim tão subtis, e os Anasati não têm postos avançados suficientemente a sul para conseguirem organizar um ataque tão rápido. Não, isto parece-me obra de soldados. Certamente sem clã.

— Guerreiros cinzentos? — O cenho de Mara carregou-se ao pensar naqueles violentos homens sem clã que pululavam aos bandos pelas montanhas. Estando os Acoma tão gravemente despojados de tropas, um grupo destes homens sob as ordens de um comandante arguto poderia representar uma ameaça tão grave quanto qualquer estratagema traçado pelos inimigos.

Keoyke sacudiu o pó dos punhos e contemplou novamente as colinas, que se afundavam na penumbra do lusco-fusco. — Com a permissão da minha senhora, enviarei batedores. Se os guerreiros cinzentos foram responsáveis por este ataque, só queria matar a fome. Encontraremos fumo e fogueiras; caso contrário, saberemos que a notícia da nossa fraqueza viaja rapidamente na direção dos ouvidos inimigos.

Não fez referência a um contra-ataque. Mais comedido do que Nacoya, o seu silêncio em relação ao assunto deixou Mara perceber que uma demonstração aberta de força poderia precipitar a calamidade. Os guerreiros acoma eram poucos, mesmo para escorraçar um enclave de ladrões de *needra*. A que ponto os Acoma haviam chegado, foi o pensamento de Mara; mas fez o gesto formal de concordância. Keyoke apressou-se a dar ordens aos seus soldados. Os transportadores da liteira aprontaram-se, ansiosos por regressarem depressa para a refeição que tinham deixado a arrefecer nas mesas dos seus aposentos, mas a senhora não estava pronta para partir. Embora soubesse que Nacoya a repreenderia por se delongar num sítio onde a sua presença não era necessária, a urgência de novos combatentes parecia-lhe a origem da ameaça imediata. Ainda resistente à ideia de o casamento ser a única solução, fez sinal para que Keyoke regressasse para ao pé de si.

Ele fez uma vénia com o rosto encoberto pela penumbra. — A noite

está a chegar, minha senhora. Se desejais conselhos, deixai-me escoltá-la pois a vossa segurança pode correr perigo depois de escurecer.

Acalentada pelas mesmas qualidades que o Senhor Sezu tinha prezado no seu Comandante das Forças Armadas, Mara sorriu. Deixou que o velho guerreiro a ajudasse a acomodar-se na liteira e depois abordou o problema em causa. — Já começastes a recrutar mais guerreiros?

Keyoke ordenou que os transportadores da liteira avançassem, depois caminhou ao lado deles. — Minha senhora, dois dos nossos homens contactaram primos em cidades distantes e solicitaram o envio dos filhos mais novos para se juntarem ao vosso serviço. Dentro de uma ou duas semanas, permitirei que mais um ou dois façam o mesmo. Muito mais do que isso e todas as casernas de Ambolina até Dustari ficarão a saber que os Acoma têm falta de homens.

Luzes brilharam no escuro quando os homens que consertavam a cerca acenderam as lamparinas para continuarem os trabalhos. Quando a liteira da senhora virou na direção da casa senhorial, um homem, depois outro, e depois outro começaram a cantar a medo.

— Achais que devemos contratar homens? — disse Mara, consciente de que a segurança de todos dependia da sua decisão.

Keyoke estacou. — Mercenários? Vulgares guardas de caravanas? — Com uma passada, percorreu a distância que a liteira havia avançado. — Impossível. Não seriam de confiança. Homens que não têm qualquer laço de sangue com o *natami* dos Acoma seriam piores do que inúteis. Não vos devem qualquer deferência. Para fazer frente aos inimigos do vosso pai, necessitais de guerreiros que obedeçam sem hesitar, e que estejam preparados para morrer por vossa ordem. Mostrai-me um homem disposto a morrer em troca de um soldo e eu contrato-o. Não, minha senhora, uma casa contrata mercenários apenas para tarefas simples, como guardar depósitos, ou fazer patrulhas para defesa contra ladrões vulgares. E mesmo assim, apenas no intuito de libertar os guerreiros para tarefas mais honradas.

— Nesse caso precisamos de mercenários — atalhou Mara. — Nem que seja para impedir que os guerreiros cinzentos engordem à custa das nossas *needra*.

Keyoke desapertou o elmo e tateou as plumas na penumbra crescente. — Minha senhora, em tempos melhores, sim. Mas agora não. Metade dos homens que contratásseis seriam provavelmente espiões. Embora não tenha relutância em conceder honra a homens sem amo, acho que devemos esperar e preencher as nossas fileiras lentamente.

— E morrer. — Sem aceitar o facto de que a sugestão de Nacoya para um casamento parecia cada vez mais inevitável, Mara rangeu os dentes de rancor.

Sobressaltado com o seu estado de espírito, o qual nunca constataria nela, Keyoke mandou parar os transportadores da liteira. — Minha senhora?

— Quanto tempo faltará até que o Senhor dos Minwanabi fique a par dos danos que a sua traição nos causou? — Mara levantou a cabeça, mostrando o rosto oblongo e pálido por entre a alvura dos cortinados. — Mais cedo ou mais tarde, um dos seus espiões descobrirá que o núcleo da nossa casa está enfraquecido, e que as minhas propriedades foram despojadas de tudo exceto de um punhado de guerreiros saudáveis, apesar de mantermos uma ilusão de suficiência. As nossas terras distantes estão despojadas e aguentam-se através da manha — velhos e jovens sem treino a marchar de armadura. Vivemos como as *gazen*, sustendo a respiração e esperando que os *harulth* não nos espezinhem! Só que essa esperança é vã. Um dia destes, a nossa artimanha será descoberta. Então, os senhores que almejam a nossa ruína atacarão com uma violência brutal.

Keyoke pôs o elmo na cabeça, apertando lenta e ponderadamente a fita por debaixo do queixo. — Os vossos soldados morrerão a defender a vossa vida, minha senhora.

— É precisamente isso que quero dizer, Keyoke. — Depois de ter começado, Mara não conseguia deter a sensação de impotência que alagava a sua alma. — Vão morrer todos. Tal como vós e o Papewaio, e até a velha Nacoya. Depois, os inimigos que mataram o meu pai e o meu irmão levarão a minha cabeça e o *natami* dos Acoma até ao Senhor dos Minwanabi e... os Acoma deixarão de existir.

O velho soldado baixou as mãos em silêncio. Não podia refutar as palavras da sua senhora nem proporcionar-lhe qualquer tipo de conforto. Delicadamente, deu ordens para que os transportadores avançassem para a casa senhorial, para as luzes, e para tudo o que era o centro do legado dos Acoma.

A liteira balançou quando os transportadores passaram do piso irregular do prado para o caminho inclinado de gravilha. Envergonhada pelo seu assomo, Mara desapertou os nós e as diáfanas cortinas fecharam-se, ocultando-a da vista dos outros. Consciente da possibilidade de ela poder estar a chorar, Keyoke avançou com a cabeça devidamente virada para a frente. A sobrevivência com honra parecia uma esperança inatingível desde a morte do Senhor Sezu e do filho. Porém, para o bem da senhora cuja vida estava à sua guarda, resistia à crença de todos os guerreiros que ainda viviam: que o desagrado dos deuses se abatera sobre aquela casa, e que a sorte dos Acoma estava irremediavelmente em declínio.

Mara falou com um inesperado tom de resolução, despertando o Comandante das Forças Armadas dos seus pensamentos. — Keyoke, o que acontece se eu morrer e vós sobreviverdes?

Keyoke fez sinal para trás, na direção das colinas para as quais os assaltantes tinham fugido com o saque. — Sem a vossa licença para acabar com a minha vida, eu seria como aqueles homens, minha senhora. Um andari-lho, sem amo e sem lar, sem um rumo e identidade, um guerreiro cinzento sem um uniforme para usar.

Mara enfiou uma mão pelas cortinas, formando uma pequena fenda pela qual espreitou. — Os bandidos são todos assim?

— Alguns. Outros são pequenos criminosos, alguns larápios e assaltantes, alguns assassinos, mas muitos deles são soldados que viveram mais do que os seus amos.

A liteira aproximou-se do pátio de entrada da casa senhorial, onde Nacoya aguardava com um pequeno bando de servos. Mara apressou-se a indagar. — Homens honrados, Keyoke?

O Comandante das Forças Armadas contemplou a sua senhora sem qualquer sinal de censura. — Um soldado sem uma casa não pode ser honrado, minha senhora. Antes do declínio dos seus amos? Presumo que os guerreiros cinzentos tenham sido bons homens noutros tempos, mas viver mais do que o seu amo é sinal de desagrado dos deuses.

A liteira avançou para o pátio e os transportadores pousaram-na no chão com um solavanco praticamente impercetível. Mara afastou as cortinas e aceitou a ajuda de Keyoke. — Comandante das Forças Armadas, vinde hoje aos meus aposentos depois de os vossos batedores regressarem das colinas. Tenho um plano para debater com o resto da comunidade da casa senhorial.

— Assim farei, minha senhora. — Keyoke fez uma vénia com os punhos encostados ao peito como mandava a continência formal. Todavia, enquanto os servos avançavam com lamparinas, pareceu a Mara ter identificado um vestígio de aprovação no rosto marcado do guerreiro.

Areunião entre Mara e Keyoke prolongou-se pela noite dentro. As estrelas Areluziam como o gelo. Quando o velho guerreiro pegou no capacete que tinha pousado sobre o joelho, a Lua de Kelewan exibia um perfil entalhado de um cinza-dourado no zénite. — Minha senhora, o vosso plano é perigosamente audaz. Porém, tal como não é de esperar agressividade por parte de uma *gazen*, pode resultar.

— Tem de resultar! — Mara empertigou-se na penumbra. — Caso contrário, o nosso orgulho sofrerá um rude golpe. Pedir segurança em troca de um casamento não anela qualquer honradez, apenas fortifica aqueles que congeminaram uma traição contra nós. A nossa casa deixaria de ser um importante interveniente no Jogo do Conselho, e os espíritos dos meus antepassados sentir-se-iam perturbados. Não, neste

caso creio que o meu pai diria: «A segurança nem sempre é a melhor opção.»

Keyoke afivelou o elmo com o mesmo cuidado que teria ao preparar-se para entrar em batalha. — O vosso desejo é uma ordem, mas não vos invejo a tarefa de explicar a vossa proposta a Nacoya. — Fez uma vénia, levantou-se, e caminhou até ao biombo exterior.

Destrancou a peia e saiu. O luar inundava de dourado as floreiras. Recortados sob o brilho que emanavam, os ombros do Comandante das Forças Armadas pareciam mais direitos, a sua postura ligeiramente menos tensa. Aliviada, Mara compreendeu que Keyoke aprovara uma solução bélica para os problemas dos Acoma. Concordara em arriscar no plano dela em vez de a ver humilhar a família através de um casamento, deixando-a à mercê de uma casa mais forte. Ela desentrelaçou os dedos transpirados, simultaneamente receosa e excitada.

— Casarei conforme bem entender, ou então nem sequer o farei — murmurou para a noite. Depois, recostou-se nos coxins. O sono chegou relutante. Recordações de Lano, misturadas com pensamentos sobre jovens e jactantes filhos de grandes casas, de entre os quais teria de escolher um para consorte.

Amadrugada chegou. Com um vento seco que soprava de sul, a humidade da estação das chuvas persistia apenas em cavidades protegidas, para onde os pastores conduziam as *needra* para pastarem entre nuvens de poeira ocre. Mara desjejuou no jardim interior, sob a generosa sombra das árvores. O escorrer da água do fontanário decorativo acalmava-a no seu lugar, envergando uma túnica de gola alta cor de açafão. Parecia ainda mais jovem do que os seus dezassete anos, com os olhos brilhantes e o semblante toldado da insónia. Porém, ao chamar Nacoya, a sua voz soou decidida de autoridade.

A velha ama acercou-se rabugenta, como era seu apanágio pela manhã. O chamamento de Mara apanhara-a a vestir-se, por isso trazia o cabelo apressadamente puxado para trás, e os lábios franzidos de irritação. Fez uma vénia brusca.

— A minha senhora deseja algo? — indagou.

A Senhora dos Acoma fez-lhe sinal para que se sentasse. Nacoya recusou; doíam-lhe os joelhos e era demasiado cedo para discutir com uma rapariga obstinada cuja teimosia poderia ser a destruição da honra dos seus antepassados.

Mara sorriu delicadamente para a sua antiga ama. — Nacoya, reconsiderarei o vosso conselho e compreendi a sabedoria de casar para assim defraudar os estratagemas dos nossos inimigos. Peço-vos que me prepareis

uma lista de consortes que considereis apropriados, pois precisarei de ajuda para escolher um esposo adequado. Agora ide. A seu tempo, falarei convosco sobre o assunto.

Nacoya pestanejou, evidentemente sobressaltada com a mudança de postura. Depois estreitou os olhos. Era óbvio que aquele assentimento ocultava outra intenção, mas a ética tsurani vedava aos servos o direito de questionar. Extremamente desconfiada, mas sem possibilidade de retorquir, a anciã fez uma vénia. — O vosso desejo é uma ordem, minha senhora, e que a sabedoria de Lashima vos acompanhe.

Saiu a arrastar os pés e a resmungar. Mara deu um trago de *chocha*, fazendo jus à sua posição. Depois, passado um período adequado, invocou em voz baixa o mensageiro. — Ide chamar Keyoke, Papewaio e Jican.

Os dois guerreiros chegaram antes de ela esvaziar a chávena, Keyoke envergando a armadura de batalha, esplendorosamente luzidia; Papewaio também estava armado para entrar em ação, e trazia a tarja negra dos condenados amarrada à cabeça com o mesmo aprumo da cinta da qual pendia a sua espada. Tal como Nacoya imaginara, comportava-se como um homem condecorado com um galardão de honra por valentia. Fora isso, o seu semblante permanecia impassível. Em toda a sua vida, Mara vira poucas coisas tão constantes quanto Papewaio.

Fez sinal para o servo que tinha o bule de *chocha* e desta vez Papewaio aceitou uma chávena da bebida fumegante.

Keyoke sorveu a sua *chocha* sem tirar o elmo, um sinal inequívoco de que estava a pensar na estratégia. — Está tudo preparado, minha senhora. O Papewaio supervisionou a distribuição de armas e armaduras, e o Tasido, Líder de Ataques, está a supervisionar o exercício. Desde que não haja nenhum ataque, os vossos guerreiros devem ser convincentes.

— Muito bem. — Demasiado nervosa para terminar a *chocha*, Mara pousou as mãos transpiradas sobre o regaço. — Agora só nos falta o Jican, para que o engodo esteja preparado.

Nesse preciso instante, o *hadonra* chegou ao jardim. Fez uma vénia, ofegante e transpirado, pois viera a correr. Tinha a roupa empoeirada e ainda trazia o registo das *needra* no qual estivera a contabilizar os animais que eram conduzidos para os pastos. — As minhas desculpas por esta aparência imunda, minha senhora. Seguindo as vossas ordens, os pastores e escravos...

— Eu sei, Jican — interveio Mara. — A vossa honra não é menor e a vossa dedicação ao trabalho é admirável. Agora, temos colheitas e mercadorias nos depósitos para organizar uma caravana mercantil?

Alvorçado pelo elogio e pela mudança de assunto totalmente inesperada, o *hadonra* retesou os ombros. — Temos seis carregamentos de *thyza*

de fraca qualidade que foram retidos para a engorda das *needra*, embora as fêmeas que não estão prenhas passem bem sem eles. O desmame dos últimos bezerros foi há dois dias. Temos algumas peles apropriadas para vender aos fabricantes de arreios. — Jican mudou o peso do corpo para a outra perna, com cuidado para não evidenciar a sua estupefação. — Seria uma pequena caravana. Nem os cereais nem as mercadorias originariam um lucro significativo. — Fez uma vénia respeitosa. — Seria melhor a minha senhora esperar até chegar a época dos produtos comercializáveis.

Mara ignorou a sugestão. — Quero que preparem uma pequena caravana.

— Sim, minha senhora. — Os dedos do *hadonra* perderam a cor ao apertarem a beira da ardósia de registo. — Mandarei informar o nosso agente de Sulan-Qu...

— Não, Jican. — Voltando-se bruscamente, Mara levantou-se e debruçou-se sobre o fontanário. Estendeu a mão, deixando a água escorrer como pedras preciosas por entre os dedos. — Pretendo que esta caravana vá para Holan-Qu.

Jican olhou sobressaltado para Keyoke, mas não encontrou qualquer vestígio de reprovação no rosto vincado do Comandante das Forças Armadas. Nervoso, quase suplicante, insistiu:

— Minha senhora, obedeço ao vosso desejo, mas as mercadorias deveriam ser enviadas para Sulan-Qu, depois para jusante e daí de barco até Jamar.

— Não. — Gotas pingaram sobre o chão de mármore quando Mara fechou o punho. — Quero que os carregamentos sigam por via terrestre.

Jican olhou de relance para Keyoke outra vez, mas o Comandante das Forças Armadas e o seu guarda-costas permaneceram como madeira de *ulo* crestada pelo sol, irreprensivelmente virados para a frente. Esforçando-se para controlar a agitação, o *hadonra* dos Acoma suplicou à sua Governatriz. — Minha senhora, o caminho da montanha é perigoso. Há muitos bandidos à espreita nos bosques e nós não temos guerreiros suficientes para os repelir. Para escoltar essa caravana, teríamos de deixar esta propriedade desprotegida. Devo aconselhar-vos a desistir da ideia.

Com um sorriso infantil, Mara afastou-se do fontanário. — Mas a caravana não irá despojar as nossas defesas. O Papewaio irá liderar uma companhia de homens escolhidos a dedo. Uma dúzia dos nossos melhores soldados será suficiente para manter os bandidos ao longe. Eles já atacaram as nossas manadas por isso não terão fome, e além disso será evidente para eles que uma caravana com uma pequena escolta transportará mercadorias de pouco valor.

Jican fez uma vénia, com o rosto delgado impassível. — Nesse caso,

seria sensato não enviar guarda algum. — Os seus modos encobriam uma pungente incredulidade; arriscava-se a sofrer a desonra do descontentamento da sua senhora para a dissuadir de cometer uma insensatez.

— Não. — Mara entrelaçou os dedos gotejantes nas ricas pregas da sua túnica. — Exijo uma guarda de honra.

O rosto de Jican contorceu-se de estupefação, que desapareceu quase de imediato. O facto de a sua senhora insistir em tal empreitada era sinal de que a mágoa lhe toldara a sensatez.

— Agora ide, Jican — disse Mara. — Fazei o que vos ordeno.

O *hadonra* olhou de soslaio para Keyoke, como se tivesse a certeza que as ordens da senhora fossem levantar protestos, mas o velho Comandante das Forças Armadas limitou-se a encolher os ombros, como quem diz, *o que se há de fazer?*

Jican demorou-se, embora a honra o proibisse de contradizer a Governatriz. Um olhar austero de Mara restaurou-lhe a humildade. Fez uma ligeira vénia e saiu de ombros caídos. No dia anterior, considerara a Senhora dos Acoma digna de elogio; agora, destituída dos instintos que Lashima conferia a uma *needra*.

Os servos presentes mantiveram um silêncio apropriado, e Keyoke manteve-se impávido e sereno debaixo das plumas do seu elmo. Apenas Papewaio cruzou o olhar com o da sua senhora. As rugas nos cantos da sua boca ficaram ligeiramente mais fundas. Por instantes, pareceu prestes a sorrir, embora tudo o resto nos seus modos permanecesse formal e inalterado.

INOVAÇÕES

Apoeira redemoinhou. O vento forte de nada adiantava para amainar o calor, e a areia acutilante fazia as *needra* resfolegar. As rodas de madeira rangiam enquanto as três carroças que formavam a caravana de Mara calcorreavam o chão de gravilha. Subiam lentamente para os contrafortes da montanha, deixando para trás as planícies... e as fronteiras das terras dos Acoma. Os raios das rodas pintados de cores vivas refletiam a luz do Sol, cintilando ao rodar, diminuindo depois a velocidade quando alguma pedra impedia o avanço. Os carroceiros soltavam gritos de incentivo para as *needra*, que reviravam os olhos debaixo de pestanas felpudas e tentavam esquivar-se à medida que os pastos e os abrigos ficavam para trás. Os escravos que transportavam a liteira de Mara avançavam a passo regular, até que o terreno acidentado os obrigou a abrandar para evitarem que a sua senhora sofresse com os solavancos. Por motivos que não conseguiam compreender, a sua senhora, que habitualmente era atenciosa, ordenara um ritmo extenuante, determinada a fazer a caravana chegar às terras altas antes do cair da noite.

Mara seguia sentada e tensa. As árvores que ladeavam a berma do caminho proporcionavam encobrimento, com troncos grossos e arbustos emaranhados lançando sombras suficientemente profundas para camuflar soldados. Além disso, as carroças eram uma séria desvantagem. Os ouvidos mais apurados não conseguiriam distinguir o roçar de folhagem por causa do mugido das *needra* e do ranger das rodas, além de que os olhos mais atentos eram toldados pela omnipresente poeira. Até os soldados endurecidos em batalha pareciam à beira do limite.

O Sol estava quase no apogeu. O tremular do calor dançava sobre o vale que ficava para trás, e os *ketso*, escamosos e de cauda comprida, fugiam a esconder-se à passagem da caravana junto às pedras onde se aqueciam ao sol. Os primeiros vagões e depois a liteira chegaram ao cume de uma colina. Keyoke fez sinal para que parassem. Os transportadores baixaram a liteira à sombra de um afloramento, com silenciosas preces de gratidão, mas os carroceiros e os guerreiros mantiveram-se em posição sob o olhar vigilante de Papewaio.

Mais adiante, uma ravina íngreme recortava os declives voltados a nascente das Montanhas de Kyamaka. O caminho mergulhava num alcantila-

do, serpenteando, e depois atravessava a direito um vale no qual havia uma nascente.

Keyoke fez uma vénia diante da liteira de Mara e indicou uma concavidade que ladeava o vale, onde não havia qualquer vegetação e onde o chão era batido e duro. — Minha senhora, os batedores que enviámos depois do ataque encontraram cinzas quentes e a carcaça de uma *needra* naquele local. Relataram marcas de rodas e sinais de terem acampado, mas os bandidos avançaram. Não restam dúvidas de que mudam de poiso.

Mara observou a ravina, protegendo os olhos do fulgor da tarde com a mão. Envergava uma túnica de uma riqueza extraordinária, com aves bordadas nos punhos, e uma faixa tecida em plumas iridescentes. Um lenço de seda fiada cobria-lhe os debruns do pescoço, e nos seus pulsos tilintavam pulseiras de jade, polidas pelas mãos não humanas dos *choja-ja* até ficarem quase translúcidas. Embora o seu vestido fosse frívolo e ameninado, os seus modos eram propositadamente sérios. — Será de esperar um ataque?

— Não sei. — O olhar de Keyoke percorreu novamente a ravina, como que se pela força da concentração conseguisse discernir quaisquer bandidos escondidos. — Mas temos de estar preparados para qualquer eventualidade. E devemos agir como se estivéssemos a ser constantemente observados pelo inimigo.

— Nesse caso, continuai — disse Mara. — O escravo responsável que abra uma vasilha de água. Os soldados e os transportadores da liteira podem refrescar-se enquanto avançamos. Depois, quando chegarmos à nascente, podemos simular uma paragem para beber e assim parecer ainda mais vulneráveis do que efetivamente estamos.

Keyoke fez continência. — O vosso desejo é uma ordem, minha senhora. Ficarei aqui à espera dos outros. Papewaio assumirá o comando da caravana. — Depois, com um inesperado indício de preocupação nos olhos, acrescentou brandamente:

— Tende cuidado, minha senhora. Correis sérios riscos.

Mara fitou-o, inflexível. — Não mais do que aqueles que o meu pai correria. Sou filha dele.

O Comandante das Forças Armadas devolveu-lhe um dos seus raros e breves sorrisos e virou as costas à liteira. Sem grande alarido, transmitiu as ordens de Mara. O homem que transportava a água apressou-se a percorrer as fileiras com as vasilhas a tilintar no arnês que usava, distribuindo bebidas pelos soldados com uma rapidez adquirida pelos anos de campanha. Depois Keyoke fez sinal, e Papewaio deu ordens para avançarem. Os carroceiros gritaram, as rodas rangeram e formaram-se nuvens de poeira. As carroças avançaram na direção do cume, iniciando depois a enfadonha

descida para a ravina. Apenas um batedor muito experiente teria reparado que faltava um soldado ao séquito.

Mara parecia majestosa e serena, mas o pequeno leque pintado tremia-lhe entre os dedos. Sobressaltava-se quase impercetivelmente sempre que a liteira abanava quando um dos transportadores mudava de mão para beber um trago da vasilha transportada pelo homem da água. Mara fechou os olhos, suplicando mentalmente os favores de Lashima.

O caminho para lá do cume era sulcado e traiçoeiro com pedras soltas. Homens e animais eram obrigados a avançar com cuidado sem tirarem os olhos do caminho. Vezes sem conta, a gravilha deslocava-se debaixo dos pés e os seixos resvalavam pelo valado abaixo, indo embater com estrépito nos topos das árvores. Balançando enquanto os escravos se debatiam com o terreno incerto, Mara deu por si a sustar a respiração. Trincou o lábio e fez um esforço para não olhar para trás ou mostrar qualquer sinal de que a caravana não estava a fazer uma viagem vulgar. Keyoke não a informara de que os soldados que vinham na retaguarda não poderiam transpor aquela ravina sem serem avistados; teriam de a circundar seguindo pelo bosque. Até recuperarem a posição a curta distância dela, a caravana de Mara estava vulnerável como uma galinha no pátio perante a aproximação do cozinheiro com a faca afiada.

Ao fundo da ravina, o bosque parecia adensar-se: terra húmida coberta de fetos alastrava-se entre enormes troncos de árvores *pynon*, cuja casca, áspera e aromática, se entrelaçava com videiras. Os escravos que transportavam a liteira respiraram fundo, gratos pela frescura da floresta. Porém, a Mara, o ar parecia mortiço depois das inconstantes brisas das terras altas. Ou talvez fosse simplesmente a tensão que tornava a quietude opressiva? O estalido do leque a abrir fez com que vários guerreiros se virassem abruptamente.

Ali, até as pedras lisas estavam cobertas de humo, e as passadas tornaram-se abafadas. O chiar das rodas das carroças foi emudecido por barreiras de videiras e troncos de árvores; aquela floresta era pouco hospitaleira.

Papewaio seguia a olhar em frente, com os olhos a perscrutar constantemente a penumbra dos dois lados. Em momento algum tirou a mão dos intrincados cordões que cingiam o punho da sua espada. Ao observá-lo, Mara recordou-se do pai, que perdera a vida sabendo-se traído por aliados. Pensou no que seria feito da sua espada, uma obra de arte com o punho trabalhado e pedras preciosas na bainha. A ave *shatra* dos Acoma fora entalhada em esmalte no botão do punho, e a lâmina concebida segundo o método *jessami*, com trezentas tiras de pele de *needra*, polidas até ficarem da espessura do papel, sendo de seguida delicada e pacientemente laminadas — pois bastaria uma minúscula bolha de ar para as tornar inúteis —,

até atingirem a dureza do metal, e tinha um gume ao qual se podiam comparar apenas as lendárias espadas de aço dos antepassados. Talvez algum bárbaro Senhor da Guerra usasse agora a espada como um troféu... talvez fosse um homem honrado, se é que um bárbaro conseguiria ser honrado. Mara obrigou-se a afastar esses pensamentos mórbidos. Sentindo-se asfixiada pela opressiva quietude e pela negra folhagem que os cobria, apertou as mãos até quase partir o delicado leque de madeira.

— Minha senhora, peço autorização para os homens descansarem e enchermos as vasilhas de água — disse Papewaio.

Mara estremeceu, acenou com a cabeça e afastou o cabelo húmido que se lhe colava à frente. A caravana chegara à nascente sem incidentes. As rodas maciças imobilizaram-se; os guerreiros dispuseram-se em posições defensivas, enquanto o escravo apeado e vários carroceiros se acercavam deles com panos húmidos e uma refeição de biscoitos de *thyza* e frutos secos. Outros homens dedicaram-se às *needra*, enquanto os transportadores baixavam a liteira de Mara com gemidos de alívio abafados. Depois, esperaram pacientemente que chegasse a sua vez de lavarem a cara na nascente.

Papewaio regressou às fileiras de guerreiros e ajoelhou-se diante da sua ama. — A minha senhora deseja sair da liteira e caminhar um pouco?

Mara estendeu a mão, e a sua manga quase arrastou pelo chão. O punhal escondido debaixo da roupa incomodou-a na cintura, uma massa informe a que não estava habituada e que transportava desajeitadamente. Em criança, lutava com Lanokota, algo que deixava Nacoya num contínuo estado de consternação, mas nunca se sentira atraída pelas armas. Keyoke insistira para que levasse o punhal, embora as correias amarradas à pressa tivessem sido feitas para braços maiores e o punho lhe assentasse desajeitadamente na mão. Cheia de calor, e subitamente desnorteada, permitiu que Papewaio a ajudasse a levantar-se.

O chão diante da nascente estava pejado de pegadas de homens e animais que haviam sofrido as agruras do sol após a estação das chuvas. Enquanto Papewaio bebia de uma concha de água, a sua senhora roçava a terra com a sandália e deitava-se a adivinhar quantas daquelas marcas tinham sido feitas pelo gado que fora roubado dos pastos dos Acoma. Certa vez, ouvira um comerciante descrever o modo como certos clãs do Norte faziam entalhes nos cascos do seu gado para assim ajudarem os batedores a recuperar animais roubados. Mas, até então, os Acoma tinham granjeado a lealdade de guerreiros suficientes para que tais precauções fossem desnecessárias.

Papewaio levantou uma vasilha da qual escorria água. — Minha senhora?

Despertada dos seus devaneios, Mara bebeu, depois molhou os dedos

e salpicou a cara e o pescoço com água. O meio-dia já passara há algum tempo e a luminosidade oblíqua esculpia os soldados com formas cintilantes e sombreadas. O bosque adiante permanecia tranquilo, como se todos os seres vivos dormissem durante o calor da tarde. Mara estremeceu, subitamente arrepiada à medida que a água arrefecia a sua pele. Se houvesse bandidos à socapa para uma emboscada, certamente já teriam atacado; uma alternativa alarmante fez com que olhasse assustada para o seu Líder de Ataques.

— Papewaio, e se os guerreiros cinzentos contornaram a nossa caravana e atacaram as propriedades dos Acoma enquanto percorríamos o caminho?

O guerreiro pousou a concha de barro numa pedra ali perto. As fivelas da sua armadura rangeram quando encolheu os ombros, com as palmas das mãos viradas para cima em sinal de que as coisas aconteciam apenas segundo a vontade do destino. — Se os bandidos atacarem as vossas propriedades, toda a honra será perdida, minha senhora, pois os vossos melhores guerreiros estão dedicados a esta empreitada. — Olhou de relance para o bosque enquanto levava a mão casualmente ao punho da espada. — Mas não creio que seja provável. Alertei os homens para que se mantivessem preparados. O calor está a diminuir, mas não se ouve o canto das cigarras no bosque. — Subitamente, um pássaro piou alto por cima das suas cabeças. — É quando o *karkar* grita, é sinal de que o perigo anda por perto.

Ouviu-se um grito vindo das árvores na orla da clareira. Mara sentiu umas mãos fortes empurrarem-na de costas para a liteira. As suas pulseiras ficaram presas nos cortinados quando lançou uma mão para aparar a queda. Caída desajeitadamente sobre as almofadas, afastou o material com um safanão e viu Papewaio a rodopiar para a proteger, com a espada desembainhada a reluzir. A concha levou um pontapé e desfez-se em pedaços ao bater numa pedra. Fragmentos embateram nos tornozelos de Mara enquanto as espadas dos seus guerreiros sibilaram ao serem desembainhadas para enfrentarem o ataque dos fora-da-lei que saíam dos esconderijos.

Por entre as fileiras defensivas dos seus guerreiros, Mara vislumbrou um grupo de homens de armas em riste a correr na direção das carroças. Não obstante estarem imundos, escanzelados e esfarrapados, os atacantes avançavam organizados. A ravina ecoou com gritos enquanto pelejavam para romper a linha defensiva. Mara cingiu com as mãos o tecido delicado. Os seus guerreiros eram em número muito inferior. Consciente de que o pai e o irmão haviam enfrentado batalhas muito piores do que esta no mundo bárbaro, esforçou-se para não se retrair perante o estrépito das espadas. A voz de Papewaio sobressaiu por entre a confusão, e a sua pluma de oficial predominava no meio da

contenda; ao seu sinal, os guerreiros acoma, calejados de tantas batalhas, abriram alas com uma disciplina quase mecânica.

Os atacantes hesitaram. Como não havia qualquer honra na retirada, a tática habitual dos Tsurani era atacar, não assumir uma postura defensiva; ao perceberem que as carroças estavam a ser abandonadas, os bandidos ficaram alerta. Protegida pelas costas com armaduras verdes da sua escolta, Mara ouviu um grito agudo. Pés bateram na terra enquanto os atacantes observavam. À exceção dos carroceiros desarmados, e da presença servil do distribuidor de água, as carroças tinham sido abandonadas sem conflito; aparentemente, os guerreiros haviam recuado para defenderem o tesouro mais valioso.

Lenta e cautelosamente, os bandidos aproximaram-se. Por entre os seus protetores, Mara lobrigou as carroças reluzir enquanto as forças inimigas, cinco vezes mais numerosas do que a sua escolta, formavam um semicírculo em redor da nascente.

O escoar da água foi abafado pelo ranger das armaduras e pela respiração rápida e nervosa de homens sob tensão. Papewaio manteve a posição junto à liteira de Mara como uma estátua esculpida de espada em riste. Durante um longo e tenso minuto, o movimento pareceu suspenso. Depois, um homem por detrás das linhas do inimigo vociferou ordens; dois bandidos avançaram e cortaram as cordas que cingiam o pano que cobria as carroças. Mara sentiu o suor escorrer-lhe pelas costas abaixo enquanto mãos ávidas expunham as mercadorias dos Acoma à luz do Sol. Aproximava-se o momento mais difícil, já que os seus guerreiros tinham de manter as posições não obstante os insultos ou provocações. Os soldados acoma deveriam reagir apenas se os fora-da-lei ameaçassem a segurança de Mara.

Os bandidos não tardaram a compreender que não se daria qualquer contra-ataque. Com gritos de exultação, retiraram sacos de *thyza* da carroça; outros aproximaram-se da guarda dos Acoma, curiosos por saber que tesouro lograva tamanha proteção. Ao aproximarem-se, Mara conseguiu entrever nós de dedos tismados, tecido esfarrapado e uma aglomeração grosseira e desemparelhada de armas. Porém, o modo como as lâminas eram brandidas revelava treino e competência, e uma necessidade desvairada. Estavam diante de homens suficientemente desesperados para matar e morrer pelo peso de uma carroça de *thyza* de má qualidade.

Um grito de inconfundível autoridade ressoou por entre o júbilo dos homens que estavam junto à carroça. — Alto! Deixai lá isso! — Fazendo silêncio, os bandidos afastaram-se do espólio, alguns ainda abraçados a sacos de cereais.

— Vamos lá ver o que mais o acaso trouxe hoje até nós.

Um homem magro, de barba, obviamente o líder do grupo, abriu caminho por entre as fileiras dos seus subordinados e caminhou, arrojado, com largas passadas na direção dos guerreiros que protegiam Mara. Parou a meia distância entre as duas forças com a espada a postos e uma convicção presunçosa que fez com que Papewaio se empertigasse.

— Calma, Papewaio — murmurou Mara, mais para se tranquilizar a si mesma do que propriamente para refrear o ânimo do seu Líder de Ataques. Encoberta nos limites da liteira, viu o bandido fazer um gesto de desdém com a espada.

— O que vem a ser isto? Por que motivo é que homens com espadas, armaduras e a honra de uma grande casa não lutam? — O líder dos bandidos mudou o peso do corpo para a outra perna, deixando transparecer alguma inquietude. Nunca conhecera guerreiros tsurani que hesitassem em atacar, ou até em morrer, já que a maior honra que poderiam conquistar era morrer em batalha. Avançou outro passo, o suficiente para lobrigar a liteira de Mara. Já não intrigado, esticou o pescoço, depois gritou:

— Uma mulher!

Mara apertou as mãos com força no regaço. De cabeça erguida, o semblante lívido e inexpressivo, observou o líder dos bandidos a esboçar um largo sorriso. Como se uma dúzia de guerreiros preparados para disputar a sua conquista não fosse um impeditivo, rodopiou para encarar os companheiros. — Um dia de sorte, homens. Uma caravana, e uma prisioneira, e nem uma gota de sangue derramada para o Deus Vermelho!

Interessados, os salteadores mais próximos largaram os sacos de *thyza* e aglomeraram-se com as armas agressivamente viradas para as fileiras dos Acoma. O líder virou-se na direção de Mara e gritou:

— Senhora, certamente que o vosso pai ou esposo vos ama e é rico, ou se não vos ama, pelo menos é rico. Pois agora sois nossa refém.

Mara abriu a cortina da liteira com um repelão. Aceitou a ajuda de Papewaio e levantou-se. — A vossa conclusão pode ser prematura, bandleiro — disse.

A sua postura provocou no fora-da-lei uma estocada de incerteza; recuou, intimidado com a sua confiança. Todavia, a companhia armada que o amparava não perdeu nenhuma voracidade e eram cada vez mais os homens a assomar do bosque para assistir ao que se passava.

Espreitando para o homem esguio por cima dos ombros dos seus guardas, Mara indagou:

— Como vos chamais?

Recuperando os modos arrogantes, o bandido apoiou-se sobre a espada. — Chamo-me Lujan, senhora. — Continuava a revelar deferência perante uma pessoa que pertencia inequivocamente à nobreza. — Visto

que estou destinado a ser o vosso anfitrião durante algum tempo, posso perguntar quem tenho a honra de receber?

Vários bandoleiros riram ao ouvirem a deferência trocista do seu líder. A escolta de Mara empertigou-se perante a afronta, mas a rapariga manteve a calma. — Chamo-me Mara e sou a Senhora dos Acoma.

O semblante de Lujan espelhou expressões conflituosas: surpresa, regozijo, preocupação e, por fim, ponderação; ergueu o sabre e gesticulou delicadamente com a ponta. — Nesse caso, não tendes esposo nem pai, Senhora dos Acoma. Tereis de negociar o vosso próprio resgate. — Mesmo enquanto falava, os seus olhos perscrutavam os bosques nas costas de Papewaio e de Mara, pois a sua atitude confiante e a insignificância do seu séquito sugeriam algo de errado. As governatrizes de grandes casas não corriam riscos sem motivos válidos. Houve alguma coisa na sua atitude que fez com que os seus homens, perto de cento e cinquenta segundo a estimativa de Mara, ficassem alarmados. Mara notou o seu nervosismo a aumentar, enquanto alguns olhavam à sua volta à procura de sinais de problemas, e outros pareciam na iminência de atacar a posição de Papewaio sem receberem ordens para tal.

Como se a situação não pudesse de um momento para o outro deixar de ser perigosa e passar a ser mortífera, Mara sorriu e brincou com as pulseiras. — O meu Comandante das Forças Armadas disse que eu poderia ser perturbada por um grupo de desalinhados como o vosso. — Assumi um tom de voz irritado. — Detesto quando ele tem razão. Agora, nunca mais se vai calar. — Ao ouvirem estas palavras, alguns fora-da-lei desataram à gargalhada.

Papewaio não reagiu a esta improvável descrição de Keyoke. Relaxou um pouco ao perceber que a sua senhora estava a tentar diminuir a tensão e evitar o conflito iminente.

Mara encarou o chefe dos bandidos, que evidenciava uma atitude rebelde, mas que intimamente tentava controlar as emoções. Apontou a arma insolentemente na direção dela. — Foi muito conveniente para nós não terdes levado a sério a sugestão do vosso conselheiro. De futuro, recomendo-vos que seguís os seus conselhos... se tiverdes a oportunidade de o fazer.

Vários soldados acoma ficaram mais tensos ao ouvirem aquela ameaça implícita. Mara tocou nas costas de Papewaio para o tranquilizar, depois, com um tom de voz infantil, disse:

— Porque não haveria de ter oportunidade de o fazer?

Mostrando arrependimento pelo gracejo, Lujan baixou a espada. — Porque, minha senhora, se as nossas negociações não forem satisfatórias, não estareis em posição de voltar a ouvir o vosso Comandante das Forças

Armadas. — Os seus olhos adejaram à procura de possíveis problemas; aquela ofensiva cheirava-lhe a esturro.

— O que quereis dizer? — Mara bateu o pé ao falar, ignorando a atitude perigosa que a ameaça do bandido causara na sua escolta.

— Quero dizer que, enquanto não souber que valor atribuíis à vossa própria liberdade, não sei que preço valereis nos leilões de escravos em Migran. — Lujan deu um pulo para trás com a espada em riste quando os guardas acoma mal conseguiram evitar uma reação violenta àquele insulto. Temendo a retaliação, os bandidos levantaram as armas e agacharam-se.

Lujan perscrutou furiosamente a clareira enquanto os dois lados estavam prestes a atacar. Porém, não se verificou qualquer ataque. Um vislumbre de compreensão assomou ao olhar do fora-da-lei. — Tendes algum plano, bela senhora? — Disse isto em jeito de interrogação e afirmação.

Inesperadamente divertida com a impudência do interlocutor, Mara compreendeu que a petulância e os comentários provocatórios do bandido se destinavam a pô-la à prova. Percebeu que estivera muito perto de subestimar aquele tal de Lujan. Muito perto de desperdiçar um homem assim tão inteligente! Esforçando-se por ganhar tempo, encolheu os ombros como uma criança mimada.

Lujan avançou arrojadamente e, esticando-se por entre a fileira dos guardas de Mara, acariciou o lenço que ela trazia ao pescoço com uma mão áspera e suja.

A reação não se fez esperar. Lujan sentiu uma súbita pressão no pulso. Olhou para baixo e viu a espada de Papewaio a milímetros de lhe decepar a mão. O bandido ergueu a cabeça de modo a que os seus olhos ficassem ao mesmo nível dos do Líder de Ataques. — Há um limite — disse Papewaio num tom inalterado.

Os dedos de Lujan abriram-se lentamente, soltando o lenço de Mara. Sorriu nervosamente e apressou-se a retirar a mão, depois afastou-se da guarda de Mara. Agora, os seus modos eram desconfiados e hostis, pois em circunstâncias normais tocar uma senhora daquela maneira ter-lhe-ia custado a vida. — Há aqui algum arдил, senhora. Qual é a vossa artimanha? — Segurou a espada com força e os seus homens arrastaram os pés para a frente, aguardando apenas a sua ordem para atacar.

Ao dar-se conta subitamente de que Mara e o seu oficial estavam a observar atentamente os rochedos sobranceiros à clareira, o chefe dos bandidos praguejou. — Nenhuma Governatriz viajaria com tão poucos guerreiros! Ai, como fui estúpido!

Começou a avançar e os seus homens prepararam-se para atacar quando Mara gritou:

— Keyoke!

Uma seta cruzou o céu e foi aterrar no chão entre as pernas do fora-da-lei. Ele parou imediatamente, como se estivesse preso por uma corda. Hesitando por instantes sobre os dedos dos pés, acabou por recuar um passo desajeitadamente. Uma voz soou do alto. — Aproximai-vos mais um passo da minha senhora e sois um homem morto! — Lujan rodopiou na direção da voz e avistou, lá no alto, Keyoke a apontar-lhe uma flecha. O Comandante das Forças Armadas acenou implacavelmente e um arqueiro lançou uma flecha de aviso sobre a cumeeira da ravina. A flecha subiu com um silvar, acompanhando o seu grito ao chamar os seus subcomandantes. — Ansami! Mesai!

Outros gritos responderam vindos do bosque. Flanqueados pelas costas, os fora-da-lei rodopiaram e vislumbraram armaduras polidas por entre as árvores encabeçadas pelas plumas altivas do elmo de um oficial. Sem saber ao certo o poderio das forças que o cercavam, o chefe dos bandidos reagiu impulsivamente. Em desespero, rodopiou e deu ordens para que atacassem a guarda que circundava a liteira de Mara.

Um segundo grito de Keyoke deteve a ofensiva. — Dacoya! Hunai! Avançai! Preparai-vos para disparar!

Subitamente, a linha do horizonte por cima da ravina ficou pontilhada pelas silhuetas de uma centena de elmos, pontuados pelos tentáculos curvos de arcos. Ouviu-se um vozear, como se várias centenas de homens avançassem pelo bosque que rodeava a clareira.

O líder dos bandidos gesticulou e os seus homens imobilizaram-se desajeitadamente. Apanhado numa desvantagem desconfortável, perscrutou os flancos da ravina numa tentativa retardada de avaliar as suas possibilidades de recuperação. Só se via inequivocamente um oficial; este chamara os nomes de quatro Líderes de Ataque. Com os olhos semicerrados contra o brilho do Sol, Lujan reviu a disposição dos seus homens. A situação não tinha salvação possível.

Mara já não aparentava aquele ar infantil. Sem sequer perscrutar os seus guarda-costas para obter indicações, ela disse:

— Lujan, ordenai aos vossos homens que pousem as armas.

— Perdestes o juízo? — Completamente cercado e apanhado numa posição sem escapatória, o líder dos bandidos empertigou-se com um sorriso desafiador. — Minha senhora, saúdo o vosso plano para libertar as vossas propriedades de vizinhanças incómodas, mas mesmo assim ainda continuais em risco. Nós estamos encurralados, mas vós podeis perder a vida connosco. — Mesmo perante probabilidades ínfimas, aquele homem tentava arrebatá-las as circunstâncias a seu favor. — Talvez possamos chegar a algum tipo de acordo — apressou-se a acrescentar. A sua voz transparecia

algo de trocista e de logro desesperado, mas nunca de medo. — Talvez se nos deixardes partir em paz...

Mara inclinou a cabeça. — Estais equivocado quanto ao nosso objetivo. — As pulseiras de jade tilintaram na quietude quando colocou uma mão no braço de Papewaio e o afastou ligeiramente para o lado.

De seguida, passou por ele e pelos guardas, confrontando o líder dos bandidos de olhos nos olhos. — Na qualidade de Governatriz dos Acoma, pus-me numa situação de risco para que pudéssemos conversar.

Lujan olhou de relance para a cumeeira. Na sua testa, reluzia a transpiração, que ele limpou à manga esfarrapada e encardida. — Sou todo ouvidos, minha senhora.

Sentindo os seus guardas imóveis como estátuas nas suas costas, Mara fitou inflexivelmente o celerado. — Primeiro, deveis depor as armas.

O homem respondeu-lhe com uma gargalhada dissonante. — Posso não ser um comandante dotado, minha senhora, mas parvo é que não sou. Se tenho de ir ao encontro do Deus Vermelho neste dia, não me renderei e aos meus companheiros para sermos enforcados pelo furto de alguns animais e cereais.

— Embora tenhais roubado os Acoma e matado um jovem escravo, não me dei a todo este trabalho só para vos enforcar, Lujan.

Conquanto as palavras de Mara transparecessem sinceridade, os fora-da-lei mostravam relutância em acreditar; por entre as fileiras, armas passaram de uma mão para a outra e olhos adejaram da força que os ameaçava no cimo da ravina para o pequeno grupo de soldados que guardava a rapariga. — Minha senhora, se tendes algo a dizer — disse Lujan enquanto a tensão se intensificava —, sugiro que o digais depressa, caso contrário muitas vidas se perderão, e as nossas serão as primeiras.

Sem receber quaisquer ordens, e ignorando a deferência que o seu posto obrigava, Papewaio aproximou-se da sua ama. Com delicadeza, mas com firmeza, puxou Mara para trás e colocou-se entre a Governatriz e o líder dos bandidos.

Mara permitiu aquela familiaridade sem qualquer comentário. — Uma coisa vos garanto: rendei-vos a mim e escutai a minha proposta. Se desejardes partir depois de me ouvirdes, tereis liberdade para partir. Desde que nunca mais ataqueis as terras dos Acoma, não vos incomodarei. Tendes a minha palavra.

Desconfortavelmente ciente de que naquele preciso instante os arqueiros faziam mira à sua pessoa, Lujan observou os seus homens. Todos os que formavam as miseráveis fileiras estavam malnutridos,

alguns tão descarnados que pareciam doentes. A maioria possuía apenas uma arma, uma espada ou punhal de fraca qualidade; poucos eram os que usavam vestuário apropriado, quanto mais armaduras. Seria um embate desigual se tivessem de enfrentar a guarda de Mara impecavelmente apetrechada. O líder dos bandidos olhou de relance de rosto para rosto desmazelado, perscrutando os olhares de homens que haviam sido seus companheiros em momentos difíceis. A maioria indicou com um aceno que obedeceria à sua decisão.

Lujan encarou Mara novamente com um pequeno suspiro e apresentou-lhe o punho da espada. — Minha senhora, não tenho uma casa para a qual regressar, mas o fragmento de honra pessoal que ainda me resta está agora nas vossas mãos. — Entregou a espada a Papewaio. Desarmado e completamente à mercê da sua boa vontade, baixou a cabeça com uma rigidez irónica e ordenou aos seus subordinados que fizessem o mesmo.

O sol castigava as armaduras verdes dos Acoma e os ombros esfarrapados da companhia de bandidos. Apenas as aves e o gotejar da nascente rompiam o silêncio, enquanto os homens perscrutavam aquela rapariga de túnica e joias delicadas. Por fim, um bandido avançou um passo e depôs o punhal; a ele seguiu-se um outro com uma cicatriz numa perna; depois outro, até uma onda de homens pousar as armas. Lâminas caíram de dedos frouxos, embatendo com clangor aos pés dos guerreiros acoma. Não tardou a que nenhum fora-da-lei tivesse uma arma.

Depois de os homens da sua companhia terem recolhido as armas, Mara avançou. Os bandidos afastaram-se para lhe cederem caminho, desconfiados dela, e da espada desembainhada que Papewaio ainda trazia espreitando por cima do ombro dela. Quando estava ao serviço, o Primeiro Líder de Ataques dos Acoma tinha uns modos que até o mais corajoso dos homens não se atreveria a desafiar. Os mais imprudentes dos fora-da-lei mantiveram-se à distância, mesmo quando o guerreiro lhes voltou as costas para ajudar Mara a subir para a traseira da carroça.

— Estes são todos os vossos homens, Lujan? — disse a Senhora dos Acoma, olhando para aquela companhia andrajosa.

O facto de ela não ter dado ordens para os seus arqueiros baixarem as armas levou o líder dos bandidos a responder honestamente. — A maioria está aqui. Estão outros cinquenta a proteger o acampamento na floresta aqui perto. Outra dúzia vigia os vários caminhos.

Empoleirada nos sacos de *thyza*, Mara fez um cálculo rápido. — Comandais cerca de cento e cinquenta homens. Quantos deles são soldados? Deixai que sejam eles a responder.

De entre o grupo aglomerado perto da traseira da carroça, cerca de sessenta levantaram as mãos. Mara sorriu para os incentivar. — De que casas? — indagou.

Orgulhosos por quererem saber do seu passado, ouviu-se gritar: «Saydano!» «Almach!» «Raimara!» e outras casas que Mara conhecia, a maioria das quais fora destruída quando Almecho ascendera ao posto de Senhor da Guerra, precisamente antes de Ichindar suceder ao trono do Império. — Em tempos fui Líder de Ataques dos Kotai, minha senhora — disse Lujan quando o clamor diminuiu.

Mara compôs as mangas e sentou-se; tinha o semblante pensativo. — E quanto ao resto de vós?

Um homem avançou um passo. Corpulento não obstante as evidentes agruras da fome, fez uma vénia. — Minha senhora, eu era agricultor nas propriedades dos Kotai a ocidente de Migran. Quando o meu amo morreu, fugi e segui este homem. — Apontou respeitosa para Lujan. — Ele tem cuidado bem dos seus durante anos, embora tenhamos uma vida errante e dura.

Mara indicou a orla da companhia. — Criminosos?

Lujan respondeu pelos outros. — Homens sem amo, minha senhora. Alguns eram agricultores livres que perderam as suas terras por causa dos impostos. Outros foram condenados por pequenos delitos. Muitos são guerreiros cinzentos. Porém, assassinos, ladrões e homens sem princípios não são bem-vindos ao meu acampamento. — Indicou os bosques circundantes. — Oh, há assassinos nas redondezas, não duvideis. As vossas patrulhas desleixaram-se nos últimos meses, e o matagal proporciona um abrigo seguro. Mas no meu grupo só há fora-da-lei honestos. — Soltou uma ténue risada face ao seu próprio gracejo. — Se é que isso é possível — acrescentou. Assumiu um ar grave e contemplou Mara, ansioso. — Agora, a senhora terá a gentileza de nos explicar porque se preocupa com o destino de homens desafortunados como nós?

Mara considerou-o com um sorriso que sugeria ironia e fez sinal para Keyoke. O Comandante das Forças Armadas ordenou às tropas que abandonassem as posições de ataque. Quando os arqueiros na ravina saíram dos esconderijos, nem sequer o brilho do Sol conseguiu ocultar o facto de não serem guerreiros, mas antes rapazes e velhos agricultores e escravos, dissimuladamente envergando pedaços de armaduras e roupas tingidas de verde. Aquilo que se assemelhara a um exército parecia-se agora com o que efetivamente era: uma simples companhia de soldados cujo número não chegava sequer a metade dos fora-da-lei, acompanhados por operários e crianças das propriedades dos Acoma.

Um murmúrio de vexame percorreu o grupo de fora-da-lei, e Lujan

abanou a cabeça com um olhar de surpresa e estupefação. — Minha senhora, o que haveis engendrado?

— Uma possibilidade, Lujan... para todos nós.

Atarde lançava extensas sombras no relvado adjacente à nascente onde as *Aneedra* pastavam com as caudas a repelir os insetos. Empoleirada na carroça, Mara observou o grupo de fora-da-lei andrajosos que estavam sentados na orla da floresta acabando de comer avidamente a carne, fruta e pão de *thyza* que os seus cozinheiros haviam distribuído. Não obstante aquela refeição fosse melhor do que muitos tinham provado em meses, a Senhora dos Acoma reparou num desconforto penetrante entre eles. Ser capturado em batalha significava tornarem-se escravos; era uma verdade incontornável da vida. O facto de a honra dos Acoma lhes garantir o estatuto de homens livres, e a generosa hospitalidade que os alimentara, redundara numa confiança reservada e frágil. No entanto, aquela jovem e inusitada Governatriz não explicara porque tinha maquinado tão estranha reunião, pelo que os fora-da-lei mantinham a desconfiança.

Mara analisou os homens e apercebeu-se de muitas semelhanças com os soldados, operários e escravos da sua propriedade. No entanto, parecia faltar-lhes algo; mesmo que estes homens envergassem as vestes da nobreza, conseguiria reconhecê-los como proscritos. Quando as últimas migalhas começaram a desaparecer, ela soube chegada a hora de lançar a sua oferta.

Com Papewaio e Keyoke dispostos junto à carroça a seu lado, a rapariga inspirou resolutamente e levantou a voz. — Fora-da-lei, eu sou Mara, Senhora dos Acoma. Vós roubastes algo que me pertencia, e por isso estais em dívida para comigo. Para saldarem essa dívida com honradez, peço que escutais as minhas palavras.

Sentado nas filas da frente, Lujan pousou o copo de vinho e respondeu: — A Senhora dos Acoma tem a cortesia de se preocupar com a honra de fora-da-lei. Todos os homens da minha companhia concordam de bom grado.

Mara procurou o semblante do líder dos bandidos em busca de algum vestígio de escárnio; em vez disso, encontrou interesse, curiosidade e um humor matreiro. Percebeu que gostava daquele homem. — Constou-me que vós sois considerados proscritos por inúmeros motivos. Todos sois considerados cruelmente marcados pelo destino. — O homem que tinha uma cicatriz numa perna exclamou em acordo, e outros mudaram de posição, inclinando-se extasiados para a frente. Feliz por ter conseguido chamar a atenção da audiência, Mara acrescentou:

— Para alguns de vós, o infortúnio abateu-se porque os vossos amos morreram antes de vós.

— E por isso não temos honra! — gritou um homem com punhos de casca de árvore.

Outro imitou-o. — E por isso somos desonrados!

Mara ergueu uma mão a pedir silêncio. — A honra está no cumprimento das obrigações de cada um. Se um homem for enviado para proteger uma propriedade distante e o seu amo morrer sem que ele possa fazer nada para o evitar, será ele desonrado? Se um guerreiro sofrer um ferimento em batalha e ficar inconsciente enquanto o seu amo morre, terá ele culpa de sobreviver e o seu amo não? — Mara baixou o braço e as pulseiras tilintaram energicamente. A sua voz assumiu um tom de comando. — Todos aqueles de vós que são servos, agricultores e operários, levantai a mão.

Cerca de uma dúzia de homens obedeceram sem hesitar. Os outros mudaram de posição, indecisos, movendo os olhos entre a senhora e os camaradas enquanto esperavam para saber qual seria a proposta.

— Eu preciso de trabalhadores. — Mara fez um gesto abrangente e sorriu. — Permitirei que fiquéis ao serviço do meu *hadonra*.

A ordem eclipsou-se. Todos os bandidos desataram a falar em simultâneo, entre murmúrios e gritos, pois a oferta da senhora não tinha precedentes no Império. Keyoke brandiu a espada a ordenar silêncio, mesmo quando um agricultor afoito se pôs de pé de um pulo. — Quando o Senhor dos Minwanabi chacinou o meu amo, fugi. Mas a lei diz que sou escravo do conquistador.

A voz de Mara irrompeu inequivocamente por entre a confusão. — A lei não diz nada disso! — Fez-se silêncio e todos os olhares se cravaram nela. Firme na sua atitude, agastada, mas bela nas suas ricas vestes aos olhos de homens que haviam passado meses ou até mesmo anos de privação num ermo, ela retomou a palavra com um arrojo inflexível. — Diz a *tradição* que um operário é um despojo de guerra. O conquistador decide quem tem mais valor enquanto homem livre e quem deve ser escravo. Os Minwanabi são meus inimigos, por isso se sois um despojo de guerra, sou eu quem decidirá o vosso estatuto. Pois sois livres.

Neste instante, o silêncio tornou-se opressivo, carregado como o bruxulear das ondas de calor sobre as pedras debaixo do sol. Os homens mexiam-se inquietos, incomodados pela perturbação da ordem conforme a conheciam, pois os artifícios sociais ditavam todos os passos da vida dos Tsurani. Mudar o que era fundamental era autorizar a desonra e arriscar a dissolução de uma civilização que subsistia inviolada há séculos.

Mara pressentiu a confusão que assaltava os homens; olhando primeiro para os agricultores, cujos semblantes evidenciavam expressões inequívocas de esperança, e depois para os guerreiros cinzentos, que eram mais cétricos e implacáveis, recorreu à filosofia que aprendera no Templo de Lashima.

— A tradição segundo a qual regemos as nossas vidas é como o rio que nasce nas montanhas e corre sempre para o mar. Nenhum homem pode mudar o rumo dessa corrente. Tentá-lo seria desafiar a lei natural. Tal como os Acoma, muitos de vós conheceram o infortúnio. Tal como os Acoma, peço-vos que se juntem a nós para mudarmos o curso da tradição, tal como quando as tempestades por vezes fazem com que o rio trace um novo leito.

A rapariga fez uma pausa, com os olhos velados pelas pestanas ao contemplar as próprias mãos. Este momento era fundamental, pois se qualquer um dos fora-da-lei se insurgisse contra as suas palavras, ela perderia o controlo da situação. O peso do silêncio era insuportável. Então, sem proferir palavra, Papewaio tirou o elmo; a tarja negra dos condenados que lhe tapava a cabeça ficou à vista de todos.

Lujan exclamou de espanto, sobressaltado como os restantes ao ver um homem condenado à morte a ocupar uma posição de honra no séquito de uma grande senhora. Orgulhosa da lealdade de Papewaio, e do gesto que ele fizera para mostrar que a vergonha podia ser diferente da que a tradição ditava, Mara sorriu e pousou os dedos ao de leve no ombro do seu Líder de Ataques. — Este homem serve-me com orgulho. Não haverá entre vós outros que façam o mesmo? — Virou-se para o agricultor desprezado pelos Minwanabi. — Se o senhor que venceu o vosso amo desejar outro agricultor, ele que venha por vós — disse. — Os Minwanabi terão de lutar para vos levar — acrescentou, fazendo um sinal para Keyoke e para os seus guerreiros. — Nas minhas propriedades, sereis um homem livre.

O agricultor deu um pulo para a frente soltando um grito selvático de alegria. — Jurais pela vossa honra?

— Juro pela minha honra — respondeu Mara, e Keyoke fez uma vénia para asseverar a sua lealdade às ordens dela.

O agricultor ajoelhou-se diante de Mara e apresentou-lhe os punhos cruzados, no tradicional gesto de vassalagem. — Minha senhora, sou vosso súbdito. A vossa honra é a minha honra. — Com estas palavras, o agricultor anunciou a todos que daria a vida com a mesma prontidão que qualquer um dos seus guerreiros em defesa do nome dos Acoma.

Mara aquiesceu com formalidade e Papewaio deixou o seu flanco. Abriu caminho por entre a companhia de bandidos até chegar junto do agricultor. Seguindo um ritual antigo, passou uma corda pelos pulsos do homem, depois removeu os nós simulados, atestando que um homem cujo destino poderia ser a escravatura era em vez disso aceite como um homem livre. Um vozear agitado fez-se ouvir quando uma dúzia de outros homens se juntaram à volta deles. Ajoelharam-se e formaram um círculo em redor de Papewaio, impacientes por aceitarem a oferta de Mara e a esperança de uma nova vida.

Keoyke destacou um guerreiro para reunir os operários recentemente juramentados; deveriam ser acompanhados por guardas acoma até à propriedade, onde Jican lhes atribuiria alojamentos e trabalho nos campos.

A restante companhia de bandidos observou com a esperança dos desesperados quando Mara retomou a palavra. — Vós que sois fora-da-lei, quais foram os vossos crimes?

Um homem baixo, pálido devido à doença, falou com a voz roufenha. — Eu falei mal de um sacerdote, minha senhora.

— Eu escondi cereais do coletor de impostos para ter que dar de comer aos meus filhos — gritou outro.

A lista de pequenos delitos desenrolou-se até Mara ter confirmado que Lujan falara verdade ao afirmar que ladrões e assassinos não encontravam abrigo na sua companhia. Virou-se para os condenados e disse:

— Tendes a liberdade para partir, ou para entrardes ao meu serviço como homens livres. Na qualidade de Governatriz dos Acoma, concedo-vos o perdão dentro dos limites das minhas terras.

Embora a amnistia imperial estivesse fora da alçada de qualquer Governatriz, Mara sabia que nenhum ministro do Governo Imperial levantaria objeções quanto ao destino de um reles operário que praticamente nem existia, principalmente se essa amnistia nunca lhe chegasse aos ouvidos.

Os homens que obtiveram perdão sorriram perante a sagacidade da senhora e acorreram para junto de Papewaio para fazerem o juramento. Era de bom grado que se ajoelhavam. Enquanto operários dos Acoma, poderiam ter de enfrentar as ameaças dos inimigos de Mara, mas o perigo associado ao serviço a uma grande casa era preferível à sua desgraçada existência enquanto fora-da-lei.

As sombras da tarde estendiam-se por debaixo das árvores; uma luminosidade dourada trespassava os pontos em que os ramos eram mais finos. Mara observou as fileiras exauridas do grupo de fora-da-lei e o seu olhar incidiu finalmente sobre Lujan. — Vós, soldados sem senhor, escutai atentamente. — Fez uma pausa, à espera que o clamor de júbilo dos operários acabados de recrutar diminuísse ao afastarem-se pelo caminho. Delicada quando comparada com a silhueta musculada de Papewaio, Mara afrontou o olhar dos súbditos mais implacáveis e desalinados das forças de Lujan. — Ofereço-vos algo que nunca nenhum guerreiro na história do Império teve: uma segunda oportunidade. Quais de vós me acompanharão até à minha propriedade para remodelar esta honra... ajoelhando-se diante do bosque sagrado e prestando juramento ao *natami* dos Acoma?

O silêncio abateu-se sobre a vereda e, por instantes, pareceu que nenhum homem se atrevia a respirar. Então, foi o pandemónio. Alguns de-

sataram a fazer perguntas e eram mandados calar por outros que diziam saber as respostas. Mãos encardidas apunhalaram o ar para enfatizarem argumentos da lei, e pés pisaram a terra enquanto homens agitados se levantavam de um pulo e corriam para junto da carroça de Mara.

Papewaio deteve o ímpeto desembainhando a espada e, apressando-se a intervir, Keyoke gritou uma ordem.

Fez-se silêncio; lentamente, os bandidos acalmaram-se. Novamente em silêncio, esperaram que o seu líder falasse.

Respeitando a vigilância de Papewaio, Lujan fez uma cuidada vénia diante da rapariga que ameaçava perturbar a vida que conhecia. — Minha senhora, as vossas palavras são... surpreendentes... generosas para além da compreensão. Mas não temos amos que nos libertem do serviço anterior. — Algo semelhante à rebeldia tremeluziu-lhe nos olhos. Mara percebeu e tentou compreender. Embora fosse travesso, e até mesmo bem-parecido debaixo da sujidade, o fora-da-lei comportava-se com os modos de um homem sob ameaça; e, subitamente, a rapariga percebeu porquê. Estes homens, pura e simplesmente, não tinham um objetivo, vivendo o dia-a-dia, sem esperança. Se ela conseguisse que agarrassem o destino nas suas próprias mãos e jurassem fidelidade aos Acoma, conseguiria guerreiros de um valor inestimável. Tinha, porém, de os fazer acreditar uma vez mais.

— *Não* tendes serviço — disse delicadamente para Lujan.

— Mas fizemos um juramento... — A sua voz era pouco mais do que um murmúrio. — Nunca ninguém fez uma oferta como esta. Nós... Quem de nós pode saber o que é honrado? — Lujan parecia estar a suplicar, como se desejasse que Mara lhe dissesse o que era correto; e o resto da companhia olhava para o seu líder à espera de respostas.

Sentindo-se subitamente como a inexperiente noviça de Lashima com apenas dezassete anos que era, Mara virou-se para Keyoke em busca de auxílio. O velho guerreiro não a desiludiu. Embora sentisse o mesmo desconforto de Lujan em relação a este abuso da tradição, manteve um tom de voz calmo. — Um soldado deve perecer ao serviço do seu amo, ou perder a honra, assim está convencido. Todavia, conforme a minha senhora salienta, se o destino ditar o contrário, nenhum homem tem o direito de pôr em causa o desejo dos deuses. Se os deuses não quiserem que sirvais os Acoma, o seu desagrado certamente cairá sobre esta casa. A minha senhora assume esse risco, em nome dela e no vosso. Com ou sem os favores dos céus, todos nós morreremos. Porém, os ousados de entre vós enfrentarão o infortúnio — e fez uma longa pausa antes de acrescentar: — E morrerão como soldados.

Lujan esfregou os pulsos, pouco convencido. A ira dos deuses traria a total destruição. Pelo menos enquanto fora-da-lei a miserável existência

que teria de suportar durante o resto da vida poderia expiar a sua incapacidade para morrer com o seu amo, quiçá valendo à sua alma um lugar mais elevado quando tivesse de enfrentar a Roda da Vida.

Como os bandidos espelhavam o nervosismo do seu líder, todos eles completamente divididos no seu íntimo, Papewaio coçou a cicatriz e disse pensativamente:

— Eu sou Papewaio, Primeiro Líder de Ataques dos Acoma. Nasci para prestar serviço a esta casa, mas o meu pai e o meu avô eram próximos de primos que prestavam serviço aos Shinzawai, aos Wedewayo, aos Anasati... — Fez uma pausa e, como nenhum homem se pronunciou, referiu os nomes de várias outras casas.

Lujan permaneceu imóvel, com os olhos semicerrados, quando um homem nas suas costas falou. — O meu pai serviu a Casa dos Wedewayo, onde vivi antes de me juntar ao serviço do Senhor dos Serak. O seu nome era Almaki.

Papewaio anuiu e pensou rapidamente. — Esse Almaki era primo de Papendaio, que era meu pai?

O homem abanou a cabeça, denotando desilusão. — Não, mas eu conheci-o. Era conhecido por Almaki Pequeno, e o meu pai por Almaki Grande. Mas outros primos do meu pai serviram nessa casa.

Papewaio chamou o homem com um aceno e conversaram tranquilamente durante vários minutos longe dos ouvidos de Mara. Após um animado hiato, o bandido esboçou um largo sorriso e o Líder de Ataques virou-se para a sua senhora com uma reverência respeitosa. — Minha senhora, este é Toram. O seu tio era primo de um homem que casou com uma mulher que era irmã de uma mulher que casou com o sobrinho do meu pai. Ele é meu primo, e digno de prestar serviço para os Acoma.

Mara ocultou um sorriso por detrás da manga. Papewaio e Toram, um homem obviamente inteligente, haviam aproveitado um simples facto da cultura tsurani. Segundo a tradição, os segundos e terceiros filhos de soldados gozavam da liberdade para prestarem serviço noutras casas além daquelas em que haviam nascido. Ao tratar este guerreiro cinzento como se fosse um jovem, Papewaio contornara totalmente a questão da honra levantada por Lujan. Quando Mara recuperou o decoro, disse simplesmente:

— Papewaio, chamai o vosso primo para o nosso serviço, se ele assim o desejar.

Papewaio agarrou Toram pelo ombro com familiaridade. — Primo, sois convocado a prestar serviço para os Acoma.

O homem ergueu o queixo com um orgulho reencontrado e anunciou inequivocamente a sua aceitação. — Irei!

As suas palavras espoletaram algum alvoroço entre os fora-da-lei, e os

homens aglomeraram-se à volta de uma dúzia de soldados acoma e começaram a dizer os nomes de familiares. Mara voltou a encobrir um sorriso. Qualquer tsurani de origens nobres, ou qualquer soldado, conhecia a sua genealogia de várias gerações, bem como as de primos, tias e tios, a maioria dos quais nunca tinham chegado a conhecer pessoalmente. Quando dois tsurani se encontravam pela primeira vez, dava-se início a uma intrincada indagação sobre a saúde dos familiares, até haver uma permuta de histórias e os dois desconhecidos saberem qual deles ocupava uma posição mais elevada na escala social. Era quase impossível que, após uma breve troca de impressões, não se descobrisse um afastado laço de sangue, o que permitiria que os guerreiros cinzentos fossem chamados para o serviço.

Mara permitiu que Papewaio lhe oferecesse a mão para poder descer da carroça. Os bandidos juntaram-se aos magotes à volta de diferentes soldados, com as vozes alegres a gritar perguntas e respostas à medida que se determinavam relacionamentos. Lujan abanou a cabeça pensativo e encarou Mara com os olhos iluminados por emoções fracamente dissimuladas. — Minha senhora, o vosso ardil para nos capturar foi engenhoso e... eu teria orgulho em servir-vos... Isto... — Acenou com a mão para o alvoroço de homens entusiasmados. — Isto ultrapassa a compreensão. — Quase a perder o controlo das emoções, desviou o olhar por instantes, engoliu em seco, e depois voltou a encarar Mara, com um semblante que recuperara a inexpressividade própria dos Tsurani, embora mantivesse um brilho nos olhos. — Não sei se... é correto, mas aceitarei o vosso serviço de bom grado e tornarei minha a honra dos Acoma. Entrego-vos a minha vida, senhora. E se a minha vida for curta, será uma boa vida, por poder usar novamente as cores de uma casa. — Endireitou-se, sem qualquer indício de libertinagem. Perscrutou Mara durante bastante tempo, com os olhos fixos nos dela. As suas palavras causaram nela uma enorme impressão para todo o sempre devido à sua sinceridade. — Espero que o destino poupe a minha vida durante muitos anos, senhora, para que possa manter-me a vosso lado, pois penso que jogais o Jogo do Conselho. — De seguida, na iminência de perder o controlo, os seus olhos humedeceram-se e o seu rosto abriu-se num sorriso. — E acho que o Império nunca mais será o mesmo.

Mara manteve-se em silêncio enquanto Lujan fazia uma reverência e se afastava para ir comparar parentescos com os soldados acoma até encontrar uma afinidade, por muito distante que fosse. Depois, com a autorização de Keyoke, enviou mensageiros ao acampamento para chamar para a nascente o que restava dos seus súbditos. Os últimos a chegar aparentavam diferentes estados de incredulidade. Mas assim que lobrigaram a senhora sentada na carroça de *thyza* como se estivesse a presidir a uma sessão à sombra dos pilares da sua mansão, o

seu ceticismo perdeu intensidade. Finalmente convencidos pela exuberância dos camaradas que já tinham jurado fidelidade ao serviço dos Acoma, passaram a pronunciar listas de primos e familiares até que, também eles, recuperassem a honra de prestarem serviço a uma casa.

A tarde passou-se, as árvores sobranceiras à orla da ravina lançavam longas sombras sobre a clareira. O calor amainou e as tardias brisas transportavam uma fragrância silvestre, enquanto os ramos por cima da caravana roçagavam inquietamente. Satisfeita com os acontecimentos do dia, Mara observou um bando de pássaros *gaguin* a mergulhar para apanharem os insetos que a brisa levava. Quando estes terminaram a refeição e voaram a toda a brida e estridentemente rumo ao sul, ela percebeu como estava cansada e esfomeada.

Como que a ler o seu pensamento, Keyoke fez uma pausa ao lado de Mara. — Minha senhora, devemos partir sem delonga se queremos chegar a casa antes do anoitecer.

Mara anuiu, desejosa de umas almofadas macias em vez dos ásperos sacos de *thyza*. Farta que estava dos olhares de homens esfomeados, a privacidade da liteira pareceu-lhe subitamente convidativa. — Partamos então, Comandante das Forças Armadas — disse num tom de voz suficientemente alto para que os homens a ouvissem. — Temos aqui soldados acoma que gostariam de um banho, de uma refeição quente e de repousar nas casernas onde a neblina não humedeça os seus cobertores. — Nem mesmo Mara conseguiu evitar que os seus olhos se humedecessem ao ouvir o grito de puro regozijo que emanou das bocas dos bandidos. Homens que ainda há pouco estavam prontos a lutar contra ela ansiavam então por a defender. Em silêncio, a rapariga agradeceu a Lashima. Aquela primeira vitória fora fácil; mas contra o poderio dos Minwanabi, e a inteligência ardisosa dos Anasati, o seu sucesso futuro seria difícil, se de todo exequível.

Ao ser empurrada para trás quando os escravos levantaram a liteira, Mara sentiu-se sem energia. Soltou um profundo suspiro de alívio. Todas as dúvidas e o receio suprimido durante os confrontos armados e a negociação com os bandidos vieram ao de cima na privacidade por detrás das cortinas. Até àquele momento, não se atrevera a admitir como tivera medo. O seu corpo estremeceu com arrepios inesperados. Consciente de que a humidade estragaria a seda delicada da sua túnica, fungou e suprimiu uma exasperada vontade de chorar. Lano ridicularizara as suas explosões emocionais em criança, arreliando-a ao afirmar que ela não era tsurani — embora as mulheres não tivessem de conter as emoções do mesmo modo que os homens.

Recordando a troça do irmão e o facto de nunca ter visto o pai a trair

qualquer incerteza, quaisquer dúvidas ou receios, fechou os olhos, mergulhando num exercício para se acalmar. A voz da sacerdotisa que fora a sua preleitora no Templo de Lashima pareceu responder na sua mente: «Aprende a natureza do próprio ser, aceita todos os aspetos do próprio ser, e então o domínio pode começar. Renunciar ao próprio ser é renunciar a tudo o mais.»

Mara fungou outra vez. Agora o seu nariz também pingava. Afastando as mangas para que não sofressem as consequências, admitiu a realidade em silêncio. Ficara aterrorizada, principalmente quando pensara que os bandidos poderiam atacar as suas propriedades enquanto ela andava à procura deles nas montanhas.

Mara repreendeu-se novamente: *Não é assim que uma Governatriz age!* Depois compreendeu a origem dos seus sentimentos: não sabia como deveria agir uma Governatriz. Como não recebera qualquer formação em governação, não passava de uma rapariga do templo lançada para o meio da contenda mais mortífera do Império.

Mara recordou algo que o pai lhe ensinara em pequena: as dúvidas servem apenas para prejudicar a capacidade de uma pessoa agir de forma resoluta; e no Jogo do Conselho, hesitar era morrer.

Para evitar delongar-se na fraqueza, Mara espreitou por uma fenda das cortinas para os soldados acoma acabados de recrutar. Não obstante as roupas imundas, os semblantes macilentos, os braços escanzelados e os olhos de animais assustados, aqueles homens eram soldados, e Mara reconhecia neles uma qualidade que ainda não lobrigara: aqueles fora-da-lei, até mesmo o travesso Lujan, haviam tido tanto medo quanto ela. Mara achou isso desconcertante, até que considerou a emboscada pela perspectiva deles. Apesar de serem em menor número, os guerreiros acoma eram soldados experientes, devidamente armados e em boa forma física. Alguns daqueles guerreiros cinzentos não tinham uma refeição decente há um ano. E as suas armas não passavam de um estranho aglomerado de espadas e punhais que tinham sido deitados fora, roubados ou toscamente fabricados. Apenas alguns tinham algo parecido com um escudo e nenhum usava armadura. Não, pensou Mara, muitos daqueles homens tristes e desesperados deviam ter pensado que alguns dos elementos da sua irmandade iriam morrer naquele dia. E todos deviam ter pensado se eles mesmos não estariam entre esse lote.

Os homens marchavam sem dar conta de que a sua senhora os observava. Os seus rostos revelavam um desenrolar de outras emoções, entre elas esperança e o receio de falsa esperança. Mara deixou-se afundar nos coxins, concentrando-se absortamente no desenho colorido das tapeçarias da liteira. Como é que ela conseguira subitamente perceber todas aquelas

coisas nos rostos dos homens? Teria o seu medo espoletado dentro de si algum tipo de discernimento que ela não compreendia? Depois, como se o seu irmão Lanokota estivesse sentado ao seu lado, a recordação da sua presença preencheu-lhe o pensamento. Se fechasse os olhos, conseguiria ouvi-lo murmurar: «Estais a crescer, irmãzinha.»

Subitamente, Mara deixou de conseguir conter as lágrimas. O choro deixara de ter origem no pesar, mas antes num afloramento de júbilo semelhante à alegria que sentira quando Lano vencera os jogos de verão em Sulan-Qu. Nesse dia, Mara e o pai tinham dado vivas como aldeões das bancas, por instantes sem darem importância às exigências do estatuto social e do decoro; só que agora as suas emoções eram dez vezes mais intensas.

Ela vencera. Saboreara a sua primeira vitória no Jogo do Conselho e a experiência deixara-a empolgada, deixara-a ansiar por algo mais e maior. Pela primeira vez na vida, percebia por que razão os grandes senhores lutavam, e até davam a própria vida, pela possibilidade de ganharem honradamente.

Sorrindo por detrás dos traços deixados pelas lágrimas, deixou que o movimento da liteira relaxasse o seu corpo. Ninguém que tivesse de enfrentar na invisível mesa de jogo da política tsurani saberia deste movimento, pelo menos diretamente ou nos tempos mais próximos. Mas apesar de a traição dos Minwanabi ter reduzido a guarnição da Casa Acoma a cinquenta soldados, ela controlava agora a lealdade de mais de duzentos e cinquenta. Visto que havia guerreiros cinzentos espalhados por esconderijos por todo o Império, poderia aproveitar esses homens para recrutar mais. Se conseguisse ganhar mais uma semana ao enviar a caixa com a pena e a corda para o Senhor dos Minwanabi, poderia ter quinhentos ou mais soldados para a defender da próxima ameaça. Mara sentia-se nos píncaros. Conhecera a vitória! E duas vezes evidenciavam-se na sua memória. Uma era a da sacerdotisa que dizia: «Criança, teme a tentação do poder e do triunfo, pois todas essas coisas são transitórias.» Mas a impetuosa voz de Lano incitava-a a desfrutar das suas façanhas: «Gozai a vitória enquanto podeis, Mara-anni. Gozai-a enquanto podeis.»

Mara recostou-se, suficientemente fatigada para descansar a mente. À medida que os escravos a transportavam para casa através das sombras profundas do pôr-do-sol, sorriu ligeiramente na privacidade da liteira. Embora soubesse que a sua situação continuava a ser praticamente desesperançada, ia seguir o conselho de Lano. A vida deve ser saboreada enquanto dura.

As rodas da carroça rangeram e viraram e as *needra* resfolegaram, enquanto a poeira levantada pelos homens tornava o ar ocre e dourado. A intensidade do Sol diminuiu lentamente até ao crepúsculo enquanto a inu-

sitada caravana de Mara com a sua companhia eclética de homens armados percorria o caminho que levava à propriedade dos Acoma.

Os archotes junto à entrada principal da casa senhorial iluminavam um pátio em rebuliço. A chegada dos trabalhadores sem amo que haviam partido primeiro deixara Jican e a sua equipa sem mãos a medir, enquanto distribuíam refeições, aposentos e trabalhos a todos. Quando a caravana de Mara regressou ao cair da noite com os guerreiros maltrapilhos e esfomeados de Lujan, o *hadonra* ergueu as mãos para o céu e suplicou aos deuses que pusessem fim a um dia de trabalho interminável. Esfomeado, e agora resignado a ouvir um raspanete da mulher por não estar em casa à hora de deitar os filhos, Jican mandou ordens para o cozinheiro preparar outro caldeirão de *thyza*, e cortar carne fria e fruta. De seguida, sendo mais baixo do que a maioria dos seus subordinados e tendo de compensar essa diferença assumindo uma postura incansavelmente enérgica, o *hadonra* iniciou a tarefa de tomar nota dos nomes e de registar quais os que precisavam de roupas e quais precisavam de sandálias. Enquanto Keyoke começava a tarefa de dividir os recém-chegados em companhias, Jican e os seus ajudantes destacaram uma equipa de escravos para varrerem e esvaziarem as casernas e irem buscar cobertores para as enxergas. Sem receber instruções formais de ninguém, Lujan assumiu o cargo de oficial, tranquilizando ou barafustando quando necessário para ajudar a sua companhia a assentar arraiais.

Entretanto, Nacoya chegou a este caos de homens surrados e de carroças de *needra*, com os ganchos do cabelo tortos na sua agitação. Olhou de relance para a reles companhia de Lujan e dirigiu-se imediatamente para a liteira de Mara. Abrindo determinadamente caminho por entre a multidão, chegou junto da liteira no preciso instante em que Papewaio ajudava a senhora a levantar-se dos coxins. Rígida da viagem sentada e encandeada pela luz das tochas, Mara observou aquele momento de silêncio em que o seu Líder de Ataques a entregou aos cuidados de Nacoya. A linha invisível que separava os domínios do guarda-costas e da ama era como a linha que separa o interior da casa e o pavimento exterior.

Nacoya acompanhou a sua senhora até aos seus aposentos, um passo atrás dela, como ditavam as regras. Assim que transpuseram a soleira da porta, a velha ama fez sinal para que as criadas se retirassem. Depois, com o semblante obscurecido pelas sombras vacilantes lançadas pelas lamparinas a óleo, fechou a tela com firmeza.

Enquanto Mara fazia uma pausa para tirar os conjuntos de pulseiras e joias que usara para parecer frívola durante a artimanha, a ama dirigiu-se a ela num tom ríspido. — A que se deve este súbito regresso? E quem são todos aqueles maltrapilhos?

Mara atirou com estrépito um broche e um colar de jade para dentro de um cofre. Depois da tensão, e do perigo, e da inebriante euforia do sucesso, os modos perentórios da ama levaram-na a ranger os dentes; fazendo um esforço para se controlar, tirou os anéis dos dedos, um a um, e relatou detalhadamente o plano que executara para reabastecer a guarnição dos Acoma.

Quando o último adorno caiu com um estalido sobre o monte, Nacoya levantou a voz. — Atrevestes-vos a perigar o futuro dos Acoma para pôr em marcha um plano tão fútil? Minha menina, sabeis aquilo que arriscastes? — Mara voltou-se para enfrentar Nacoya e deparou-se com o semblante da ama ruborizado e as mãos entrelaçadas. — Se algum daqueles homens tivesse atacado, os vossos homens teriam morrido a defender-vos! E para quê? Para que uma escassa dúzia de homens sobejasse para defender a casa vazia desta casa quando os Minwanabi atacassem? Quem teria defendido o *natami*? Nem Keyoke nem Papewaio. Eles teriam morrido! — À beira da histeria de tão zangada, a anciã abanou a cabeça. — Poderíeis ter sido abusada por todos eles! Poderíeis ter morrido!

A voz de Nacoya atingiu uma grande intensidade, como se não conseguisse conter a raiva. — Em vez desta... aventura irresponsável, devíeis... devíeis ter estado a tratar dos pormenores de um casamento adequado. — Nacoya esticou-se, agarrou Mara pelos braços e começou a abaná-la, como se ela continuasse a ser uma criança. — Se insistis nessa teimosia inconsciente, os vossos pretendentes limitar-se-ão ao filho de algum comerciante de fertilizantes que almeja comprar um nome para a família, enquanto assassinos e ladrões de *needra* protegem a vossa propriedade!

— Basta! — Sobressaltada com a inflexibilidade do seu tom de voz, Mara afastou a anciã; e a acuidade dos seus modos cortou a invetiva de Nacoya como uma gadanha corta a erva. A anciã interrompeu os protestos. Depois, quando parecia prestes a recomeçar, Mara falou de novo. — Basta, Nacoya. — O seu tom era intenso e implacável, mal escondendo a sua raiva.

Mara encarou a velha ama. Aproximou-se dela até estarem a poucos centímetros uma da outra. — *Eu* sou a Senhora dos Acoma — disse. As suas palavras espelhavam pouco da ira de momentos antes; acalmando-se ligeiramente, Mara perscrutou o semblante da mulher que a criara desde a infância. — Mãe do meu coração — disse, resolutamente —, de todos quantos me servis, vós sois a mais amada. — Depois, estreitou os olhos e o ardor regressou-lhe às palavras. — Mas *nunca* vos esqueceis de que me servis. Se alguma vez voltardes a tocar-me dessa maneira ou a dirigir-vos a mim com esses modos, Nacoya, seja quando for, eu mando-vos espancar como a um escravo da cozinha. Compreendeis?

Nacoya hesitou por instantes e depois baixou lentamente a propecta

cabeça. Madeixas de cabelo desgrenhado adejavam-lhe na nuca quando se ajoelhou rigidamente diante de Mara até os velhos joelhos pousarem no chão. — Peço o perdão da minha senhora.

Pouco tempo depois, Mara inclinou-se para a frente e passou os braços à volta dos ombros de Nacoya. — Mais antiga e mais querida companheira, o destino trocou os nossos papéis. Apenas há alguns dias eu era uma noviça do templo e vós éreis minha professora e mãe. Agora tenho de vos governar, tal como o meu pai. Servis-me melhor partilhando a vossa grandiosa sabedoria. Mas no fim, apenas eu devo escolher que caminho seguir.

Cingindo com força a velha mulher, Mara acrescentou:

— E caso duvideis, lembrai-vos de que não fui capturada por bandidos. O Papewaio e o Keyoke não morreram. Fiz uma boa escolha. Os meus planos foram bem-sucedidos e agora recuperamos algumas das coisas que tínhamos perdido.

Nacoya manteve-se em silêncio, depois murmurou:

— Tendes razão.

Mara libertou a anciã e bateu palmas duas vezes. Criadas apressaram-se a atender os desejos da senhora enquanto a idosa se levantava. Ainda trémula por força da reprimenda, Nacoya disse:

— Minha senhora, dais-me autorização para que me retire?

Mara levantou o queixo enquanto a criada começava a desapertar o colarinho da sua túnica. — Sim, anciã, mas vinde ver-me depois do banho. Temos muito que falar. Pensei muito nos vossos conselhos. Chegou a hora de tratar dos preparativos para eu casar.

Nacoya esbugalhou os olhos negros. Dada a súbita obstinação de Mara, tal concessão revelara-se uma surpresa absoluta. — O vosso desejo é uma ordem, minha senhora — disse. Fez uma vénia e afastou-se, deixando as criadas entregues ao seu trabalho. Na penumbra do corredor, a anciã endireitou a coluna com alívio. Finalmente, Mara aceitara o seu papel de Governatriz. E embora a veemência da reprimenda que lhe dera a tenha abalado bastante, a isenção da responsabilidade por uma criança que tem de gerir a honra dos seus antepassados trouxe-lhe um sentimento de profunda satisfação. A velha ama acenou com a cabeça para si mesma. Se a prudência não era uma das virtudes de Mara, pelo menos a rapariga herdara o extraordinário arrojo e coragem do pai.

Uma hora depois, a Senhora dos Acoma levantou-se da banheira. Duas criadas envolveram o seu corpo reluzente em toalhas enquanto outra abria os biombos que separavam a banheira de madeira do resto dos aposentos. Tal como todas as grandes Casas Tsurani, o número e o tamanho das divisões era meramente uma questão do modo como os biombos e as

portas eram posicionados. Fazendo correr outra porta de tela, era possível aceder ao quarto de dormir de Mara a partir do estúdio sem que fosse necessário sair dos apartamentos centrais.

O ar continuava quente. Mara escolheu a sua túnica de seda mais fina, que mal lhe cobria a coxa; era quase transparente e não tinha bordados pesados. O dia deixara-a bastante fatigada, e ansiava por simplicidade e relaxamento. Mais tarde, nas horas mais frescas da noite, envergaria uma túnica mais comprida e mais grossa. Porém, na presença das criadas e de Nacoya, Mara podia usufruir da ousada, mas confortável, túnica informal.

De acordo com as ordens da sua senhora, uma criada afastou um biombo que dava para uma pequena secção do jardim interior, sempre disponível para os exercícios de reflexão e meditação de Mara. Ainda que uma dúzia de criados pudessem passar nos seus afazeres pelo pátio central, a inteligente disposição de arbustos e árvores anãs proporcionava uma fresta de verdura em que a sua passagem não incomodava.

Nacoya apareceu quando Mara se sentou diante da abertura. Em silêncio, e manifestando indícios de exaustão nervosa, a rapariga fez sinal para que a ama se sentasse ao seu lado. Depois, esperou.

— Minha senhora, trouxe-vos uma lista de alianças apropriadas — começou Nacoya.

Mara não desviou os olhos da porta e o seu único movimento foi um ligeiro rodar da cabeça enquanto a criada que a cuidava penteava os seus longos e húmidos cabelos. Presumindo que tinha autorização para prosseguir, Nacoya desenrolou o pergaminho entre as mãos enrugadas. — Minha senhora, se queremos sobreviver às artimanhas dos Minwanabi e dos Anasati, devemos escolher os nossos aliados com cuidado. No meu entender, temos três opções. Podemos aliar-nos a um nome antigo e honrado cuja influência tenha entrado em declínio. Ou podemos escolher um marido de uma família que seja poderosa e abastada há pouco tempo, mas que almeje honra, tradição e aliança política. Ou então, podemos procurar uma família que esteja disposta a uma aliança porque o nome da vossa família poderia juntar alguma ambição no Grande Jogo.

Nacoya fez uma pausa para dar a Mara a hipótese de responder. Mas a jovem continuou a fitar a penumbra do jardim, com um ténue esgar que lhe franzia o semblante. A criada acabou de a pentear; apanhou o cabelo de Mara num rabo-de-cavalo apumado, fez uma vénia, e saiu.

Nacoya esperou. Como Mara continuava sem reação, aclarou a garganta, depois abriu o pergaminho com um exaspero oculto. — Eliminei as famílias que são poderosas, mas que não têm tradição — disse. — Servir-vos-ia melhor um casamento com um filho de uma casa que, por sua vez, tenha aliados poderosos. Como isso significa possíveis envolvimentos

com aliados dos Minwanabi e, especialmente, com os Anasati, restam-nos poucas casas efetivamente aceitáveis. — Voltou a perscrutar Mara, mas a Senhora dos Acoma parecia estar a ouvir apenas os chamamentos dos insetos que despertavam num zunir após o sol-pôr.

Quando os criados fizeram as suas rondas para acenderem as lamparinas, Nacoya reparou que o sobrolho de Mara estava mais carregado. A anciã endireitou o pergaminho com um movimento intencional. — De todos os que provavelmente estariam interessados, as melhores escolhas seriam...

Subitamente, Mara falou. — Nacoya. Se os Minwanabi são a casa mais poderosa do Império, que casa é a que tem melhores relacionamentos políticos?

Nacoya pousou a lista sobre o regaço. — Os Anasati, sem dúvida. Se o Senhor dos Anasati não existisse, esta lista seria cinco vezes mais extensa. Aquele homem forjou alianças com mais de metade dos senhores poderosos do Império.

Mara anuiu com o olhar perdido como se estivesse a ver algo que apenas ela conseguia lobrigar. — Já decidi.

Nacoya inclinou-se para a frente expectante, subitamente receosa. Mara nem sequer pegara na lista, quanto mais analisara os nomes que Nacoya ditara ao escriba. Mara virou-se e fitou incisivamente o rosto de Nacoya. — Casarei com um filho do Senhor dos Anasati.

ESTRATAGEMA

Souo o gongo. As notas entoaram pela extensão do grande salão dos Anasati. Enfeitado com ancestrais estandartes de guerra, o salão tresandava a velha madeira encerada e a gerações de intriga. O teto de ladrilhos abobadado lançava sombras tão profundas que o salão permanecia sombrio mesmo com as velas acesas. O próprio salão absorvia os ecos, ao ponto de os cortesãos e os servidores, sentados e a servir, parecerem meras estátuas de ténues movimentos e silenciosas.

Ao fundo de um longo corredor central de tapeçarias, sobre um imponente estrado, estava sentado o Senhor dos Anasati envergando as suas vestes formais. Por debaixo do peso opressivo do turbante cerimonial, a transpiração reluzia-lhe na fronte; as suas feições ossudas não revelavam qualquer sinal de desconforto, embora os seus atavios fossem sufocantes sob o calor do meio-dia. Uma dúzia de faixas escarlates e amarelas dificultavam-lhe a respiração, enquanto os laços que sobressaíam como asas engomadas nas suas costas lhe cingiam os ombros; de cada vez que se mexia, os criados tinham de ir a correr endireitá-los. Numa mão, segurava um enorme ceptro trabalhado, cujas origens se tinham perdido no tempo, insígnia da sua supremacia enquanto Governador. Sobre o regaço repousava a ancestral espada de aço — uma relíquia cuja importância era superada apenas pelo *natami* da família — transmitida de pai para filho desde os dias da ponte dourada e da Evasão, quando as nações chegaram pela primeira vez a Kelewan. Agora, o seu peso assentava cruelmente sobre joelhos cansados, um incómodo que tinha de suportar juntamente com todos os acessórios cerimoniais do cargo enquanto aguardava a chegada da recém-coroadada Governatriz dos Acoma. O salão era agora um autêntico forno, pois a tradição obrigava que todos os biombos permanecessem fechados até à entrada formal do pretendente.

Tecuma, Senhor dos Anasati, inclinou ligeiramente a cabeça, e o seu Conselheiro Principal, Chumaka, apressou-se para junto dele. — Quanto tempo? — murmurou impacientemente o senhor.

— Já não falta muito, senhor. — O leal conselheiro fez uma vénia como um nervoso roedor e explicou: — O gongo tocou três vezes, quando a liteira de Mara chegou ao portão exterior, durante a entrada na casa principal,

e agora ao passar pelo portão do pátio. O quarto repique soará quando ela chegar à vossa augusta presença, meu senhor.

Enfadado pela imobilidade quando o que lhe apetecia era ouvir música, o Senhor dos Anasati disse:

— Ponderastes sobre o meu pedido?

— É claro, meu senhor. O vosso desejo é uma ordem. Engendrei vários insultos apropriados para dar resposta à presunção da cadela dos Acoma. — O conselheiro humedeceu os lábios. — Pedir o vosso filho Jiro para consorte... bem, essa é boa! — acrescentou.

O Senhor dos Anasati lançou um olhar de curiosidade sobre o conselheiro, o que fez com que a sua toga cerimonial inclinasse para a esquerda. Os criados acorreram em bando e azafamaram-se até estar novamente apumado. Chumaka prosseguiu com o comentário. — Brilhante, ainda que tivesse a mais remota esperança de sucesso. Um casamento com qualquer um dos vossos filhos obrigar-vos-ia a uma aliança com os Acoma. Além de isso esgotar os vossos recursos para os proteger, a bruxa ainda poderia dedicar todos os seus esforços ao Senhor dos Minwanabi.

O Senhor dos Anasati franziu os lábios com um desagrado mal disfarçado ao ouvir aquele nome pronunciado. — Eu próprio a desposaria se achasse que ela tem a mais ínfima possibilidade de vencer aquela *jaguna* no Jogo do Conselho. — Fez uma carranca ao referir o nome daquele necrófago malcheiroso; depois, apertou o ceptro com força ao pensar em voz alta:

— Mas o que espera ela conseguir? Deve saber que eu nunca permitiria que desposasse o Jiro. Os Acoma são a única família mais antiga do que a minha, depois das Cinco Grandes Famílias. Com a sua queda, e se por algum acaso uma das Cinco Grandes caísse...

Chumaka concluiu aquele que era um desejo inúmeras vezes proferido pelo seu senhor:

— ...os Anasati seriam uma das Cinco Grandes Famílias.

Tecuma anuiu. — E um dia algum dos nossos descendentes ascenderia ao posto de Senhor da Guerra. — Olhou de relance para a esquerda, onde os seus três filhos esperavam num estrado ligeiramente mais baixo.

O que estava mais perto do pai era Halesko, herdeiro da manta dos Anasati. Ao seu lado estava Jiro, o mais inteligente e hábil dos três, já preparado para desposar a filha de qualquer um dos muitos grandes senhores, quiçá uma filha do Imperador, conferindo assim aos Anasati outro poderoso laço político. Ao seu lado, sentava-se desajeitadamente Buntokapi, limpando absorto o lixo das unhas.

Perscrutando o canhestro semblante do seu filho mais novo, o Senhor dos Anasati murmurou para Chumaka:

— Não achais que, por algum ato da providência, ela aceitasse o Bunto, pois não?

As finas sobranceiras do conselheiro ergueram-se. — Os nossos informadores indicam que ela pode ser uma rapariga inteligente, ainda que inexperiente, mas pedir o Bunto em casamento seria... revelar menos inteligência do que eu esperaria, meu senhor.

— Inteligência? Em pedir o Bunto em casamento? — Tecuma contorceu-se incrédulo, fazendo com que os seus arcos descaíssem, o que originou um segundo acorrer de criados alvoroçados. — Perdestes o juízo?

— Podíeis sentir-vos tentado a concordar — disse o conselheiro, contemplando o apático terceiro filho.

Com um olhar de mágoa, o Senhor dos Anasati suspirou. — Acho que teria de recusar, não era?

O Conselheiro Principal estalou a língua entre os dentes. — Até mesmo o Bunto lhe conferiria demasiado poder político. Pensai bem, se o cão dos Minwanabi matasse o Bunto acidentalmente ao tentar destruir os Acoma... não esqueçais a barafunda que foi quando enviou aquele assassino hamoi.

O Senhor dos Anasati anuiu. — Sim, eu seria obrigado a vingá-lo sobre a sua família. Foi uma pena o minwanabi não ter sido bem-sucedido no assassinio da Mara, mas acho que já seria de esperar: o fulano é pior do que uma *jaguna*; tem a subtilidade de um macho *needra* dentro de um curral de procriação. — Tecuma mexeu-se numa tentativa de encontrar uma posição mais confortável e os arcos oscilaram. Quando os criados começaram a aproximar-se, estacou, mantendo a compostura. — Não me importaria de me sujeitar ao pai dela... o Sezu estava sempre ávido por se aproveitar de mim sempre que podia. Mas isso era certamente de acordo com as regras do jogo. Esta coisa de rixas entre famílias... — Abanou a cabeça, e o pesado turbante escorregou, mal o conseguindo segurar. Chumaka esticou a mão e compô-lo delicadamente enquanto Tecuma prosseguia. — E ter este trabalho todo para humilhar a sua fedelha parece-me uma perda de tempo. — Olhou à sua volta no salão abrasador. — Pelos deuses, todos estes músicos, e nem uma nota de entretenimento — referiu.

Sendo uma pessoa extremamente preocupada com o pormenor ao ponto do pretensiosismo, Chumaka disse:

— Os músicos devem estar preparados para tocarem a música de entrada formal, meu senhor.

O Senhor dos Anasati suspirou de exasperação, cuja frustração se devia apenas parcialmente à monotonia do conselheiro. — Estava a apreciar aquela série de novas melodias que os músicos compuseram este mês. Agora perdi o dia todo. Talvez pudessem tocar qualquer coisa até à chegada da Mara.

Chumaka abanou a cabeça com algum suor agregado na ponta do nariz. — Meu senhor, se não cumprirmos escrupulosamente a etiqueta, a Senhora dos Acoma sairá a vencer do insulto. — Embora fosse genuinamente mais paciente do que o seu senhor, até mesmo ele começava a pensar no que levaria o séquito da rapariga a demorar tanto tempo a atravessar o pátio central. — Ide ver o que está a causar esta demora — ordenou num murmúrio ao criado mais próximo.

O criado fez uma vénia e saiu discretamente por uma porta lateral. Regressou para junto do Conselheiro Principal com o seu relatório. — A Senhora dos Acoma está sentada à porta, meu senhor.

Perdendo finalmente as estribeiras, Chumaka murmurou:

— Então, porque é que ninguém faz soar o gongo e a manda entrar?

O criado olhou desconfortavelmente para a entrada principal, que ainda estava sob a costureira guarda dos porteiros cerimoniais. — Ela queixou-se do calor e ordenou que lhe levassem toalhas húmidas e aromáticas e bebidas frescas para ela e para o seu séquito para que se pudessem refrescar antes de comparecerem, meu senhor — murmurou, com um gesto de impotência.

Chumaka perscrutou a corte dos Anasati, cujos elementos estavam sentados à espera há mais de uma hora sob o sufocante calor do meio-dia num salão fechado. Reconsiderou mentalmente a opinião que tinha sobre Mara. O atraso poderia ser uma inteligente manipulação, congeminada para acicatar a ira de um oponente, dando-lhe assim uma vantagem.

— Bem, quanto tempo pode demorar a beber um copo de água? — perguntou Tecuma.

— Meu senhor, o pedido da senhora apanhou-nos desprevenidos — respondeu o criado. — Demorou tempo a preparar bebidas para um séquito tão numeroso.

O Senhor dos Anasati trocou olhares com o seu Conselheiro Principal. — Até que ponto é numeroso o seu séquito? — indagou Chumaka.

O criado enrubesceu; como não recebera instrução, não sabia contar até mais de vinte. Não obstante, fez o seu melhor para responder. — Ela trouxe cinco criadas pessoais, e uma velha com alguma patente. Vi dois oficiais com elmos emplumados.

— O que significa pelo menos cinquenta guerreiros. — Tecuma inclinou-se para o Conselheiro Principal e falou num tom de voz tão baixo e rápido que mais parecia um sibilar. — Pensei que me havíeis informado de que *toda a sua guarnição* fora reduzida a menos de cinquenta guerreiros.

Chumaka pestanejou. — Meu senhor, o nosso espião na Casa dos Minwanabi informou-nos de que a batalha em que Sezu e o filho morreram aniquilou as principais forças dos Acoma.

O criado mostrou-se desconfortável por conseguir ouvir esta conversa, mas Chumaka ignorou o facto. — Então a Senhora dos Acoma atrever-se-ia a trazer com ela todas as forças que lhe restam?

Desejando obviamente estar noutra sítio, o criado respondeu:

— Meu senhor, o *hadonra* disse que ela trouxe mais. Para nossa desonra... — ao ver que o Senhor dos Anasati se empertigava perante a sugestão de que a sua falta de preparativos lançasse a desonra sobre a sua casa, o criado apressou-se a modificar o relato — ...desonra para os vossos pobres criados, é claro, meu senhor, ela foi forçada a deixar outros cem guerreiros num acampamento às portas da propriedade do meu senhor, pois não dispúnhamos de alojamento para eles.

Para profundo alívio do criado, Chumaka fez sinal para que se ausentasse, à medida que a disposição do Senhor dos Anasati mudava de despeito diante de uma possível desonra por causa da criadagem para alarme perante as implicações do que acabara de saber. — O Comandante das Forças Armadas dos Acoma — desenhou um pequeno círculo com a mão enquanto tentava lembrar-se do nome —, Keyoke, é um guerreiro experiente, não é tolo nenhum. Se Mara se faz acompanhar por cento e cinquenta guerreiros, devemos partir do princípio de que o dobro desse número está a guardar as suas propriedades. A guarnição de reserva do Sezu deveria ser muito mais numerosa do que supuséramos. — Os seus olhos espelhavam uma irritação crescente, e depois estreitaram-se com um indício de desconfiança. — Ou o nosso espião está ao serviço dos Minwanabi ou então é um incompetente. Uma vez que fostes vós quem me convenceu a aceitar um espião não nascido nesta casa para uma posição de confiança tão sensível, incumbo-vos da responsabilidade de abrir um inquérito. Se somos traídos, devemos saber imediatamente. — O calor e o desconforto já eram suficientemente maus, mas Tecuma lembrou-se dos gastos e das dificuldades que tivera de enfrentar para colocar aquele espião na casa do Senhor dos Minwanabi. Fitou o seu Conselheiro Principal. — É evidente que a vossa decisão pode ter-nos levado a seguir um rumo errado.

Chumaka aclarou a garganta. Fez de conta que se refrescava com um leque decorativo de modo a esconder os lábios de quem os conseguisse ler. — Meu senhor, não vos precipiteis na vossa apreciação. Aquele agente já nos prestou um serviço fiável no passado e está *extraordinariamente* bem colocado. — Fez uma pausa obsequiosa e passou a língua pelos dentes. — É muito mais provável que a nossa Senhora Mara tenha arranjado maneira de ludibriar o Senhor dos Minwanabi, o que explicaria porque o nosso agente forneceu informações erradas. Enviarei outro agente. Ele regressará com uma confirmação das minhas suspeitas, ou com a notícia de que um traidor está morto.

Tecuma assentiu, como uma *killwing* irritadiça que deixa que as penas enfunadas lentamente voltem à posição de descanso. Naquele instante, o quarto soar do gongo retiniu finalmente. Os servos que aguardavam no interior do salão abriram lentamente as portas da corte, enquanto Chumaka entoava o antigo ritual de boas-vindas a um pretendente. — Damos-vos as boas-vindas à nossa casa, como à luz e ao vento, ao calor e à chuva, a vós que trazeis a vida ao nosso salão. — Estas palavras eram uma ancestral formalidade que não refletia nada do que os Anasati efetivamente sentiam em relação aos Acoma. No Jogo do Conselho, as formalidades deviam ser sempre cumpridas. Uma ligeira brisa fez mexer os estandartes. O Senhor dos Anasati soltou um suspiro de alívio quase audível. Chumaka elevou o tom de voz de modo a ocultar o lapso do seu amo. — Entrai, pretendente, e dissei-nos qual o vosso desejo. Nós oferecemos-vos bebida e comida, calor e conforto. — Chumaka sorriu para consigo ao dizer estas últimas palavras. Naquele dia, ninguém precisava ou desejava mais calor, e Mara certamente encontraria pouco conforto na presença do Senhor dos Anasati. Voltou a atenção para a comitiva que entrava no salão.

Ao ritmo do rufar de um único tambor, transportadores de túnicas cinzentas transpuseram a soleira da porta mais afastada do estrado do senhor. A liteira chata e aberta que transportavam estava repleta de coxins altos; sobre os coxins, sentava-se Mara, impassível. Os músicos tocaram a melodia de recepção ao pretendente. Enquanto a melopeia irritantemente simples se repetia, a corte dos Anasati examinou a frágil rapariga que se fazia transportar à cabeça de um séquito impressionantemente enroupado, uma rapariga que envergava o manto de um dos mais ilustres nomes do Império. Tal como o senhor que era o seu anfitrião, ela trajava conforme a tradição mandava, com os cabelos negros apanhados no alto da cabeça e retidos por ganchos decorados com conchas e pedras preciosas, o rosto aparentemente empoleirado sobre um rígido colar de contas. A túnica formal estava engomada em pregas, e ostentava enormes laços do verde dos Acoma e mangas que chegavam ao chão. Não obstante a maquilhagem e as pesadas vestes bordadas, a rapariga parecia imperturbada pela pompa e pelo calor.

À esquerda de Mara, mas um passo atrás, seguia Nacoya, envergando agora o manto de Conselheira Principal dos Acoma. À direita de Mara marchavam três oficiais, com as armaduras a reluzir intensamente do verniz e do polimento recente. Os elmos ostentavam magníficas plumas. Com eles, entrou uma companhia de cinquenta guerreiros. Também eles esplêndidos com as suas armaduras polidas, marchavam de ambos os lados da liteira de Mara.

Os soldados pararam em formação rigorosa diante do estrado, como

um salpico de verde entre o escarlata e o amarelo dos Anasati. Um oficial permaneceu com os soldados enquanto os outros dois acompanharam a liteira de Mara três degraus acima até ao estrado. Ali chegados, os escravos pousaram a carga, e dois governantes confrontaram-se, um deles, um homem magro e irritado, e o outro, uma rapariga frágil que vinha regatear a sua própria sobrevivência.

Chumaka prosseguiu com a formalidade das saudações. — Os Anasati dão as boas-vindas à sua ilustre convidada, a Senhora dos Acoma.

Nacoya respondeu, conforme mandava a tradição. — Os Acoma agradecem ao nosso muito digníssimo anfitrião, o Senhor dos Anasati. — Não obstante a sua idade, a anciã suportava bem a opressão das vestes formais e do calor. A sua voz era clara, como se o seu posto natural fosse a de Conselheira Principal e não de ama.

Finda a troca de saudações cerimoniais, Tecuma foi direto ao assunto do encontro. — Temos o vosso requerimento diante de nós, Senhora dos Acoma. — Ouviu-se um burburinho entre os cortesãos que assistiam, pois as palavras de Tecuma eram algo insultuosas; dizer que o pedido de casamento era um requerimento deixava implícito que a posição social de Mara era inferior, e que estava à mercê dele para a recompensar ou punir.

Porém, a rapariga que estava sobre a liteira cerimonial respondeu sem hesitar. Escolheu um tom e uma frase habitualmente utilizados para fazer uma encomenda a um comerciante. — Apraz-me saber que não tereis dificuldade em dar resposta às nossas necessidades, Senhor Tecuma.

O Senhor dos Anasati empertigou-se ligeiramente. Esta rapariga era sagaz e não se deixara intimidar com a receção. Não obstante, o dia prometia ser longo e quente, e quanto mais depressa aquele assunto ridículo fosse resolvido, mais depressa poderia aproveitar uma piscina fresca, quiçá com alguma música durante o banho. Todavia, mesmo diante de um inimigo confesso, era necessário observar as cortêsias. Gesticulou impacientemente com o ceptro.

Chumaka respondeu com um sorriso melífluo e uma vénia quase impercetível. — Nesse caso, o que é que a Senhora dos Acoma propõe? — Se o pai de Mara fosse vivo, Sezu teria conduzido as negociações em nome do filho ou da filha. Mas, na qualidade de Governatriz, cabia-lhe a ela negociar todos os casamentos da sua casa, até mesmo o seu próprio, desde contratar os mediadores matrimoniais que iniciavam o contacto, até ao encontro com o Senhor dos Anasati.

Nacoya fez uma reverência, um movimento tão superficial que parecia o insulto da resposta. — A Senhora dos Acoma deseja...

— Um esposo — interrompeu Mara.

Ouviu-se um alvoroço por entre os presentes, rapidamente refreado

até um estado de ávida atenção. Todos haviam esperado que aquela presunçosa Governatriz dos Acoma solicitasse um consorte, mas que, aos olhos da lei, não pudesse partilhar a governação.

— Um esposo? — Chumaka ergueu as sobrancelhas, francamente curioso com o rumo dos acontecimentos. Era evidente que a proposta também surpreendera a Conselheira Principal dos Acoma, pois a anciã fitou estupefacta a rapariga por um instante antes de recuperar a compostura formal. Chumaka quase adivinhava o rumo que os acontecimentos seguiriam, mas não tinha a certeza, o que lhe causava um desconforto como uma comichão num sítio inacessível.

Mara respondeu em seu próprio nome, e a sua voz pareceu insignificante no espaçoso salão dos Anasati. — Sou demasiado jovem para esta pesada responsabilidade, meu senhor. Estava prestes a tornar-me uma sacerdotisa de Lashima escassos momentos antes de esta terrível honra cair sobre mim. A minha ignorância não se deve transformar num perigo para os Acoma. Plenamente consciente dos meus atos, procuro um filho dos Anasati que regresse comigo. Depois de casarmos, ele será o Governador dos Acoma.

O Senhor dos Anasati ficou sem palavras. De todos os pedidos possíveis, aquele ele não previra. De um momento para o outro, a rapariga exonerava-se do poder, e também transferia o controlo da sua família para os Anasati, que se encontravam entre os inimigos políticos mais antigos do seu pai. Tão inesperado fora o pedido que um coro de murmúrios irrompeu entre os presentes. Recuperando rapidamente a compostura, o Senhor dos Anasati silenciou os cortesãos com um olhar tenaz e um ligeiro aceno do ceptro.

Fitou intensamente o rosto daquela rapariga que ia procurar a mão de um dos seus filhos, depois disse abruptamente:

— Quereis transmitir a vossa honra para a minha casa, senhora. Posso saber porquê?

Os cortesãos anasati aguardaram imóveis pela resposta. O único movimento no salão era um súbito reflexo cintilante da luz que entrava pela porta e se espelhava nas vestes adornadas com pedras preciosas. Ignorando o encandeamento, Mara baixou os olhos como se estivesse envergonhada. — A minha posição é débil, Senhor Tecuma. As terras dos Acoma continuam sólidas e profícuas, mas eu não passo de uma rapariga com poucos recursos. Se a minha casa está votada a tornar-se um poder menor, pelo menos posso escolher aliados. O maior inimigo do meu pai era o Senhor dos Minwanabi. Não é segredo nenhum. A paz que reina entre vós e ele é uma questão de tempo. Mais cedo ou mais tarde haverá um confronto. — As suas pequenas mãos entrelaçaram-se sobre o regaço, e a sua voz subiu

de tom resolutamente. — Estou disposta a aliar-me a quem possa, um dia, destruir o homem responsável pela morte do meu pai!

O Conselheiro Principal virou-se para o Senhor dos Anasati de modo a que nenhum presente no salão conseguisse ver o seu rosto. Constava que pelo menos um dos guardas dos Acoma seria um espião que soubesse ler os lábios. Murmurou ao ouvido do Senhor Tecuma. — Não acredito numa palavra do que diz, senhor.

O Senhor Tecuma inclinou a cabeça e respondeu por entre dentes. — Nem eu. No entanto, se esta rapariga aceitar o Jiro como Senhor dos Acoma, eu ganho uma grande casa como aliado vitalício, o meu filho ascende a um posto que eu nunca poderia sonhar, e ela tem razão: mais cedo ou mais tarde, terá de haver um confronto final com o Jingu dos Minwanabi. Se destruímos os Minwanabi, um filho meu será senhor de uma das Cinco Grandes Famílias.

Chumaka abanou a cabeça num ínfimo movimento de resignação. O seu senhor estaria a pensar que um dia descendentes das suas duas casas poderiam concorrer ao posto de Senhor da Guerra.

— Além disso, ela não será mais do que a esposa do Governador. O seu esposo ditará as políticas dos Acoma. Não, Chumaka, seja qual for o estratagema de Mara, estamos perante uma oportunidade demasiado boa para ignorar. Não creio que esta rapariga seja suficientemente inteligente para nos ludibriar quando o Jiro governar os Acoma.

Tecuma olhou de relance para os três filhos e vislumbrou Jiro a examinar Mara com interesse. A julgar pela intensidade do seu interesse, o segundo filho considerava o posto e a rapariga interessantes; como jovem sensível que era, receberia de braços abertos um enlace matrimonial. Naquele instante, o rapaz procurou o olhar do pai e acenou afirmativamente. A expressão de Jiro era demasiado ávida e o seu aceno demasiado empolgado para o gosto de Tecuma. O rapaz sabia que o poder estava a um quase-nada do seu alcance e cobiçava-o abertamente. Tecuma quase suspirou; Jiro era jovem e iria aprender. No entanto, havia uma nota discordante em tudo aquilo que não era do agrado do ancião. Por instantes, considerou a possibilidade de mandar a rapariga embora, deixando-a à mercê implacável dos Minwanabi. Mas a ambição impediu-o. A possibilidade de o seu filho subir a um posto até aqui impensável, aliada ao prazer de ver a filha de um velho inimigo sob rédea curta e, finalmente, a submeter-se-lhe, derrubou o seu último vestígio de dúvida. Fazendo sinal para que o conselheiro se afastasse, o Senhor dos Anasati virou-se para encarar Mara. — Fizestes uma escolha sensata, minha filha. — Ao tratá-la por «filha», selou irrevogavelmente a sua aceitação da oferta de matrimónio diante de testemunhas. — Quem desejais desposar?

Nacoya mal conseguia esconder a indignação, e o vigoroso abanar do leque não conseguia refrescar-lhe o rosto nem ocultar o enraivecido tremor da mão perante tal traição. Mara sorriu. Assemelhando-se a uma criança cujos pais afastaram os pesadelos de demónios durante a noite, permitiu que dois oficiais a ajudassem a levantar-se. Segundo mandava a tradição, agora tinha de escolher o noivo. Tecuma dos Anasati não desconfiou de nada quando a sua futura nora se levantou da liteira. Menosprezou a súbita agitação do seu Conselheiro Principal quando a rapariga se dirigiu na direção de Jiro, com passos afetados por força do que lhe permitia o volumoso vestido cerimonial. A luz refletiu nas joias do toucado quando passou de frente dos coxins onde os três filhos estavam sentados com a indumentária da corte. Halesko e Buntokapi observavam o irmão Jiro com diferentes expressões, a de Halesko a transparecer algo como orgulho, enquanto o mais jovem denotava uma franca indiferença.

Mara realizou a reverência formal de uma rapariga prometida e avançou um passo. Sem hesitar, pousou a mão no ombro do terceiro filho do Senhor dos Anasati e disse:

— Buntokapi dos Anasati, quereis ser Senhor dos Acoma?

— Eu sabia! — murmurou Chumaka. — Assim que ela desceu da liteira, eu sabia que seria o Bunto. — Voltou as suas atenções para Nacoya, que continuava a esconder o rosto por detrás do leque, mas cujos olhos já não faiscavam de raiva, e não revelavam agora qualquer emoção. Chumaka sentiu uma súbita ferroadada de incerteza. Teriam todos subestimado assim tanto a rapariga? Recuperando a compostura, voltou a atenção para o seu senhor.

No lugar de honra do senhor, sobranceiro à silenciosa e estupefacta corte dos Anasati, Tecuma continuava sentado com um sentimento de perda. O seu corpulento terceiro filho levantou-se e caminhou desajeitadamente até ao lado de Mara com um sorriso presunçoso de autocongratulação estampado no rosto. O Senhor dos Anasati gesticulou para que Chumaka se apressasse a ir junto dele, e quando o Conselheiro Principal o fez, murmurou-lhe ao ouvido: — O que vem a ser isto? Porquê o Bunto, de entre todos os meus filhos?

Chumaka respondeu em voz baixa: — Ela procura um marido que possa controlar.

Tecuma franziu o cenho com um desagrado tempestivo. — Tenho de a impedir.

— Meu senhor, não podeis. O ritual já vai demasiadamente avançado. Se anulardes o acordo prévio, deveis matar a senhora e todos os seus guerreiros neste preciso instante. Devo recordar-vos — acrescentou, parecendo que o seu colarinho tinha ficado demasiado apertado ao contemplar

os cinquenta guardas acoma a apenas alguns passos de distância — de que os vossos soldados estão no *exterior* do edifício. Mesmo que sobrevivêsseis a tamanha sangria, o que me parece improvável, perderíeis toda a honra.

A última observação combaliu-o, pois Tecuma reconheceu a realidade. Ainda que acabasse naquele instante com a existência de Mara, não lhe restaria uma posição moral; a sua palavra deixaria de ter qualquer valor no Conselho, e deitaria a perder o seu considerável poder para nada. Ruborizado de raiva, sussurrou irascivelmente:

— Se ao menos aquele idiota do minwanabi tivesse liquidado a cadela no mês passado!

Depois, quando Mara olhou para ele com aparente inocência, tentou recompor-se. — Devemos fazê-la provar do próprio veneno e aproveitar a vantagem, Chumaka. O Jiro continua livre para fazer uma sólida aliança, e o Bunto... — Não terminou a frase. — Nunca pensei que chegasse tão longe. Agora, será o senhor de uma Grande Casa. Esta rapariga pode ter conseguido um marido dócil, mas ela não passa de uma virgem inexperiente da Ordem de Lashima. O Buntokapi será o seu soberano, Governador dos Acoma, e ele é *meu* filho. Pela honra dos Anasati, ele fará o que eu mandar.

Chumaka observou o improvável par regressar pelo estrado. Esforçou-se por ocultar o seu desagrado quando Buntokapi dobrou as pernas tortas e se sentou desajeitadamente ao lado de Mara na liteira dos Acoma. A sua expressão obtusa e de tédio já havia mudado para uma que nunca nenhum dos presentes vira nele; os lábios do rapaz franziam-se com uma soberba que roçava a arrogância. Algo há muito adormecido em Buntokapi despertava agora, aquela mesma ânsia de poder que Jiro evidenciara há instantes. Só que para Buntokapi não se tratava de um sonho, mas de algo agora ao seu alcance. A julgar pelo seu olhar e pela súbita autoconfiança que lhe transparecia no sorriso, era evidente que preferia dar a vida a deixar escapar aquela possibilidade de poder. — Espero que tenhais razão, meu senhor — disse o Conselheiro Principal a Tecuma.

Com um ar desgrenhado debaixo das elaboradas camadas da sua vestimenta, o Governador dos Anasati ignorou o comentário. Porém, ao longo de todas as formalidades, e enquanto o séquito de Mara completava o rito matrimonial e abandonava o salão, Chumaka observou os laços nas costas da elaborada roupagem do seu senhor tremerem de raiva. O Conselheiro Principal dos Anasati sabia que mesmo embrulhada em pano sufocante, a *killwing* não é menos mortífera.

Nacoya debatia-se com a fadiga. A idade e a tensão haviam tornado o dia extremamente longo. A demorada e vigorosa viagem, associada ao calor que se fazia sentir no grande salão e o choque do comportamento inesperado de Mara, deixaram a velha ama no limite das suas forças. Não

obstante, ela era tsurani, e acoma, e agora também Conselheira Principal; preferia ser levada em braços inconscientes antes de desonrar a sua casa ao pedir licença para se retirar.

Os tradicionais festins esponsais eram sumptuosos, dignos dos filhos dos Anasati. Porém, a ocasião foi estranhamento refreada, pois ninguém sabia exatamente o que estava a ser celebrado. Mara estivera silenciosa durante o início do festim, não dizendo nada de importante a quem quer que fosse. Os seus oficiais, Keyoke, Papewaio e Tasido, permaneciam sentados numa pose rigidamente formal, sorvendo pouco ou nenhum vinho de *sā*. Pelo menos, pensava Nacoya, a brisa noturna estava a soprar. Agora, o grande salão estava apenas ameno, não sufocante como se apresentara ao longo do dia.

As atenções recaíam sobre a mesa onde os Acoma estavam sentados. Todos os convidados presentes eram servidores ou aliados dos Anasati, e todos tentavam compreender as implicações da escolha de Mara para marido. À primeira vista, a rapariga dera o controlo da sua casa em troca da garantia de segurança, uma jogada que ninguém aplaudiria, mas que não era totalmente desprovida de honra. Embora os Acoma ficassem dependentes dos Anasati durante muitos anos, no futuro um jovem Senhor dos Acoma poderia ascender e agarrar a sua oportunidade no Jogo do Conselho, forjando novas alianças; entretanto, o nome Acoma obtinha a proteção de que necessitava para prosseguir. Mas para aquela geração de servidores dos Acoma, o matrimónio de Mara era uma amarga admissão de fraqueza. Sentindo frio apesar do calor de verão, Nacoya puxou um xaile de franjas por cima dos ombros.

Olhou de relance para a cabeceira da mesa e perscrutou Tecuma. O Senhor dos Anasati também se mostrara reservado durante o festim, bastante melancólico para um homem que acabara de infligir um impensável golpe sobre um antigo rival. Apesar de o facto de Buntokapi ficar à frente da governação dos Acoma ser um enorme avanço no Jogo do Conselho, parecia tão preocupado quanto Nacoya em relação ao casamento, embora por diferentes motivos. O seu filho era um desconhecido.

Nacoya mudou as atenções. Buntokapi parecia ser o único conviva que efetivamente se divertia; após uma hora durante a qual, embriagado, repetiu insistentemente aos irmãos que eles não eram melhores do que ele, gritara por cima da mesa na direção de Jiro que, a partir de então, um segundo filho teria de prestar vassalagem a um terceiro filho sempre que se cruzassem. A julgar pelo sorriso sentido e gélido do rosto do irmão mais velho, essas ocasiões não viriam a ser muitas. À medida que a noite avançava, Buntokapi acalmou-se e resmungou em voz alta com a cabeça sobre o

prato, quase estático devido à ingestão de vinho de *sã* durante o jantar e de aguardente de *acamel* depois.

Nacoya abanou tenuemente a cabeça. Jiro contemplara demorada e rispivamente Mara após a primeira proclamação de prioridade do irmão; à medida que o jantar avançava, tornava-se evidente que a rapariga arranjara outro inimigo. Nessa tarde, Jiro poderia ter pensado que viria a ser Senhor dos Acoma durante breves instantes, mas essa breve convicção fora o suficiente para se sentir traído, para sentir que Buntokapi envergava um manto que, por direito, lhe cabia a ele. O facto de a frustração de Jiro não se dever a nada mais do que expectativas próprias não concretizadas, nada significava. Culpava Mara. Quando Tecuma mandara os criados trazerem vinho de *sã* para os convidados, Jiro mal molhara os lábios. Saíra na primeira oportunidade em que o pôde fazer sem que isso fosse considerado insultuoso. Extenuada, Nacoya voltou novamente as atenções para a cabeceira da mesa.

Tecuma contemplou longa e rispivamente Buntokapi, depois falou em voz baixa para Mara, que olhou de relance para o futuro marido e acenou com a cabeça em concordância. Buntokapi pestanejou, fazendo um esforço para acompanhar a troca de impressões, mas obviamente demasiado embriagado para perceber. Tecuma falou com Chumaka, que fez sinal para dois criados. Quando o ar fresco da noite permitiu a Nacoya recuperar o fôlego, dois robustos criados levaram para a cama o futuro Senhor dos Acoma. Mara aguardou o momento oportuno, depois pediu licença para se ausentar. Tecuma anuiu bruscamente e toda a comitiva se levantou em reverência à futura noiva.

Os músicos, que tinham tocado durante a noite, executaram a ária apropriada enquanto Mara se despedia dos convivas. Quando se levantava com os outros elementos da comitiva dos Acoma, Nacoya reparou na aproximação de Chumaka.

— Partireis em breve? — indagou.

Nacoya anuiu. — Amanhã. A minha senhora deseja regressar imediatamente para as nossas propriedades de modo a que possa dar início aos preparativos para o casamento e para a chegada do novo senhor.

Chumaka estendeu as mãos a indicar que tal não representava um problema. — Mandarei um escriba trabalhar durante a noite. Os documentos matrimoniais estarão prontos para serem assinados antes da vossa partida. — Deu meia-volta para se ir embora, e então disse algo invulgarmente sincero: — Para bem de todos nós, espero que a vossa senhora não tenha cometido um erro.

Apanhada desprevenida, Nacoya optou por não fazer um comentário direto. Em vez disso, disse:

— Só posso esperar que os deuses queiram abençoar esta união.

Chumaka sorriu. — É claro, tal como todos nós. Então, até amanhã?

Nacoya anuiu e virou-lhe costas, fazendo sinal para que os dois servidores que ainda ali estavam a acompanhassem. Enquanto um criado dos Anasati a conduzia para os seus aposentos, pensou nas inesperadas palavras de Chumaka e ficou a cismar se ele não teria razão.

Apoeira revolteava debaixo dos pés dos guerreiros em marcha enquanto o séquito dos Acoma avançava lentamente para se juntar aos restantes soldados à espera no acampamento junto à ponte que assinalava a fronteira das propriedades dos Anasati. Nacoya mantivera-se em silêncio desde que se juntara a Mara nos coxins do enorme palanquim. Fossem quais fossem os planos da Governatriz, ela não os divulgara a ninguém, e Nacoya decidiu não fazer perguntas. Ainda que estivesse a ocupar o cargo de Conselheira Principal, não podia intervir a menos que lhe fosse solicitado; todavia, uma velha ama podia dar conta das suas preocupações. Recordando imagens da incivilidade de Buntokapi no banquete da noite anterior, Nacoya dirigiu-se num tom ríspido à sua pupila. — Espero que o consigais controlar, minha senhora.

Ao despertar dos seus pensamentos, os olhos de Mara focaram-se. — O quê? Ah, o Bunto. Ele é como um *needra* macho a farejar as fêmeas na época do acasalamento, Nacoya. Tem o cérebro entre as pernas. Acredito que ele é exatamente o homem de que precisamos para atingirmos aquilo que almejamos.

Nacoya murmurou entre dentes. Depois de ultrapassar o choque de a escolha de Mara recair sobre Buntokapi, a idosa pressentira um plano mais vasto. Mara não estava simplesmente a ceder o controlo da sua família aos Anasati em troca de preservar o nome Acoma. Desde o estratagema com os bandidos nas montanhas, a rapariga passara a confidenciar-lhe apenas aquilo que achava que Nacoya deveria saber. Aparentemente, quase de um dia para o outro, a inocente e protegida rapariga do templo demonstrara que já não era uma criança. Embora Nacoya tivesse dúvidas, até mesmo receios, relativamente à ingenuidade pertinaz da rapariga em relação aos homens, Mara já revelara convincentemente que era uma agressiva interveniente no Jogo do Conselho.

Nacoya analisou as virtudes e as fragilidades, os padrões e os poderes dos jogadores tendo em conta o novo compromisso da sua senhora. E o que observara em Buntokapi deixara-a convencida de que a sua adorada Mara o poderia ter subestimado. Havia algo no terceiro filho dos Anasati, algo perigoso que Nacoya não sabia muito bem como definir. Temendo a sorte da sua bem organizada casa sob a égide de tal

Governador, foi despertada do estado cismático pela voz de Mara. — O que será que se passa?

Nacoya afastou as cortinas. Olhando de esguelha para se proteger do brilho do Sol da tarde, vislumbrou soldados acoma em formatura ao longo do caminho onde tinham montado o acampamento. Porém, nenhum estava preparado para marchar; em vez disso, estavam virados de frente uns para os outros em dois grupos, separados por alguma distância. — Problemas, lamento informar — respondeu Nacoya brandamente.

Mara ordenou que a sua própria escolta parasse. Afastou o tecido diáfano e autorizou Keyoke a ir investigar.

Com uma ligeireza que desmentia a idade, o Comandante das Forças Armadas abandonou a cabeceira do cortejo e dirigiu-se para os soldados acoma. Os dois grupos acercaram-se dele, com vários homens a tentar falar ao mesmo tempo. Keyoke ordenou silêncio, e as vozes calaram-se imediatamente. Depois de fazer duas perguntas ordeiramente, regressou para junto de Mara. — Surgiram alguns problemas durante a nossa ausência, minha senhora. Já vos ponho ao corrente.

O bruxulear do calor adejava no ar por cima do caminho. Keyoke fez perguntas, recebeu respostas rápidas, e não tardou a escolher três homens. Fê-los marchar apressadamente até junto do palanquim da sua senhora. Mesmo por debaixo da sujidade e de reluzentes fios de suor, Mara conseguia ver as marcas das batalhas nos seus rostos.

— Este é o Selmon, minha senhora. — Keyoke indicou um homem que envergava uma túnica rasgada e os nós dos dedos ensanguentados.

— Eu sei. — A expressão de Mara encontrava-se oculta pela profunda sombra das cortinas. — Um dos recém-chegados. — Utilizava a expressão «recém-chegados» para se referir a todos aqueles que, até há pouco tempo, eram guerreiros cinzentos. — Como só tínhamos três oficiais, concedestes-lhe o posto de Líder de Patrulha.

Keyoke pareceu agradado com o facto de Mara ser conhecedora do modo como geria os soldados, mas nem por um instante desviou a atenção dos três soldados. — O Selmon pareceu-me à altura do desafio, mas se calhar enganei-me.

Mara perscrutou os outros dois homens. Um deles, Zataki, já conhecia há anos; quando era criança, chegara a brincar com ela e com Lanokota. Mara lembrava-se de que era irascível e aventurou-se a adivinhar a origem do problema. — Zataki, o Selmon deu-vos uma ordem e recusastes-vos a obedecer-lhe.

Zataki ergueu o queixo. — Minha senhora, este Selmon ordenou-nos que fizéssemos a primeira vigia enquanto ele e os seus companheiros descansavam e comiam após a longa marcha do dia.

Mara observou o terceiro homem. — E vós sois... Kartachaltaka, outro recém-chegado. Levastes a peito a desobediência do Zataki.

Kartachaltaka empertigou-se. — Minha senhora, ele e os outros julgam-se melhores do que nós e deixam as tarefas menos apetecíveis sempre que podem.

Mara voltou as atenções para Selmon. — Tomastes o partido deste homem?

Keyoke apressou-se a responder. — Não, minha senhora. Ele simplesmente tentou intervir e evitar o conflito. Ele agiu devidamente.

Mara levantou-se dos coxins. Sem esperar pela ajuda de Keyoke, desceu do palanquim e encarou os dois homens que tinham brigado. — De joelhos! — ordenou. Embora desse pelos ombros dos dois homens, a frágil rapariga de túnica amarela e sandálias não deixou qualquer dúvida de que era a derradeira autoridade dos Acoma.

Ouviu-se o tilintar das armaduras quando os dois homens se ajoelharam imediatamente numa posição de submissão. — Vinde até mim! — gritou Mara para os outros soldados. — Todos vós.

— Em formatura! — gritou Keyoke.

Em poucos segundos, todo o contingente formou virado para Mara, e os dois soldados continuaram ajoelhados com as costas voltadas para os camaradas.

— Qual é o castigo justo para estes dois? — perguntou Mara dirigindo-se a Keyoke.

Keyoke falou sem remorsos. — Minha senhora, estes homens devem ser enforcados sem mais delongas. — Mara levantou a cabeça quando cruzou o olhar de Keyoke. Não esperara que a punição fosse tão violenta. O Comandante das Forças Armadas coçou deliberadamente o maxilar com o polegar.

Avisada pelo gesto de Keyoke para o facto de que a sua decisão poderia acarretar graves consequências, Mara fitou Papewaio, que olhava em frente com uma expressão imperscrutável. Depois, quase impercetivelmente, assentiu com a cabeça uma vez, indicando que concordava totalmente com o veredito de Keyoke.

Mara sentiu algo esmorecer dentro de si. Sabia que se não atuasse pronta e inequivocamente, poderia ocorrer uma rotura entre os homens que a serviam há anos e os recém-chegados ao serviço dos Acoma. Agindo com frieza, dirigiu-se aos soldados. A sua voz transparecia uma raiva mal controlada. — Nesta guarnição, não há homens mais favorecidos! Deixou de haver «recém-chegados». Deixou de haver uma «velha guarda». Só soldados acoma que envergam o verde acoma. Todos vós fizestes uma jura de obediência e de dardes as vossas vidas ao serviço da Casa dos Acoma.

Percorreu decididamente as fileiras, contemplou um rosto rude após outro, até ter olhado nos olhos de todos os homens. — Conheço alguns de vós desde a infância. Outros estão connosco há poucas semanas, mas todos vós tendes a mesma responsabilidade de envergar o verde dos Acoma com honra. Acabei de me comprometer a outorgar esse nome a terceiros, no intuito de garantir que os Acoma continuarão a viver, e mais do que viver... a prosperar um dia! — O seu tom de voz ascendeu a um bramido, revelando inequivocamente a sua fúria a todos os soldados presentes. — Quem quer que se desonre envergando o verde dos Acoma desonra os Acoma... — e depois, num tom de voz sussurrante e implacável, acrescentou:

— ...desonra-me a mim.

Enquanto os homens permaneciam em formatura, os seus olhos adivinhavam apreensivos enquanto observavam Mara virar-se subitamente para confrontar os dois altercadores. Baixou a cabeça e dirigiu-se a Zataki. — Um oficial de patente superior à vossa, nomeado pelo vosso Comandante das Forças Armadas, deu-vos uma ordem. A vossa única opção era obedecer!

O homem caiu para a frente, encostando a testa à poeira acre do caminho. Não proferiu quaisquer palavras em sua defesa e a sua senhora voltou-se para Kartachaltaka. — E vós atacastes um irmão soldado em serviço! — disse.

O soldado repetiu o gesto de obediência abjeta de Zataki diante da sua senhora. As pulseiras tilintaram-lhe nos pulsos; forjadas em metal caro, eram a herança deixada pelo Senhor dos Anasati, e o facto de tal riqueza ser usada como adorno lembrou aos homens que se ajoelhavam perante ela qual era a sua posição. Prostraram-se no chão, transpirados, enquanto a sua senhora se dirigia ao Comandante das Forças Armadas. — Estes dois homens são culpados de traição à honra dos Acoma. Enforcai-os.

Ato contínuo, Keyoke deu instruções a soldados para que procedessem à execução. Por um ínfimo instante, Mara conseguiu ler algo nos olhos dos dois condenados: um tremeluzir de medo. Não de medo da morte, pois ambos os guerreiros teriam de bom grado recebido a morte sem hesitar; era o medo de serem condenados à vergonhosa morte dos escravos: por enforcamento. Ao perderem a honra de guerreiros, ambos sabiam que na próxima volta da Roda da Vida regressariam num nível inferior, como servos ou, quiçá, como escravos. Depois, a máscara apropriada dos Tsurani regressou. Apenas enfrentando adequadamente a mais pérfida de todas as mortes é que os dois homens poderiam esperar alguma clemência quando os seus espíritos fossem presos à Roda.

Mara parou imóvel diante da liteira, uma estátua de autocontrole empedernido, enquanto os soldados faziam os condenados marchar até uma

enorme árvore de ramos maciços. Despiram rapidamente as armaduras aos dois homens e amarraram-lhes as mãos atrás das costas. Sem cerimónia ou uma oração final, fizeram-se nós corrediços e passaram-se cordas sobre os ramos da árvore. Passaram-se as cordas pelas cabeças dos homens e o sinal foi dado. Meia dúzia de soldados puxaram com força as cordas, numa tentativa de partirem os pescoços dos homens e assim garantirem-lhes uma morte rápida e misericordiosa. O pescoço de Zataki partiu-se com um sonoro estalido e o seu corpo retesou-se, estremeceu por instantes, depois ficou a balançar inerte. A morte de Kartachaltaka foi mais dolorosa, pois foi lentamente estrangulado, esperneando e baloiçando, mas, no fim, também ele ficou pendurado inerte como um fruto amargo.

— Keyoke, para casa — disse Mara com uma voz que não transparecia qualquer emoção.

Abruptamente, o Sol parecia demasiado brilhante. Subjugada pelas mortes que ordenara, Mara chegou ao rebordo do dossel do palanquim, mantendo-se firme para não transparecer fraqueza aos olhos dos soldados. Fez sinal a um dos escravos, que lhe trouxe uma bebida de água adoçada com frutos. Sorveu lentamente, esforçando-se para recuperar a compostura, enquanto Keyoke ordenava aos homens em formatura o regresso a casa.

Nacoya mantivera os seus conselhos no abrigo da liteira, mas ao ver Mara imóvel, indagou:

— Minha senhora?

Mara devolveu o copo vazio ao escravo. — Já vou, Nacoya. Temos de partir. Há muito que fazer no mês que antecede o casamento. — Sem dizer outras palavras, subiu para a liteira. Quando os transportadores se baixaram para voltar a pegar no seu fardo, recostou-se nas almofadas ao lado de Nacoya e o seu silêncio melancólico regressou. Keyoke deu ordens de marcha e os soldados assumiram posições antes, depois e dos dois lados do palanquim, aparentando novamente serem um único grupo.

Mara começou a tremer, com os olhos arregalados e distantes. Sem proferir palavra, Nacoya passou o braço por cima dos ombros da rapariga. Os tremores continuaram quando o séquito dos Acoma começou a marcha, até que Mara estremeceu tão violentamente que Nacoya teve de cingir a rapariga com os braços. Em silêncio, a muito jovem Senhora dos Acoma virou o rosto para o ombro da sua ama e escondeu os soluços.

Ao aproximarem-se da fronteira da sua propriedade, Mara considerou as dificuldades que se avizinhavam. Apenas trocara algumas palavras com Keyoke e Nacoya desde que ordenara a execução dos dois soldados. Mara sabia que deveria ter previsto o conflito entre os antigos guerreiros cinzentos e os sobreviventes da guarnição do seu pai.

Sentindo-se culpada por não o ter feito, afastou a cortina da liteira e chamou o seu Comandante das Forças Armadas. — Keyoke — disse, assim que este chegou ao seu lado —, porque foi que o Selmon ordenou aos soldados mais antigos que fizessem a primeira vigia, em vez de enviar um grupo misto?

Se ficou surpreendido com a pergunta da sua senhora, não revelou qualquer indício. — Minha senhora, o Selmon errou ao tentar não antagonizar os soldados mais antigos. Pensou que, ao fazerem a primeira vigia, poderiam usufruir de um repouso ininterrupto desde a refeição até à vigia da manhã, e que apreciariam o facto. O Zataki era um jovem temperamental, e se algum de nós lá estivesse... — fez sinal para si mesmo, para Papewaio e para Tasido, os três oficiais que haviam acompanhado Mara à casa senhorial dos Anasati — nada disto teria acontecido. — Fez uma pausa ao ponderar sobre o que iria dizer de seguida. — Porém, o Selmon não agiu mal. O conflito alastrou-se a um combate aberto entre facções, mas ele conseguiu aplacar todos os ânimos exceto os dos que foram castigados.

Mara anuiu. — Quando chegarmos a casa, promovei o Selmon a Líder de Patrulha. As nossas forças atingiram um ponto em que necessitam de mais oficiais.

De seguida, Mara tomou uma daquelas decisões rápidas e resolutas que estavam a valer-lhe o respeito daqueles que a serviam. — Promovei também dois dos melhores homens da vossa guarda antiga. Escolhei os melhores soldados de entre os mais antigos da nossa família, talvez o Miaka, e tornei-o Líder de Ataques. Promovei também um dos recém-chegados. Aquele tratante do Lujan era o Líder de Ataques dos Kotai. Se não encontrardes outro candidato mais apto, promovei-o.

Keyoke encolheu os ombros pois não lobrigava nenhum candidato melhor entre os recém-chegados. Mara mostrou o seu agrado. — Quero acabar rapidamente com estes esquemas e alianças — acrescentou. — Não haverá favoritos. — Keyoke concordou com a cabeça e o seu semblante coriáceo revelou um ténue esboço de sorriso, a sua máxima expressão de aprovação. — Em breve, necessitarei de homens ao meu lado que obedecem sem hesitar — acrescentou, quase com os seus botões. — Não posso permitir que algo interfira com os meus planos.

Estava obviamente ocupada com as responsabilidades da governação. Keyoke estugou o passo até à cabeceira da coluna, pensando que a rapariga estava a tornar-se bastante parecida com o pai.

A medida que a liteira de Mara avançava pelos prados de *needra* dos Aco-ama, ela sentiu-se otimista pela primeira vez desde que deixara o Templo de Lashima. Tinha os pensamentos em alvoroço. Não iria debater as suas

ideias com ninguém, nem mesmo com Nacoya ou Keyoke. As suas ideias estavam a transformar-se em estratégias, o início de um plano de mestre que conduziria além da simples sobrevivência, até uma ambição que a deixava aturdida.

Com o passar do tempo, Mara esperava que os seus planos tivessem de ser alterados de modo a adaptarem-se às mudanças: alterações de poder e alianças não previstas no Jogo do Conselho. De muitas maneiras, a determinação vinha antes dos meios e do método; faltavam-lhe anos de aprendizagem antes que aquilo a que ela designava mentalmente de grande plano pudesse dar frutos. Mas o casamento com Buntokapi era o primeiro pequeno passo. Desde que deixara as terras dos Anasati, encontrara esperança, e a poderosa sedução dos novos sonhos.

Quando o palanquim balançou ao subir o caminho que levava à grande casa, deixou de pensar nos assuntos práticos. Luzes rutilavam na penumbra do lusco-fusco, mais do que os acontecimentos vulgares poderiam justificar. Sob a sua luz, Mara vislumbrou talvez uns oitenta homens reunidos à porta da cozinha, muitos deles a comer de gamelas. Lujan andava entre eles a falar e a gesticular expansivamente. À medida que o séquito se aproximava, alguns dos desconhecidos pousaram a refeição e levantaram-se. Os outros continuaram a comer, embora todos parecessem ansiosos.

Mara olhou de relance para Nacoya, mas a anciã estava a dormir, embalada pelo calor e pelo balançar da liteira ao longo da tarde. Quando baixaram o palanquim, Lujan acercou-se, fazendo uma vénia cortês enquanto Keyoke ajudava Mara a descer. Antes que ela conseguisse fazer alguma pergunta, o antigo chefe dos bandidos disse:

— Minha senhora, estes são todos homens de valor, pelo menos na medida em que consigo avaliar tais coisas. Todos gostariam de entrar para o vosso serviço.

— Soldados? — Mostrando-se imediatamente interessado, Keyoke largou a mão de Mara.

Lujan tirou o capacete, e o brilho das candeias refletiu-se como faíscas nos seus olhos furtivos. — Infelizmente, apenas alguns, meu comandante. Mas os outros são armeiros, sapateiros, construtores de carroças e outros artesãos especializados, bem como dois agricultores.

— Ótimo, não me restam muitas terras para atribuir a novos agricultores. E então, quantos são soldados?

— Trinta e três. — Lujan deu um passo ao lado com uma graciosidade mais digna de um dançarino do que de um guerreiro. Ajudou Nacoya, que acabara de acordar, a descer do palanquim. Todavia, não desviou a atenção da sua senhora.

Mara fez os cálculos. — Com estes homens, a nossa guarnição contará

com mais de trezentos soldados. A nossa situação deixa de ser de impotência, e passa a ser apenas de desespero.

— Precisamos de mais soldados — concluiu Nacoya mordazmente. Foi a arrastar os pés na direção da casa, mais rabugenta do que o habitual devido ao sono.

Lujan passou o elmo da mão direita para a esquerda. — Minha senhora, arranjar mais homens revelar-se-á difícil. Convocámos todos os guerreiros cinzentos a uma distância razoável das vossas fronteiras. Para encontrarmos mais, teremos de abandonar estas terras e viajar.

— Mas sabeis onde procurá-los — declarou Mara, com os olhos fixos nas mãos que continuavam a entreter-se com o capacete.

Lujan devolveu-lhe um sorriso dissoluto. — Minha senhora, sofro de uma escassez de humildade, eu sei, mas vivi em todos os antros de bandidos, daqui até Ambolina, desde a queda da Casa dos Kotai. Sei onde procurar.

— De quanto tempo precisais?

Um brilho malicioso trespassou-lhe o olhar. — Quantos homens desejais recrutar, minha senhora?

— Mil; dois mil seria melhor.

— Ah, minha senhora, para recrutar mil homens necessitaria de três ou quatro meses. — O elmo imobilizou-se enquanto Lujan ponderava. — Se pudesse levar comigo alguns homens de confiança, talvez conseguisse reduzir esse período para seis semanas. Dois mil...?

As pulseiras de Mara tilintaram quando ela gesticulou impacientemente. — Tendes três semanas. Os recrutas devem ser trazidos aqui, fazer o juramento e estar integrados nas nossas forças dentro de um mês.

O sorriso de Lujan transformou-se num esgar. — Minha senhora, por vós, eu enfrentaria desarmado cavaleiros thun, mas o que pedis é um prodígio.

A penumbra da noite encobriu o rubor de Mara, mas revelou um fervor pouco comum ao fazer sinal a Papewaio. No instante em que o seu Líder de Ataques completou a vénia, ela disse:

— Encontrai alguns homens de confiança para o Lujan. — De seguida, observou o antigo fora-da-lei, avaliando-o. — Escolhei soldados antigos e recém-chegados. Quiçá algum tempo em viagem juntos os convença de que têm mais em comum do que o contrário. — De seguida, acrescentou:

— Escolhei homens que considereis que possam vir a ser problemáticos.

Lujan não pareceu afetado pela ideia. — Homens problemáticos não são novidade para mim, minha senhora. — O seu sorriso alargou-se. — Antes de ter ascendido a oficial, atrevo-me a confessar que eu próprio era um homem problemático.

— Não duvido — comentou Keyoke. Imóvel na escuridão, todos o haviam esquecido. O antigo líder dos bandidos sobressaltou-se um pouco e mostrou-se prontamente mais contido.

— Deveis viajar o mais depressa e o mais longe possível durante doze dias, Lujan — ordenou Mara. — Recrutai o máximo possível de homens de confiança. Depois regressai. Se não conseguirdes dois mil, trazei duzentos, e se não conseguirdes duzentos, trazei vinte, mas que sejam bons guerreiros. — Lujan anuiu, depois fez uma reverência perfeita que lhe valeu um sorriso da parte de Mara. — Agora, mostrai-me os que arranjastes esta noite.

Lujan acompanhou Mara e Keyoke até ao local onde os homens andrajosos estavam sentados. Todos se levantaram à aproximação da Senhora dos Acoma, e vários ajoelharam-se. Aos olhos daqueles que tinham conhecido as agruras do banditismo, ela parecia uma princesa imperial com as suas joias e roupas finas. Os mais rudes escutaram respeitosamente enquanto Mara repetia a proposta que fizera a Lujan e aos seus seguidores no caminho das montanhas; e tal como três outros grupos desde então, quase sessenta trabalhadores especializados levantaram-se para aceitarem alojamento e trabalho delegado por Jican. Mara sorriu ao constatar o brilho nos olhos do seu *hadonra* enquanto este ponderava como poderia transformar a mão-de-obra em lucro profícuo; e seriam necessários armeiros se Lujan conseguisse recrutar os tão esperados novos guerreiros. A multidão diminuiu e parte do alvoroço abrandou à medida que os trabalhadores seguiam Jican.

— Minha senhora, estes são trinta e três guerreiros bastante experientes dispostos a prestar juramento diante do *natami* dos Acoma — anunciou Lujan, referindo-se aos homens que restavam.

— Explicastes-lhes tudo?

— Atrevo-me a dizer que tão bem quanto qualquer outra pessoa, à exceção de vós, evidentemente. — Como Keyoke resfolegou em jeito de reprovação, Mara voltou-se para ver se o antigo líder dos bandidos estava a zombar dela; não estava, pelo menos não abertamente. Subitamente ciente da estranha atração que este homem exercia sobre ela, reconheceu nele a mesma finura manhosa que adorara no seu irmão, Lanokota. A sua provocação fez com que o sangue lhe subisse às faces. Limpou apressadamente a testa como se o calor estivesse a fazê-la transpirar. Este homem não era do seu sangue, nem sequer um senhor de patente igual à dela; sem saber bem como reagir após meses de isolamento no templo, dedicou-se com firmeza à tarefa que se impunha. Todos os homens estavam aptos, ainda que malnutridos, e pareciam voluntariosos, à exceção de dois que permaneciam sentados um pouco afastados. Um deles trocou olhares com Lujan.

— Conheceis este homem? — indagou Mara.

Lujan soltou uma gargalhada. — Efetivamente conheço, minha senhora. Este é o Saric, meu primo, que serviu o Senhor dos Tuscai. Antes de abandonar as propriedades dos Kotai, era o meu companheiro mais íntimo.

— Ele é um soldado hábil? — perguntou Mara numa tentativa de responder a Lujan com uma provocação.

Lujan arreganhou os dentes e o seu primo devolveu-lhe um sorriso igualmente rasgado. — Minha senhora, ele é um soldado tão hábil quanto eu.

— Nesse caso, está resolvido. — Mara deu uma palmada no elmo que continuava a baloiçar no pulso de Lujan e ao qual chamavam de vaso de soldado, tal era a sua ausência de enfeites. — Eu ia pedir-vos que lhe entregásseis esse elmo e usásseis um com a pluma de oficial. O Keyoke tinha ordens para vos promover a Líder de Ataques, mas uma vez que ides estar ausente durante três semanas, mais vale promover o vosso primo na vossa vez.

— Bem, ele é quase tão hábil quanto eu, minha senhora — disse Lujan sem perder o sorriso. Depois, falou num tom um pouco mais sério. — Se me permitis, gostaria de o levar comigo. Não quero faltar ao respeito a qualquer outro soldado da guarnição, mas não há nenhum outro homem que gostasse mais de ter ao meu lado com uma espada. — A seguir, o seu tom de voz tornou-se outra vez alegre. — Além disso, o melhor será mesmo que o grupo seja composto apenas por desordeiros.

Mara não resistiu. Pela primeira vez desde a morte de Lano, o cenho franzido desapareceu totalmente do seu semblante, e à luz da lamparina revelou um sorriso surpreendentemente adorável. — Nesse caso, o melhor será pedirdes a vossa pluma ao Keyoke, Líder de Ataques. — Virou-se para o recém-chegado. — Bem-vindo, Saric.

O homem baixou a cabeça. — Minha senhora, a vossa honra é a minha honra. Com a ajuda dos deuses, morrerei guerreiro, não em breve, espero, e ao serviço de uma beleza como a vossa, morrerei feliz.

Erguendo as sobrancelhas, Mara olhou de relance para os dois homens. — Vejo que a lisonja vos corre no sangue, bem como uma certa atitude informal para com os superiores. — De seguida, fez sinal para o outro homem que estava sentado com Saric. Envergava vestes simples e sandálias de couro. Tinha um corte de cabelo indefinido, diferente do corte curto dos guerreiros, dos caracóis à moda dos comerciantes, ou do cabelo desganhado dos trabalhadores. — Quem é este?

O homem levantou-se enquanto Saric explicava. — Este é o Arakasi, minha senhora. Também prestava serviço ao meu senhor, embora não fosse soldado.

O homem era de estatura média e tinha feições regulares. Porém, os

seus modos não evidenciavam a altivez dos guerreiros nem a deferência dos trabalhadores. Subitamente hesitante, Mara indagou:

— Nesse caso, porque não acompanhastes os artífices e os trabalhadores?

Os olhos negros de Arakasi reluziram ligeiramente, quiçá de regozijo, mas o seu semblante permaneceu inexpressivo. Depois mudou. Embora mal se tenha mexido, o seu comportamento mudou; inesperadamente, pareceu um distante e confiante estudioso. Foi então que Mara reparou em algo que deveria ter visto imediatamente: a sua pele não estava, de modo algum, tisonada como a pele dos trabalhadores. As suas mãos revelavam alguma robustez, mas não as espessas almofadas de calos criados pela labuta com ferramentas ou armas. — Minha senhora, eu não sou agricultor.

Algo deixou Keyoke de sobreaviso, pois não hesitou em interpor-se entre a sua senhora e o desconhecido. — Se não sois agricultor nem soldado, o que sois? Comerciante, marinheiro, homem de negócios, sacerdote?

— Minha senhora — respondeu Arakasi, quase sem dar conta da intervenção de Keyoke —, no meu tempo, fui tudo isso. Certa vez, fui convidado do vosso pai disfarçado de sacerdote de Hantukama. Já assumi as identidades de soldado, comerciante, mestre escravagista, proxeneta, pescador, até de marinheiro e pedinte.

Isto explicava algumas coisas, pensou Mara, mas não todas. — A quem devíeis lealdade?

Arakasi fez uma vénia brusca, com a graça e a destreza de um nobre. — Fui servo do Senhor dos Tuscai, antes de os malditos Minwanabi o terem matado em batalha. Eu era o seu Mestre Espião.

Mara arregalou os olhos não obstante a tentativa de se controlar. — O seu Mestre Espião?

O homem empertigou-se, com um sorriso que não era irónico. — Sim, minha senhora. Há um motivo, acima de qualquer outro, para que me queirais ao vosso serviço: o meu falecido Senhor dos Tuscai gastou a maior parte da sua fortuna a criar uma rede de informadores, rede essa que eu supervisionava, e que contava com agentes em todas as cidades do Império e espões em muitas grandes casas. — Baixou o tom de voz, num misto de relutância e orgulho. — Essa rede ainda existe.

Subitamente, Keyoke coçou o queixo com o polegar.

Mara aclarou a garganta, mirando com interesse Arakasi, cuja aparência parecia mudar de um instante para o outro. — Essas coisas não devem ser faladas no exterior. — Olhou em redor. — Ainda estou coberta de poeira da viagem, e desde o meio-dia que não faço uma pausa para me refrescar. Ide ao meu encontro aos meus aposentos dentro de uma hora. Até lá, o Papewaio velará pelas vossas necessidades.

Arakasi fez uma vénia e foi juntar-se a Papewaio, que fez sinal para que o Mestre Espião o seguisse até aos balneários junto às casernas.

Deixada com Keyoke e na presença de trinta e três guerreiros sem senhor, Mara permaneceu envolta em pensamentos.

— O Mestre Espião dos Tuscai — disse, após um intervalo em silêncio. — O meu pai sempre disse que o Senhor dos Tuscai sabia mais do que lhe era devido por direito aos olhos dos deuses — acrescentou, virando-se para Keyoke. — Havia quem brincasse e dissesse que ele tinha um mago com uma bola de cristal escondido num cofre por debaixo do seu estúdio. Acreditais que este Arakasi era o segredo?

Keyoke não deu uma resposta direta. — Tende cuidado com ele, minha senhora. Um homem que espia não faz bom uso da honestidade. Fizestes bem em mandá-lo embora com o Papewaio.

— Leal Keyoke — disse Mara com afeto na voz. Inclinou a cabeça sob a luz do archote e indicou o grupo andrajoso de homens que aguardavam o seu comando. — Achais que conseguis que estes homens prestem juramento junto ao *natami*, e ainda terdes tempo para um banho e jantar?

— Tenho de conseguir. — O Comandante das Forças Armadas encolheu os ombros ironicamente, algo que nele era raro. — Só os deuses sabem como é que cheguei a esta idade a trabalhar tanto. — Antes que Mara conseguisse responder, gritou um comando, e como soldados treinados que eram, os homens esfarrapados que se aglomeravam no pátio, obedeceram à voz de comando.